



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MYRLENE PEREIRA SANTOS

**A MARCA DA LAMA:**

**UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DO DESASTRE NA BACIA DO RIO DOCE  
SOBRE A ESTIMA DE LUGAR DE PESSOAS ATINGIDAS**

VITÓRIA - ES

2022

MYRLENE PEREIRA SANTOS

**A MARCA DA LAMA:**

**UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DO DESASTRE NA BACIA DO RIO DOCE  
SOBRE A ESTIMA DE LUGAR DE PESSOAS ATINGIDAS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Smith Menandro.

VITÓRIA - ES

2022

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Elza e Valdemar, por todo amor dedicado, por apoiarem meus sonhos e meus passos, especialmente por me proporcionarem e incentivarem no acesso à educação, mesmo quando as condições objetivas e financeiras tornaram difíceis.

A minha irmã, Yeda, por compartilhar e abraçar comigo a paixão pela Psicologia como ciência, além de dividir todos os percalços e vitórias, análises e críticas, estudos e fazeres da profissão.

Aos meus irmãos Carlos, Marcos, Márcio e minha cunhada Jeane, pela base, o companheirismo e carinho de sempre. Ao meu irmão Renato, que não está mais entre nós, minha gratidão e amor eterno.

Aos meus sobrinhos, sobrinhas e afilhada e afilhado amados. Vocês são quem acalenta meu coração.

Com grande carinho, agradeço especialmente a minha madrinha, Maria José, exemplo de dedicação à educação, por seus ensinamentos em sala de aula e na vida, transmitindo seu amor pela docência. Ao meu padrinho, Mariano, que sempre me amou como filha e por ser quem eu mais sinto falta neste momento de realização. Te amarei eternamente.

Às minhas tias, tios e primos tão queridos que, mesmo distantes, sempre vibraram com minhas conquistas. Em especial, agradeço à tia Dora e tio Chico, tia Fátima e tio Paulo por me acolherem com carinho de pais em suas casas quando iniciei a preparação para essa jornada acadêmica.

Aos amigos e as amigas de Ponto dos Volantes, de São João del Rei, de Betim e de todos os caminhos da vida. Sem seus ombros, conselhos, diversões e carinhos, a vida não teria graça. À Leandro, que nunca esquecerei.

À Universidade Federal do Espírito Santo, principalmente ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGP, pela estrutura, pela história e por me permitir fazer ciência em tempos em que se faz tão necessário.

À minha orientadora, Cristina, pelo apoio, pela compreensão, pelas prorrogações de prazo e por acreditar na minha proposta acadêmica, mas principalmente na minha história. Aos demais mestres do PPGP por todo o ensinamento e partilha científico. Aos componentes da minha banca de qualificação e defesa e aos demais estudiosos da Psicologia Ambiental por toda a construção teórica.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo, especialmente aos professores Gustavo Massola e Bernardo Svartman. Conhecer e aprender sobre Psicologia Ambiental com vocês foi um dos maiores privilégios que já tive.

À Associação Brasileira de Psicologia Ambiental e Relações Pessoa-Ambiente (ABRAPA) pelo acúmulo e por difundirem essa ciência tão essencial.

À Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais e à Associação Estadual de Defesa Ambiental e Estadual – AEDAS, pela luta junto aos atingidos e por proporcionarem o fazer técnico e a luta, tão árdua, meu agradecimento pela oportunidade de trabalho e crescimento pessoal e profissional. Ao Movimento pela Soberania Popular Frente à Mineração (MAM) por lutar por um país soberano e sério, contra o saque dos nossos minérios.

Àos atingidos e atingidas pela mineração da Samarco em Mariana, com especial carinho ao seu Herculino e seu Gerônimo, e aos atingidos e atingidas pela Vale em Brumadinho, meus mais sinceros agradecimentos pela partilha, pelos ensinamentos mesmo em meio à dor, por ensinar quanto vale a vida e o nosso lugar. A luta pela reparação integral é justa e necessária.

O Rio? É doce.

A Vale? Amarga.

Ai, antes fosse

Mais leve a carga.”

Carlos Drummond de Andrade

"Minas são muitas.

Porém, poucos são aqueles que conhecem as mil faces das Gerais"

Guimarães Rosa

## RESUMO

O estudo proposto por esta pesquisa objetivou investigar repercussões do desastre socioambiental provocado pelo rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana-MG, sobre as pessoas atingidas na comunidade Paracatu de Baixo. Buscou-se compreender os impactos psicossociais do deslocamento compulsório, as alterações no que diz respeito à Estima de Lugar nos quadros presente, passado e futuro e a possibilidade de Reenraizamento destas pessoas. Fundamentados nos conceitos de Estima de Lugar e o Enraizamento advindos da Psicologia Ambiental, e apoiados pela teoria dos Conflitos Ambientais, foram utilizados como métodos de pesquisa qualitativa: Pesquisa Documental, Mapas Afetivos aplicados virtualmente e Entrevistas *On Line*. Procedeu-se a análise de conteúdo para os dados coletados através da Pesquisa Documental e das Entrevistas, que também contaram com a construção de zonas de sentido. Os Mapas Afetivos foram submetidos a análises categoriais do subtexto, do sentido e do motivo. Os resultados obtidos demonstraram impactos psicossociais sobre a possibilidade de reprodução dos modos de vida anteriores, seja pela infraestrutura e mobilidade; impedindo com que se sintam em casa em seu atual local de moradia; a negação da identidade individual e familiar pelo não reconhecimento dos novos núcleos familiares; a negação da reprodução da identidade coletiva, pela indefinição quanto aos espaços públicos principalmente para o lazer e as manifestações culturais coletivas; além da espera infinita da conclusão das medidas de reparação, que impende uma projeção de vida. No que diz respeito às estimas identificadas, com relação ao lugar do passado – Paracatu de Baixo – a Estima Potencializadora de Pertencimento foi a que prevaleceu, evidenciando o enraizamento dos antigos moradores com aquele lugar. Sobre os lugares de moradia atual, houve presença marcante da Estima Despotencializadora de Insegurança, para aqueles mais identificados com a identidade rural e, assim, não conseguiram se reenraizar no novo ambiente de moradia; e estima de Agradabilidade, para aqueles que já possuíam identidade ou

melhor conseguiram se identificar com o ambiente urbano, pertimindo o reenraizamento ali. Sobre os lugares do futuro, com relação ao reassentamento familiar está mais presente uma Estima Potencializadora de Agradabilidade, o que propicia o reenraizamento nas novas moradias; com relação ao reassentamento coletivo, no entanto, há a presença de Estimativas Despotencializadoras de Insegurança, devido a problemas infraestruturais, de garantia de participação real e de reorganização comunitária identificados, dificultando as possibilidades de reenraizamento com o novo lugar. A participação ativa na tomada de decisão, a criação de espaços de interesses coletivos e a impressão das identidades pessoais e coletivas quanto aos reassentamentos, se mostram necessários para possibilitar o estabelecimento de estimas mais positivas e do reenraizamento destas pessoas em seus lugares de moradia futuros.

Palavras-chave: psicologia ambiental; enraizamento; estima de lugar; deslocamento compulsório; desastre.

### **ABSTRACT**

The research objective is to investigate repercussions on the people affected in the Paracatu de Baixo community due to the socio-environmental disaster caused by the collapse of the Dam of Fundão in Mariana, Minas Gerais. It aims to understand the psychosocial impacts of compulsory displacement, the changes in terms of Place Esteem in the present, past and future, and the possibility of Re-rooting of these people. Based on the concepts of Place Esteem and Rooting from Environmental Psychology, and supported by the theory of Environmental Conflicts, the qualitative research methods used were: Documentary Research, Affective Maps applied virtually and Online Interviews. The content analysis method was used for the data collected through the Documentary Research and the Interviews were analyzed; the analysis also included the construction of zones of meaning. The Affective Maps were submitted to categorical analysis of subtext, meaning and motive. The results obtained showed psychosocial impacts on the possibility of reproducing the previous ways of life, either because of the infrastructure and mobility; preventing them from feeling at home in their current place of residence; the denial of individual and family identity due to the non-recognition of the new family nuclei; the denial of the reproduction of collective identity, due to the lack of definition

of public spaces, especially for leisure and collective cultural manifestations; besides the endless wait for the conclusion of reparation measures, which imposes a projection of life. Regarding the identified esteem, in relation to the place of the past - Paracatu de Baixo - the Potentializing Belonging Esteem was the one that prevailed, showing the rootedness of the former residents with that place. Regarding the current places where they live, there was a strong presence of the Disempowering Esteem of Insecurity, for those who were more identified with the rural identity and, thus, could not be rooted again in the new living environment; and the Esteem of Pleasantness, for those who already had an identity or could better identify themselves with the urban environment, allowing them to be rooted again there. Concerning the places of the future, in relation to family resettlement, a Potentializing Esteem of Pleasantness is more present, which propitiates the re-rooting in the new dwellings; in relation to collective resettlement, however, there is the presence of Despotentializing Esteem of Insecurity, due to identified infrastructural problems, of guarantee of real participation, and of community reorganization, hindering the possibilities of re-rooting with the new place. The active participation in decision making, the creation of spaces of collective interests and the impression of personal and collective identities regarding the resettlements are necessary to enable the establishment of more positive estimations and the re-rooting of these people in their future places of residence.

Keywords: environmental psychology; rootedness; esteem of place; compulsory displacement, disaster.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Gráfico de participantes por faixa etária.

Figura 2 – Gráfico de participantes por gênero.

Figura 3 - Gráfico de profissões dos participantes.

Figura 4 – Comunidade de Paracatu de Baixo após o rompimento da barragem de Fundão.

Figura 5 – Mapa da localização das comunidades de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo.

Figura 6 - Representação da situação atual do Reassentamento Coletivo de Paracatu de Baixo contida no site da Fundação Renova.

Figura 7 –Atingidas de Paracatu de Baixo participam de ato de instalação da Pedra Fundamental do reassentamento coletivo.

Figura 8 - Quadro dos marcos temporais do processo de reassentamento coletivo de Paracatu de Cima

Figura 9 - Gráfico imagem predominante – Paracatu de Baixo.

Figura 10 - Mapa 1 Jacarandá – Lugar de moradia anterior

Figura 11 - Mapa 2 Embaúba – Lugar de moradia anterior.

Figura 12 - Mapa 3 Ipê – Lugar de moradia anterior.

Figura 13 - Mapa 4 Amoreira – Lugar de moradia anterior.

Figura 14 - Gráfico Imagem de Estima Predominante sobre a Moradia Atual.

Figura 15 - Mapa 5 Aroeira – Lugar de moradia atual.

Figura 16 - Mapa 6 Angico – Lugar de moradia atual.

Figura 17 - Mapa7 Cerejeira – Lugar de moradia atual.

Figura 18 - Mapa8 - Videira – local de vivência atual

Figura 19 - Mapa9 - Eucalipto – local de vivência atual.

Figura 20 - Mapa10 – Jacarandá – Lugar de moradia atual

Figura 21 - Moradores de Paracatu de Baixo ainda frequentam a comunidade.

Figura 22 - Gráfico do tempo de moradia anterior e atual.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Dados Sociodemográficos

Tabela 2 - Tempo de Moradia em Paracatu de Baixo

Tabela 3 - Síntese dos IGMAS da Moradia Antiga em Paracatu de Baixo

Tabela 4 - Síntese dos IGMAS da Moradia Atual

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACP - Ação Civil Pública

AEDAS - Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social

CABF - Comissão de Atingidos pela Barragem de Fundão

CEP/CONEP- UFES - Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo

CIDH - Corte Interamericana de Direitos Humanos

CNS - Conselho Nacional de Saúde

EIA - Estudo de Impacto Ambiental

FGV - Fundação Getúlio Vargas

IGMA - Instrumento Gerador de Mapas Afetivos

MP - Medida Provisória

NINJA-UFSJ - Núcleo de Investigação em Justiça Ambiental da Universidade Federal de São João del Rei

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONG - Organização Não Governamental

PASEA - Plano de Adequação Socioeconômica e Ambiental

TAC - Termo de Ajustamento de Conduta

TAC-Gov - Termo de Ajustamento de Conduta Governança

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>19</b>
<b>2. Psicologia Ambiental em Contexto de Conflitos Ambientais.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Psicologia Ambiental e Alguns Conceitos Fundamentais.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2 Explorando o Conceito de Estima de Lugar.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3 Compreendendo o Conceito de Enraizamento.....</b>	<b>27</b>
<b>2.4 Conflitos ambientais e sua relação com a Psicologia Ambiental.....</b>	<b>32</b>
<b>3 Objetivos.....</b>	<b>37</b>
<b>3.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>37</b>
<b>3.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>37</b>
<b>4 Procedimentos Metodológicos.....</b>	<b>38</b>
<b>4.2 Participantes.....</b>	<b>38</b>
<b>4.2 Caracterização da Amostra.....</b>	<b>39</b>
<b>4.3 Instrumentos.....</b>	<b>44</b>
4.3.1 Pesquisa Documental.....	44
4.3.2 Mapas Afetivos.....	46
4.3.3 Entrevistas.....	47
4.3.4 Coleta e Análise de Dados.....	49
<b>4.4 Aspectos Éticos.....</b>	<b>50</b>
<b>5 Resultado e Discussão.....</b>	<b>53</b>
<b>5.1 – Estudo Documental – Caracterização do rompimento e das Ações de Reparação     ao Direito à Moradia.....</b>	<b>53</b>
5.1.1 A Última Noite – O Território de Paracatu de Baixo foi Engolido pela Lama da Samarco.....	54
5.1.2 A luta pela Reparação do Direito à Moradia – Aspectos Legais.....	61
5.1.3 Lucila – O Novo Paracatu de Baixo.....	64

5.1.4 Comunidade Dissolvida – As Problemáticas do Reassentamento Coletivo e a Adesão a Outras Modalidades de Reparação do Direito à Moradia.....	68
5.1.5 Reassentamento Familiar – Comunidade que não volta.....	72
5.1.6 Reconstrução .....	74
5.1.7 Pecúnia .....	75
<b>6. Uma Análise das Estimativas de Lugar.....</b>	<b>77</b>
<b>6.1 Estima de lugar das pessoas deslocadas compulsoriamente com relação a comunidade de Paracatu de baixo.....</b>	<b>78</b>
<b>6.2 Aspectos da Estima de Lugar Anterior – Paracatu de Baixo.....</b>	<b>80</b>
6.2.1 Estima de Pertencimento.....	82
6.2.2 Estima de Agradabilidade.....	85
6.2.3 Estima de Contraste.....	86
<b>6.3 Estima de lugar das pessoas deslocadas compulsoriamente com relação aos locais de moradia atual.....</b>	<b>88</b>
<b>6.4 Aspectos da Estima de Lugar Atual.....</b>	<b>91</b>
6.4.1 Imagem de Insegurança.....	92
6.4.2 Imagem de Agradabilidade.....	95
6.4.3 Imagem de Destruição.....	96
6.4.4 Imagem de Pertencimento.....	97
6.4.5 Imagem de Contraste Potencializador.....	99

<b>7. A Raiz da Questão – A Estima de Lugar nas Perspectivas Temporais e as Possibilidades para o Reenraizamento.....</b>	<b>100</b>
<b>7.1 Raízes fincadas – pertencimento ao chão estimado do passado.....</b>	<b>103</b>
<b>7.2 Raízes Suspensas – Inseguranças do Presente.....</b>	<b>109</b>
<b>7.3 Reenraizar-se – Contrastes do Futuro.....</b>	<b>114</b>
<b>7.3.1 Participação - projeção identitária, elaboração de conhecimento, informações e planejamentos sobre o lugar futuro.....</b>	<b>115</b>
7.3.2 Partilha – onde se reencontra a comunidade .....	118
7.3.3 Memória Coletiva e Construção da Perspectiva Futura.....	119
<b>8 Considerações Finais.....</b>	<b>123</b>
<b>9 Referências.....</b>	<b>126</b>
<b>10 Apêndices.....</b>	<b>134</b>
<b>11 Anexos .....</b>	<b>171</b>

## 1 Introdução

O presente estudo buscou analisar os impactos psicossociais causados a moradores da comunidade Paracatu de Baixo, atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, ocorrido em 2015, no que tange aos aspectos psicossociais da Estima de Lugar e Enraizamento.

Me interesse pelo estudo de impactos socioambientais e a relação destes com a psicologia, desde o início da graduação, devido a experiência técnica e prática com projetos de Convivência com o Semiárido. Desde que ingressei no Núcleo de Investigação em Justiça Ambiental da Universidade Federal de São João del Rei (NINJA-UFSJ) e colaborei com a construção do Mapa de Conflitos Ambientais, voltei minha atenção para os conflitos relacionados à mineração e seus impactos, tendo acompanhado as mobilizações imediatamente pós-rompimento da Barragem de Fundão em Mariana e a Caravana da Bacia do Rio Doce, onde universidades, movimentos, ONG's e outros estudiosos da temática mapearam danos causados às pessoas atingidas, em que foi possível observar a ocorrência de danos psicossociais às comunidades atingidas.

Atualmente atuo como Supervisora de Vulnerabilidades na Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social - AEDAS, na prestação de assessoria técnica independente às pessoas atingidas e ao Ministério Público pelo rompimento da barragem de Córrego do Feijão, acolhendo e encaminhando casos de extrema-vulnerabilidade dos atingidos, tendo atuado anteriormente como Assessora Técnica em Educação e Serviços Socioassistenciais no levantamento de danos e medidas deste mesmo projeto.

Desastres ambientais como esses, são causados pela intervenção humana junto à natureza e geram impactos diversos à fauna e à flora e às pessoas e suas comunidades (Acsehrad, 2004).

Dentre os diferentes tipos, tem-se percebido a ocorrência de impactos psicossociais tais como sentimento de luto, perda de vínculos afetivos, de referências territoriais e socioespaciais, de suas histórias e memória, bem como impactos sociocomunitários como

desorganização comunitária, desagregação de laços comunitários, aumento de situações de vulnerabilidade social, desemprego e aumento do custo de vida, entre outros (Barreto et al., 2020), disto decorre a importância e necessidade de se estudá-los à luz da psicologia.

Estudos dessa natureza possuem importante relevância na atual conjuntura, tendo em vista a ocorrência de desastres socioambientais ligados à mineração, com frequência e danos consideráveis (Zonta & Trocate, 2016), tornando-se imprescindível que as questões psicossociais por eles causadas sejam elucidadas e tratadas à luz da ciência, afim de contribuir para construção de tecnologias que reduzam ou impeçam tais danos, bem como de estratégias mitigatórias, reparatórias e compensatórias que levem em conta também os aspectos psicossociais.

A fundamentação teórica desta investigação científica se sustentou através de estudos sobre Conflitos Ambientais em face à análise do fenômeno do rompimento da barragem em questão, e da Psicologia Ambiental, no que diz respeito aos impactos psicossociais a serem investigados, especialmente a respeito da Estima de Lugar (Bonfim, 2010) e Enraizamento (Massola & Svartman, 2018).

Para tanto, os métodos de cunho qualitativo utilizados foram entrevistas *On-Line*, mapas afetivos aplicados virtualmente e pesquisa documental. Os dados das entrevistas e documentos foram analisados através da técnica de análise de conteúdo e da construção de zonas de sentido, enquanto os mapas passaram por análises categoriais.

## **2. Psicologia Ambiental em Contexto de Conflitos Ambientais**

Os impactos causados por modificações ambientais e seus conflitos, dentro da perspectiva da justiça ambiental (Acsehrad, 2004) vem sendo objeto de estudo da proponente desta pesquisa desde a graduação, com especial atenção aos impactos psicossociais de conflitos advindos da mineração (Zhourri et al, 2005) e a interrelação da pessoa e o ambiente em situações



conflituosas.

Em 2015, o Brasil e o mundo assistiram ao que foi chamado do maior crime ambiental da América Latina e o maior desastre relacionado à mineração de ferro do mundo, quando, no dia 05 de novembro, se rompeu a barragem de Fundão, no Município de Mariana- MG. Este desastre deixou um lastro de destruição ao longo de 663 quilômetros e pelo menos 80 Kms<sup>2</sup> do mar, em 39 municípios, percorridos pelos 62 milhões de metros cúbicos de lama. O resultado foram 19 mortos, mais de 1.200 pessoas ficaram desabrigadas e pelo menos 1.469 hectares de terras ficaram destruídas (Zonta & Trocate, 2016).

Por esse motivo, muitas famílias foram removidas de suas comunidades, espaços e símbolos importantes para os atingidos não existem mais ou ficaram em precária situação, dificultando ou impedindo o reestabelecimento das relações anteriores (Zonta & Trocate, 2016). Este é o caso da comunidade de Paracatu de Baixo, em que seus moradores foram deslocados compulsoriamente, em sua maioria para a sede da cidade de Mariana, dificultando a reprodução de seus hábitos rurais e seus projetos de vida uma vez que a comunidade, suas casas e sua vizinhança não mais puderam existir.

As vivências e as sociabilidades nas propriedades familiares em áreas de comunidades tradicionais ou assentamentos de reforma agrária, em que a identidade desses sujeitos é territorialmente constituída na relação com a terra, vem sofrendo grandes impactos após o desastre e seus desdobramentos (Gonçalves, Pinto & Wanderley, 2016).

A questão central estudada através da pesquisa que compõe esta dissertação refere-se ao fato de que tal desastre pode impactar fortemente, além do espaço físico, aspectos psicológicos dos atingidos, principalmente no que tange à construção do que se entende como sua Estima de Lugar (Silva & Bonfim, 2019) e Enraizamento (Massola & Svartman, 2018).

Diante deste cenário, o presente estudo teve por objetivo verificar os impactos psicossociais, no que tange à estima de lugar das pessoas atingidas, nas relações entre moradores e o lugar

onde eles viviam e onde eles passaram a viver – seja devido à remoção para outros espaços ou à modificação do mesmo espaço de vivência. Devido à declaração da Organização Mundial da Saúde de estado de emergência em saúde pública e de Pandemia Mundial pelo vírus Covid-19 (OMS, 2020), os instrumentos foram aplicados virtualmente, de forma majoritária.

## **2.1 Psicologia Ambiental e Alguns Conceitos Fundamentais**

A Psicologia Ambiental é a área da Psicologia que tem como enfoque o estudo das relações entre os comportamentos socioespaciais humanos (territorialidade, privacidade, apropriação, aglomeração, por exemplo) e seus processos psicossociais (percepção, cognição, representações e simbolizações). A Psicologia Ambiental tem, portanto, o intuito de compreender a construção de significados e os comportamentos relativos aos diversos espaços de vida, bem como as modificações e influências suscitadas por nossa subjetividade nestes ambientes (Cavalcante & Elali, 2011).

O conceito de Identidade de Lugar (Cavalcanti & Elali, 2011) diz respeito aos vínculos emocionais e de pertencimento relacionados aos entornos significativos para o sujeito, que se dão a partir do processo de apropriação essencial a identificação ou construção da identidade. Pol (1996) define apropriação do espaço como uma ação-transformação do sujeito e do espaço aliada a identificação simbólica relacionada a processos afetivos e cognitivos, onde a pessoa se reconhece no espaço, ao mesmo tempo que atribui qualidades deste às suas identidades e seus fazeres.

Silva e Bonfim (2019) apontam a Estima de Lugar como importante elemento da apropriação de lugar, que se dá por uma ação-mediadora e de transformação, exercida por meio de uma relação dialética. Esta Estima pode ser aprendida pelas imagens de agradabilidade e pertencimento, que indicam uma estima de lugar potencializadora ou ainda por imagens de

destruição ou insegurança, evidenciando uma estima despotencializadora da ação sobre o meio.

No contexto de remoção compulsória a ser analisado, a Estima de Lugar é importante elemento para compreender a apropriação e identificação com o espaço como promoção do enraizamento e desenraizamento, como Massola e Svartman (2018b) destacam, por se tratar do fruto de uma relação intrínseca entre a formação da identidade psicossocial e o socioambiente, no qual se torna necessário levar em conta a cultura, história, organização política, memória coletiva, entre outros elementos, a depender do tipo de comunicação, participação, trabalho e estruturas de poder praticados no espaço e tempo em que o fenômeno analisado ocorre. Em seu extremo, em situações potencializadoras do enraizamento restritivo, as relações socioambientais se tornariam desenraizadas. Massola et al. (2016) articulam o apego ao lugar como expressão psicoafetiva do enraizamento, onde a participação real, ativa e natural tem papel de conservação da memória, da afetividade e temporalidade coletivas. O enraizamento de pessoas com o território confere a capacidade de projeção de futuro, impressão de melhorias, cuidado, carinho e saudade, tão necessários num processo de readaptação ou reapropriação ambiental (Massola et al., 2016). A obtenção de informação é algo de suma importância para a participação ativa que estimula tanto a estima com o lugar quanto o reenraizamento.

## **2.2 Explorando o Conceito de Estima de Lugar**

A Estima de Lugar é uma categoria que merece atenção em um contexto de deslocamento de pessoas de seu ambiente original e de escolha, uma vez que vários sentimentos e emoções são evocados ao longo do processo de reapropriação do lugar como seu pelas pessoas. Neste sentido, o lugar deve ser tomado como território emocional, conforme apontam Bomfim et al. (2018), devido ao seu papel construção dos significados e enquanto extensão das subjetividades dos indivíduos, de modo que a vinculação das pessoas com os espaços e

lugares é fortemente impactada pelas emoções e pela afetividade ambiental (Bomfim et al., 2018).

Bomfim et al. (2018) afirmam ainda que o ambiente físico provoca em nós emoções que nos permitem realizar escolhas sobre onde ir e o que explorar no ambiente, a adotar comportamentos sociais, a manejar conhecimentos na tomada de decisões devido aos aspectos cognitivos e afetivos do nosso estado emocional, que permitem a percepção e avaliação afetiva do ambiente. Para as autoras, sentimentos e emoções, ao se integrarem à realidade imediata, aos processos imaginativos e do pensamento, propiciam a estruturação da relação das pessoas com o lugar, ligado a história social e cultural dos sujeitos, envolvendo dimensões físicas, psicossociais, socioculturais e simbólicas.

A junção de todas as emoções e sentimentos que antecedem a ação podem ser entendidas, então, enquanto afetos, que agem como força libertadora ou escravizadora, auxiliando ou impedindo o sujeito na tentativa de modificar sua situação de sofrimento ético-político, que surge nos processos de desigualdade e injustiça social (Bomfim et al. 2018). Deste modo, os afetos podem orientar a observação, investigação e análise das contradições sociais da realidade cotidiana, se tomados com possibilidade de emancipação e transformação da sociedade. Afetos negativos para com o lugar, podem também propiciar a diminuição da força de preservação de vida, levando as pessoas a não conseguirem de livrar de suas condições de opressão ao não poderem lutar por seus direitos. Por outro lado, afetos positivos ligados ao apego ao lugar e pertencimento associados a indignação – potência de ação que faz lutar por seus direitos.

Dessa junção, advém uma racionalidade ético-afetiva ligada a criação de espaços de interesses e necessidades coletivas (Sawaia, 1995, como citado por Bomfim et al., 2018). Uma afetividade ética contribui para a construção social do espaço público, orientando ações para a convivência com o ambiente, a cidadania e sustentabilidade, que podem ser negligenciados

em contexto de exclusão social. Assim, a afetividade ambiental pode ser compreendida como conhecimento, orientação e ética na cidade (Bomfim, 2010)

Para Bomfim (2010) a Estima de Lugar é a implicação da pessoa com o ambiente e pode ser estudada a partir de imagens e representações e visões de mundo com relação ao lugar, com potencial de orientar compromisso ético e participação dos sujeitos na cidade (Bomfim, 2010). “Como categoria social, a estima pode ser compreendida como uma forma de pensamento social que caminha em paralelo a outros de simbolismo do espaço, derivado da categoria de identidade social urbana ou de uma afetividade do lugar” (Bomfim, 2010, p. 218).

A Estima de Lugar é composta por sentimentos e emoções diversas, de pertencimento, de identificação e de potência de ação com relação ao lugar, que contribuem para que as pessoas se impliquem e participem de ações- transformações para com o lugar, compreendendo-o como parte de sua identidade (Silva e Bomfim, 2019).

A construção da Estima de Lugar apoia-se na avaliação da qualidade de habitação e uso do ambiente, isto é, segurança, limpeza, organização, sofisticação, estética, preservação ambiental, legibilidade, sinalização, acessibilidade, etc., na qualidade dos vínculos sociais de amizade e boa convivência, na imagem social do lugar perante a sociedade e, principalmente, no nível de apropriação do espaço pelo indivíduo que o estima (Silva, 2013, como citado em Silva & Bomfim, 2019, p.04).

Uma alternativa para analisar a Estima de Lugar é a geração de Mapas Afetivos. Estes permitem acessar emoções e sentimentos expressos através do desenho do lugar, assim como as sínteses da estima por meio das metáforas e a expressão da dimensão afetiva ou subtexto da imagem, a partir da escrita. Através deste instrumento, a Estima de Lugar pode ser observada

a partir de imagens afetivas que remetem à Agradabilidade, Pertencimento, Destruição, Insegurança ou Contrastes.

A imagem de Agradabilidade é evocada pelos sentimentos de prazer, contentamento e bem-estar atribuídos pelas qualidades ambientais e, portanto, se relaciona aos sentimentos de vinculação com o lugar. Por sua vez, a imagem de Pertencimento remete à identificação com o lugar de vivência, traços ambientais que tendem a reforçar a personalidade e a identidade do sujeito. Em contraponto, uma imagem relacionada a um ambiente deteriorado, degradado ou malcuidado são atribuídos à imagem de Destruição e, conseqüentemente, favorecem a desvinculação dos sujeitos para com aquele ambiente. Sentimentos de medo, instabilidade e a ameaça relacionados ao lugar dizem respeito à imagem de Insegurança, inversamente proporcional ao Pertencimento e a identificação com o lugar. A atribuição de qualidades e sentimentos pode ser também, por vezes, contraditória e ambígua, permitindo a coexistência de imagens positivas e negativas simultaneamente, apontando para a expressão de uma imagem de Contraste para com o lugar (Bomfim, 2010).

Bomfim e Silva (2019) indicam que uma estima potencializadora pode ser identificada através de sentimentos agradáveis e de pertencimento, que promovem relações comunitárias e sentimento de bem-estar. As imagens de destruição e insegurança, por sua vez, podem desencadear estima despotencializadora, diminuído ou impossibilitando a implicação com o lugar, enquanto a imagem de contrastes pode ser tanto potencializadora, quanto despotencializadora (Silva e Bomfim, 2019).

A Estima de Lugar é, portanto, de grande relevância para o bem-estar individual e social, uma vez que sua origem e seus componentes, em especial a afetividade, tem o poder de conferir sentido à existência, tão importante para a garantia da saúde física e mental (Hating 2003, Ulrich 1984, como citado em Bomfim et al., p 93, 2018).

### 2.3 Compreendendo o Conceito de Enraizamento

Nesta seção, o conceito de Enraizamento será explorado levando em conta especialmente o que propõem Massola e Svartman, é proposto pelos mesmos autores no capítulo do livro *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura de relação pessoa-ambiente* (2018 a), organizado por Cavalcanti e Elali (2018), intitulado *Enraizamento*, assim como também no artigo *Enraizamento, Tempo e Participação em Psicologia Ambiental* (2018b).

Para Massola e Svartman (2018 a), estar enraizado está diretamente ligado com o forte vínculo entre a identidade psicossocial e o socioambiente, que passa a constitui o próprio sujeito a partir de uma relação intensa entre eles e os aspectos sociotemporais, a cultura, a história e a memória coletiva do povo do qual o sujeito faz parte. Para estes autores, enraizamento é, portanto, um estado psicológico ou um sentimento que se relaciona diretamente ao sentido de lugar, e que pode ser desencadeado por alguns fatores com relação ao lugar, tais como habitação por longo tempo em um lugar, sentimento de estar em casa; familiaridade que provém da frequência recorrente a um lugar; forma não consciente de vínculo com o lugar; e relação com o passado ou com a tradição do grupo ou do povo (Massola e Svartman, 2018a).

Ainda de acordo com Massola e Svartam, (2018a), o fator **habitação por longo tempo em um lugar** tem o papel de conceder familiaridade com o entorno e transforma o espaço indiferenciado em lugar significativo (p. 102). Este fator, por vezes pode ser tomado de forma generalizada, mas pode se alterar de indivíduo para indivíduo (Tuan, 2013), uma vez que aspectos psicossociais como a percepção do lugar são influenciados pelas características próprias ao indivíduo, tais como idade, sexo e mobilidade, permitindo que o enraizamento se dê ou não sem uma relação direta com o tempo.

Ao que tange o **sentimento de estar em casa** em um lugar, este concede ao enraizamento um aspecto territorial ou espacial e é o fator que torna as pessoas emocionalmente apegadas a sua área local. Este fator se dá através de simbolização de experiências vividas no desenvolvimento psicoafetivo dos indivíduos no lugar aos quais é conferida importância e é derivado da relação com outras pessoas com as quais essas experiências foram vividas e abrigadas em um determinado espaço, produzindo um entrelaçamento do espaço, tempo e relações sociais. A noção de comunidade ganha então a conotação de espaço público no qual alguma experiência de segurança, respeito e aparição pessoal podem ser vividas em companhia de outros (Massola & Svartman, 2018a).

A **familiaridade** é outro fator importante na constituição do sentido de enraizamento. Esta advém da frequência recorrente a um lugar, a partir do investimento recorrente e que tenha um sentido regular para com o lugar, propiciando às pessoas personalização e identificação com aquele lugar por alguma medida de controle (Massola & Svartman, 2018a).

O enraizamento seria “um estado de existência irrefletido no qual a personalidade humana funde-se com seu meio” (Massola & Svartman, 2018b). Esta compreensão dá sentido a mais um fator que contribui para o enraizamento como **forma não consciente de vínculo** com o lugar, a partir do sentimento enquanto casa ou lar, implicando uma não consciência por se tratar de uma relação com este lugar. Em contraponto, a possibilidade de graus de consciência deste enraizamento pode ser dividido em enraizamento cotidiano e ideológico, em que no segundo há maior autoconsciência sobre a relação do sujeito para com o lugar ou comunidade (Massola & Svartman, 2018a).

A **relação com o passado ou com a tradição do grupo ou do povo** é também um fato importante para Massola e Svartman (2018a), pois é aspecto fundamental para a identidade pessoal. Neste sentido, a história ou tradição são elementos que sustentam a identidade coletiva e, conseqüentemente uma identidade pessoal. A tradição adquire grande importância



para o enraizamento, pois garante a ele sentidos do eu, especialmente quando a identidade psicossocial se encontra ameaçada.

A partir do exposto, percebe-se como alguns elementos destacam-se com grande importância na identificação da ocorrência de enraizamento com o lugar. Entre eles, a **casa** possui grande simbologia, por se tratar do primeiro espaço de abrigo, acolhimento, segurança, estabilidade e cuidado. A ela são atribuídas formas mais complexas de vínculo, promovidos pela recorrência no ambiente da casa. A experiência espacial de uma ênfase individual na perspectiva temporal passada, faz dela ainda um lugar de permanência e da não transformação, casa- memória, de grande relevância para a tradição pessoal e familiar.

Tomando o entendimento de **lugar**, que Tuan atribui como “[...] centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas nossas necessidades biológicas de água, comida, descanso e procriação” (Tuan, 2013, p. 4), a casa pode ser um lugar de enorme importância, mas há outros lugares no ambiente onde os sujeitos realizam seu enraizamento e que são também importantes de se levar em consideração, pois são dotados de tradição, podem ser frequentados por longos períodos e/ou de forma recorrente, com investimento pessoal. Estes lugares, são então importantes para a constituição da identidade pessoal e coletivas dos sujeitos.

As **pessoas, a família e comunidade** são também elementos importantes, pois possibilitam o enraizamento (Massola & Svartman, 2018a) através de uma relação entre identidade coletiva e psicossocial no encontro do sujeito com o outro ou com o grupo. A *participação* real, ativa e natural na coletividade/ comunidade (Massola & Svartman, 2018) é mais um aspecto a ser levado em conta, por seu potencial de resgate do passado e possibilidade de construção do futuro.

As condições para o enraizamento seriam satisfeitas então com a participação e ação livremente; a partilha com a coletividade organizada e livre; e ainda como existência, o enraizamento “exige ao mesmo tempo a preservação de uma memória coletiva e de uma perspectiva futura que deem sentido a existência pessoal e coletiva” (Massola & Svartman, 2018b, p 115)

Neste sentido, é de grande relevância observar a perspectiva temporal da pessoa ou grupo, como uma totalidade de interação entre o indivíduo, o grupo e o ambiente com relação aos sentidos físico-espacial e temporal histórico (Massola & Svartman, 2018b).

O passado, coletivo e histórico, tem importante papel na composição da biografia do indivíduo, devido a sua recorrência cíclica e da manutenção e estabelecimento das raízes das tradições, imprescindíveis ao enraizamento e que oferece sentido a identidade pessoal (Massola & Svartman, 2018b). “O quadro temporal passado cristalizado, converte-se em espaço habitual, o lar, um passado positivo prove o sentido de continuidade da vida e lhe permite conectar-se a sua família, tradição e herança cultural” (Zimbardo & Boyd, 2008, como Citado por Massola & Svartman, 2018a, p.296).

No entanto, a ênfase no passado pode indicar um enraizamento limitador. É no socioambiente, no tempo e no espaço, que se entrelaçam ao longo da existência do sujeito ou da comunidade, que os signos e símbolos da vida com os quais as pessoas e grupos se vinculam, se materializam. E é ao longo do tempo em que se constroem o cuidado, a escuta e acolhimento, que acontece a cristalização destes vínculos. Na continuidade desses símbolos e signos individuais ou coletivos por gerações e no desejo de que se mantenham por longos períodos é que se dá o enraizamento. É, portanto no enraizamento onde o passado, o presente e o futuro se inter cruzam (Massola & Svartman, 2018a).

Este intercruzamento confere sentido histórico de estabilidade na relação pessoa-socioambiente, através do tempo de permanência (passado) ou da segurança objetiva de permanência futura (futuro), como condições para a construção de um ambiente que permita o sentimento de enraizamento e para o desenvolvimento de vínculos enraizados. Este movimento demanda a participação ativa em uma coletividade, conferindo significado aos projetos do indivíduo e de seu grupo com os quadros temporais e com o lugar (Massola e Svartman, 2018b).

No sentido oposto, o Desenraizamento pode ser entendido como um sentimento indesejável e pernicioso, frequentemente advindo de situações violentas e que deve ser combatida. Em termos gerais, Massola e Svartman, (2018a) emprestam de Apfelbaum a compreensão de Desenraizamento, tomado com um processo de separação das origens pessoais, sociais e históricas do indivíduo, de forma muitas vezes permanente.

No capítulo *Enraizamento*, fica evidenciado ainda o papel da Globalização e suas ações como produtores do desenraizamento, cabendo aqui refletir a partir do objeto desta pesquisa, ocorrido em Paracatu de Baixo, onde o capitalismo, que impele as grandes corporações sobre pequenas comunidades, deslocando-as de seus territórios, mostra-se como um grande potencializador do desenraizamento no mundo, mas especialmente em países periféricos.

A partir desta análise ainda, é possível inferir que a desterritorialização generalizada a partir da globalização, em processos como deslocamentos compulsórios, por exemplo, é capaz de gerar sentimento de alienação e perdimento.

Guidens (1991, como citado por Massola & Svartman, 2018a) ainda adverte sobre o caráter fantasmagórico e a promoção de processos sociais distantes e desencaixados do lugar provocados pelo desenraizamento, ao sentenciar que “os lugares parecem perder a importância quando os deslocamentos populacionais, as rápidas transformações culturais e o

surgimento de processos sociais fazem com que a relação entre grupos e indivíduos e seus territórios tornem-se fluida e precária” (p. 115).

Massola e Svartman (2018a) pontuam, enfim a possibilidade do Enraizamento Utópico, como sustentáculo da identidade pessoal e coletiva, a partir da articulação entre os quadros temporais, nas perspectivas individual e grupal. Advertem então para a necessidade de se conceitualizar melhor o território, envolvendo formas simbólicas de apropriação do mundo por grupos e indivíduos, de modo a fomentar o processo de reterritorialização ou de reapropriação do mundo. Isso seria capaz de produzir uma multiterritorialidade, a partir da existência de territórios flexíveis, múltiplas identidades e diversas funções, com potencial criativo e inovador para estes processos sociais.

#### **2.4 Conflitos ambientais e sua relação com a Psicologia Ambiental**

As considerações acerca dos conflitos socioambientais remetem à necessária avaliação dos impactos psicossociais mais profundos aos quais estão sujeitos os atingidos pelos objetos de conflito, tendo em vista que tais impactos não podem ser tratados pelas medidas de mitigação e indenização dos danos, negociadas durante o processo de licenciamento ou mesmo, nos atos de reparação ou compensação ambiental. As disputas e conflitos daí decorrentes são de âmbito político e simbólico e têm por objetivo a busca pelo direito de definir os usos e a ocupação do espaço em disputa.

Os conflitos ambientais dizem respeito a “problemas ambientais”, disputas que têm origem na perspectiva de desenvolvimento sustentável (Acsehrad, 2004). A possibilidade de um “desenvolvimento sustentável”, a partir do capitalismo, têm adotado uma perspectiva que permite conceber as estratégias de gestão e negociação de conflitos socioambientais como alternativa de conciliação entre interesse econômicos, ecológicos e sociais, tendo nas proposituras de mitigação e reparação instrumentos para tal (Zouri et al, 2005).

Tais conflitos ambientais podem ser remetidos a quatro dimensões: “apropriação simbólica e

apropriação material, durabilidade (da base material necessária à continuidade de determinadas formas sociais de existência) e interatividade (ação cruzada de uma prática espacial sobre outra) – que seriam essenciais para apreender a dinâmica conflitiva própria aos diferentes modelos de desenvolvimento” (Acelrad, 2004, p. 36). A estrutura das concepções de uso e significados que são conferidos a um mesmo território em disputa e/ou a territórios que sejam ecologicamente interconectados por diferentes grupos sociais garantem caráter conflituoso a essas relações socioambientais por se tratar de concepções distintas e, por que não, mutuamente excludentes.

Desta forma tecnologias de resolução de conflitos e de planejamento e gestão de crises são tomados como soluções imediatas aos impactos da espacialização do processo de acumulação de capital sobre os territórios, suas condições naturais e populações (Carneiro, 2005). Neste contexto, a implementação de reassentamentos como estratégia de mitigação/reparação para a retirada de populações inteiras de territórios impactados por grandes projetos, desastres ou mesmo que sejam de interesse do capital (a mineração tem status de interesse público, pela legislação brasileira, mesmo sendo realizada por empreendimentos privados) tende a não levar em conta os impactos psicossociais gerados com a alteração ambiental, calcada na justificativa do consenso possível.

A busca por resolução técnica e gerencial adotada pela institucionalização e hegemonia do conceito de desenvolvimento sustentável não abarca a complexidade dos conflitos ambientais, dada a diversidade de formas de conceber e interagir com o meio ambiente.

Acelrad (2004) parte do pressuposto que o meio ambiente é um terreno contestado material e simbolicamente, para elaborar o conceito de conflitos ambientais como

“(...) aqueles envolvendo grupos sociais com modos diferenciados de apropriação, uso e significação do território, tendo origem quando pelo menos um dos grupos tem a continuidade das formas sociais de apropriação do meio que desenvolvem ameaçada

por impactos indesejáveis – transmitidos pelo solo, água, ar ou sistemas vivos – decorrentes do exercício das práticas de outros grupos” (Acselrad, 2004, p. 26).

Ao invés de “impactos” supostamente passíveis de mensuração objetiva, os agravos ambientais têm sido, em muitas situações, percebidos, pelas populações atingidas pelos empreendimentos voltados à acumulação de capital, como danos irreparáveis, já que, do seu ponto de vista, não podem ser convertidos em grandezas objetivas. Em muitas situações, por exemplo, o sofrimento psíquico, as quebras de vínculo comunitário e sentido de coletividade advindos da perda de um “lugar identitário” não podem, da perspectiva dos atingidos, ser convertidos em unidades monetárias a serem ressarcidas.

A questão central estudada nessa pesquisa refere-se ao fato, quase nunca mencionado, de que tal empreendimento pode impactar fortemente, além do espaço físico, a *psique* dos atingidos, principalmente no que tange à de sua “identidade de lugar”. Conforme já descrito anteriormente, a apropriação e reapropriação do ambiente é um aspecto importante a ser considerado na formação e/ou fortalecimento dos vínculos emocionais e de pertencimento para com o ambiente, e, conseqüentemente para a construção e reconstrução da Identidade de Lugar (Cavalcanti & Elali, 2011). O conceito de identidade, para Ciampa (1994), é compreendido como uma expressão histórica, social e singular da individualidade, revelada permanentemente (em movimento, metamorfose) no processo de interação, representação e identificação com a vida social. A identidade, então, surge no processo de fortalecimento do sujeito, a partir da dimensão individual e coletiva. Dessa forma, nossa identidade é constituída a partir de cada experiência de vida e está necessariamente ligada aos ambientes nos quais as vivemos – lugares que evocam, de alguma maneira, partes de memórias que estão associadas a afetos e lugares que têm identidade própria, conferida pelos habitantes a partir da forma como se interrelacionam.

Cavalcanti e Elali (2011) reforçam a noção de espaço apropriante, em que o sujeito se

apropria do espaço e o espaço se apropria dele, mutuamente, na construção da identidade de lugar, através do apego de lugar. As autoras destacam ainda os efeitos psicológicos da apropriação por identificação, tais como as representações mentais que orientam a conduta espacial do sujeito, a busca pelo bem-estar através das adaptações subjetivas realizadas no ambiente e a personalização, por meio do que o espaço ganha significado. Lembram também a necessidade de contínua reapropriação do espaço. Para elas, a impossibilidade da reapropriação do espaço, que se dá, inclusive, quando há desapropriação física ou modificação drástica do ambiente, gera para o sujeito o processo de desapropriação e desconstrução identitária. Montero (2006) afirma que os objetos da Psicologia Comunitária são a comunidade e os processos e relações psicossociais que são construídos nela. Essa Psicologia prioriza os aspectos positivos que contribuam para o fortalecimento dos sujeitos, deixando de encarar o homem como sujeito passivo, mas como ator social, construtor da sua sociedade.

Neste mesmo sentido, Massola e Svartman (2018a) em sua pesquisa para melhor definir o conceito de enraizamento, articulando o conceito com dimensões temporais do socioambiente e a participação em coletividade, como também Berroeta e Carvalho (2020) ao analisarem aspectos subjetivos da relação das pessoas atingidas por desastre sicionatural com o lugar e as relações comunitárias nestas localidades afetadas, chamam atenção para os efeitos do constante deslocamento espacial involuntário, provocados por rápidas e constantes mudanças desencadeadas no lugar de habitação por forças econômicas e sociais como ameaça a identidade pessoal e comunitário de indivíduos com fortes ligações com o lugar. Massola e Svartam (2018a) enfatizam que o desenraizamento, pode produzir o sentimento de perda de controle sobre o socioambiente e prospecção de futuro, estresse, adoecimentos e, em sua forma mais aguda, o luto.

Faria e Pinheiro (2013) também abordam processos de Enraizamento, Identidade de Lugar e sentimentos de estima pelo lugar, em seu trabalho de caracterização dos aspectos que favorecem ou dificultam a continuidade da existência de “vizinhanças vivas”, onde apontam a necessidade de se considerá-las em seus aspectos sociais, ambientais e culturais, em que as relações de socialização, cooperação e intimidade, o uso do espaço próximo e instituições locais, além de símbolos locais, facilitadas pela familiaridade, por fatores de enraizamento, pelo contato espacial e por herança cultural, possibilitam a geração de sentimentos de coesão e segurança e de apego ao lugar, proporcionando a formação de valores comunitários e sociais, produção de qualidade de vida e significação do espaço público.

Berroeta e Carvalho (2020) destacaram ainda, no mesmo trabalho acima mencionado, a necessidade de analisar as condições em que vivem as pessoas afetadas por um desastre, diferenças de qualidade entre velhos e novos ambientes residenciais e oportunidades de socializar, satisfazer necessidades de auto-estima, sistemas de controle e mudança na comunidade (Heller, 1982 e Manzo, 2014, como citados por Berroeta e Carvalho, 2020, p. 03) e como aspectos políticos capazes de criar e/ou fortalecer vínculos seja na reconstrução dos lugares atingidos ou em reassentamentos. Concluíram ainda que a articulação da psicologia ambiental e comunitária de acordo com Montero (2004, pp.25, 26, 27 e 31) contribui para entender os elementos de poder e disputas do território, tornando visíveis as deficiências psicossociais nas soluções de reconstrução pós-desastre, através de uma análise das dimensões sóciofísica (interação entre os elementos físico-químicos, objetivos e tangíveis com os aspectos culturais, sociais, simbólicos e conveções dos grupos sociais em determinado ambiente) e das dinâmicas comunitárias (Berroeta & Carvalho, 2020). Partindo de pesquisa acerca da ameaça de desapropriação comunitária na cidade de Fortaleza, Pacheco (2018) enfatiza que ameaças de remoção de comunidades podem desencadear indicadores afetivos tais como insegurança e destruição, ao passo que uma implicação ativa e potencializadora dos



moradores para com o lugar, desenvolvida através da Estima de Lugar, têm potencial para mobilizar a organização comunitária e a implicação em movimentos de resistência.

Por fim, Barreto, Rosa e Mayorga (2020) ao analisarem os impactos do desastre sociotecnológico sobre as comunidades de Paracatu de Baixo e Bento Rodrigues, destacam a importância da memória coletiva na manutenção e ressignificação da história, da identidade e da comunidade, enfatizando a tentativa das pessoas atingidas em recriar o sentimento de comunidade através da manutenção do vínculo com o espaço físico devastado (visitas, festejos e memórias) e ainda de recriar a comunidade perdida onde será feito o reassentamento. Estes elementos, assim como os demais apresentados acima, são importantes orientadores teóricos para a pesquisa aqui proposta.

### **3 Objetivos**

#### **3.1 Objetivo geral**

Compreender se o deslocamento compulsório, aliado às ações de reassentamento dos ex-moradores de Paracatu de Baixo tem gerado impactos psicossociais, através do processo de realocação sobre os moradores/as da região atingida, diante do deslocamento compulsório pós-rompimento, verificando seus efeitos sobre a estima de lugar e as possibilidades de reenraizamento das pessoas atingidas.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Caracterizar o processo de realocação de pessoas de Paracatu de Baixo atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, identificando se há impactos psicossociais apontados pelos moradores com relação ao processo de deslocamento compulsório e às possibilidades de reassentamento.
- Identificar estima das pessoas deslocadas compulsoriamente com relação a comunidade de Paracatu de baixo;

- Identificar estíma das pessoas deslocadas compulsoriamente com relação ao local de moradia atual, com vistas aos aspectos de enraizamento;
- Identificar a perspectiva e estíma das pessoas atingidas sobre o território previsto para seu reassentamento, com vistas ao reenraizamento;

#### **4 Procedimentos Metodológicos**

A metodologia adotada nesta pesquisa é de cunho qualitativo (Gil, 2002), abordando a perspectiva multimétodos descrita por Günther, Elali e Pinheiro (2008), como técnica alternativa para levantar informações concernentes à Psicologia Ambiental. Neste caso, serão utilizados pesquisa documental (Gil, 2002), entrevistas (Gunter, 2008) e mapas afetivos (Bonfim, 2008).

##### **4.1 Participantes**

Diferentemente dos moradores de regiões fortemente ligadas com o trabalho na mineração, como Bento Rodrigues, outras regiões afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão não tinham uma relação direta com a atividade mineradora, tendo preservado, desde a ocupação do território afetado, modos de reprodução e identidade camponesa, com forte influência sobre seus modos de trabalho e organização comunitária. Este é o caso da comunidade de Paracatu de Baixo, onde essa pesquisa será focada.

Foram selecionados 10 participantes, tomando como critérios: pessoas maiores de 18 anos, que até novembro de 2015 viviam na comunidade de Paracatu de Baixo, em espaços diretamente impactados pelo desastre onde tenha ocorrido alteração ambiental, e que foram deslocados compulsoriamente. Os indicados foram consultados e, daqueles que se dispuserem a participar, foram selecionados moradores/as da comunidade destacada acima, que possuíam acesso à internet e celulares que possibilitaram a aplicação virtual dos instrumentos. Estes

participantes foram nomeados com nome de plantas (referência à metáfora da raiz), a fim de manter a confidencialidade da identificação deles, como descrito no TCLE.

#### 4.2 Caracterização da Amostra

A amostra abordada nesta pesquisa foi composta por 10 sujeitos que possuíam residência em Paracatu de Baixo e que perderam esta residência devido ao soterramento da comunidade após o rompimento da Barragem de Fundão. Na Tabela 1 abaixo será apresentada a classificação dos participantes quanto ao nome, idade, gênero, profissão, renda per capita, e local de moradia atual.

**Tabela 1**

*Dados Sociodemográficos*

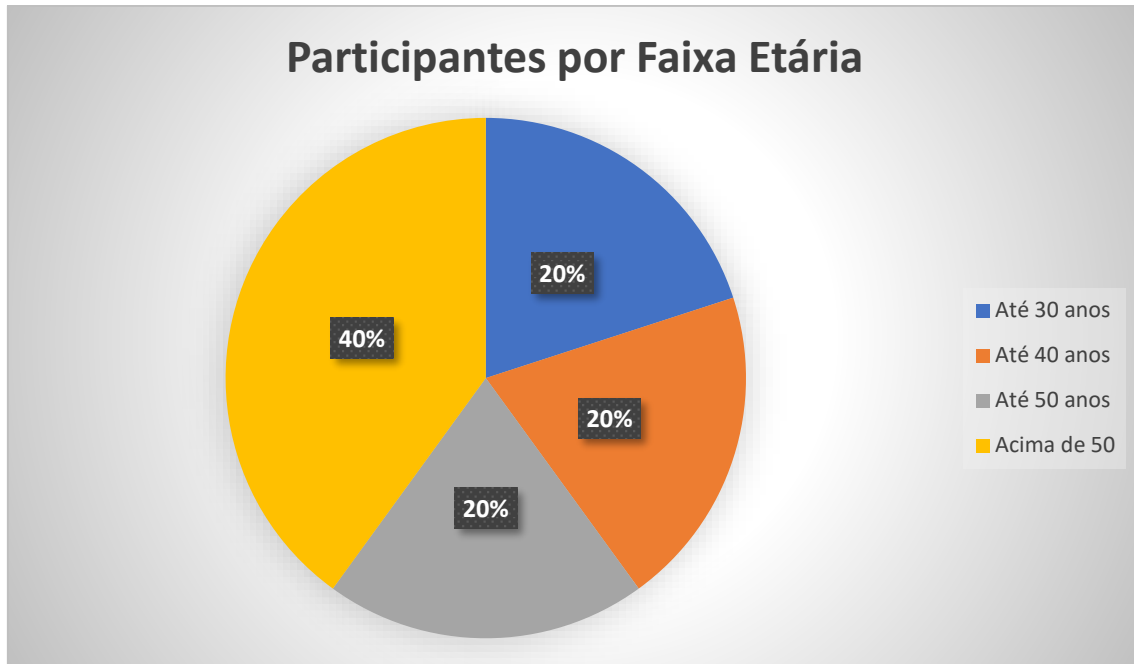
Nome	Idade	Gênero	Profissão Atual	Renda	Moradia Atual
Videira	43	F	Cuidadora	1 a 3 salários	Mariana
Cerejeira	23	F	Atendente	1 a 3 salários	Mariana
Jacarandá	58	M	Aposentado/ trabalhador rural	3 a 6 salários	Mariana
Embaúba	49	M	Desempregado/ trabalhador rural	1 a 3 salários	Paracatu de Baixo

Aroeira	56	M	Aposentado/ trabalhador rural	1 a 3 salários	Mariana
Angico	22	M	Balconista	1 a 3 salários	Mariana
Gameleira	38	F	Dona de Casa	1 a 3 salários	Mariana
Amoreira		F	Aposentada/ Dona de casa	1 a 3 salários	Mariana
Ipê	37	M	Designer	3 a 6 salários	Monsenhor Horta
Eucalipto	53	M	Aposentado/ trabalhador rural	1 a 3 salários	Monsenhor Horta

No Gráfico 1 foi apresentada a distribuição dos participantes por faixa etária, onde é possível perceber a predominância de participantes acima de 50 anos (40%). No entanto, é possível perceber que houve a preocupação em garantir a representatividade de jovens até 30 anos (20%) e de adultos entre 30 e 50 anos (20% e 20%), permitindo assim, uma maior representatividade das várias faixas etárias presentes na população pesquisada.

### **Figura 1**

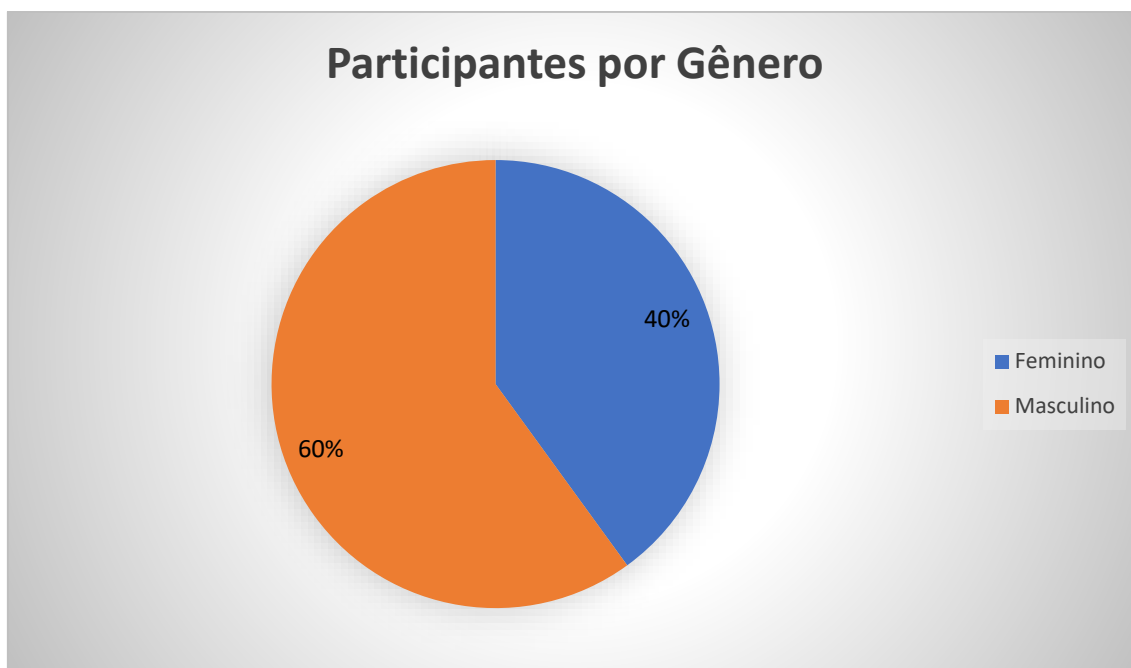
*Gráfico de participantes por faixa etária.*



A distribuição de participantes por gênero está exposta no Gráfico 2, onde é possível perceber uma leve prevalência de participantes do gênero masculino (60%) em relação a participação do gênero feminino (40%). Este valor pode ser explicado devido ao método de seleção dos participantes, que foi feita por indicação e, posteriormente em ato dos moradores. A primeira pessoa contactada foi do gênero masculino, que indicou outros participantes do mesmo gênero. Além disso, no ato em que houve abordagem presencial havia a presença majoritária de homens, que se dispuseram a participar. No entanto, a pesquisadora buscou uma seleção mais paritária possível para ilustrar o público-alvo.

**Figura2 –**

*Gráfico de participantes por gênero.*



Ao analisar as profissões dos respondentes através do Gráfico 3, é possível verificar que a identidade com o trabalho rural (Gonçalves, Pinto & Wanderley, 2016) permanece entre os respondentes mais idosos, manifestando seu enraizamento com os fazeres rurais. Seu Jacarandá, 58 anos e aposentado, afirma “Sempre que eu posso, eu corro para a roça. Vou pescar lá em Ponte Nova. Não consigo ficar longe não. Minha mulher do mesmo jeito. Já tá aposentada, mas vai três vezes na semana trabalhar lá na horta do seu Valdir Polac. É o que o espírito da gente pede”, demonstrando enraizamento dele e de sua família com o fazer rural, especialmente aquelas que desenvolviam em Paracatu de Baixo. Seu Eucalipto, 53 anos e aposentado, pensa da mesma forma e afirma que se sente “muito bem trabalhando na roça. Depois que aposentei, quis fugir da cidade. É isso que me dá mais prazer de fazer”.

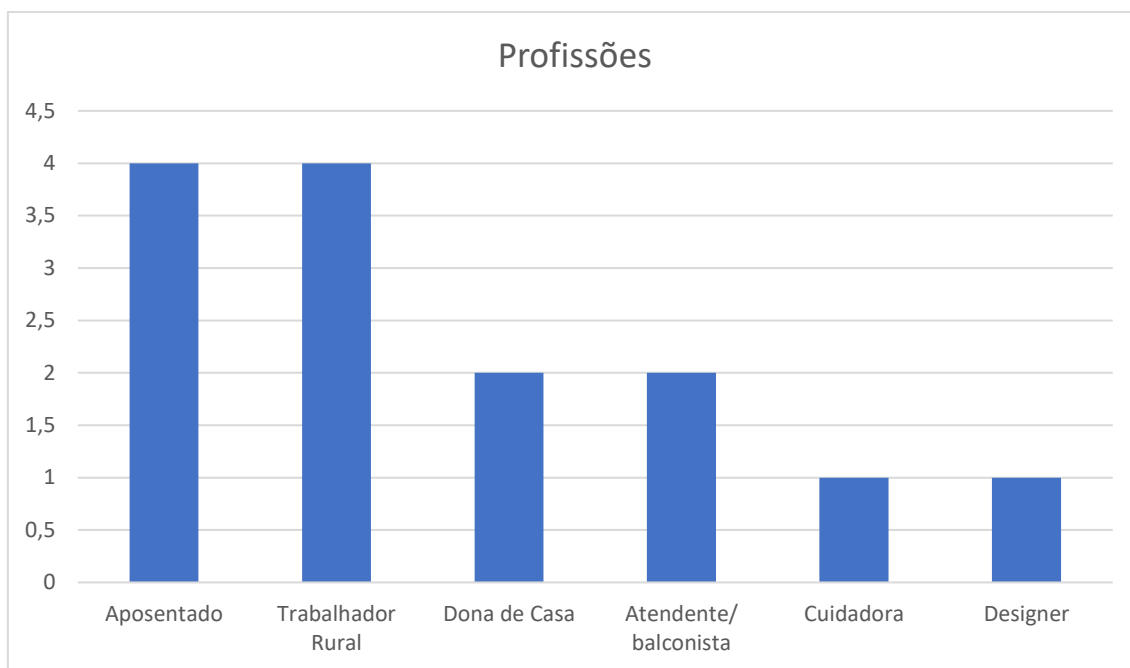
A manutenção do enraizamento com seu território de origem, manifestado através da melhor adaptação ao trabalho e ao custo de vida do campo são alguns dos motivos pelos quais Embaúba, 49 anos e trabalhador rural informal, permaneceu vivendo em Paracatu, mesmo sem a presença da família e da grande maior parte da população. “Por isso eu quis ficar aqui, mesmo sem ninguém. Aqui eu vou lá na Fazenda, trabalho, planto, aqui eu colho, crio um

animal. Assim que eu gosto de viver o dia”. Embaúba, explica por que não conseguiu se fixar na cidade de Mariana, ao afirmar que “lá tudo é comprado. Aí você vai viver com R\$1200,00, não dá para nada”. Reforçando esta lógica, Videira, de 43 anos, afirmou em sua entrevista que “aqui ninguém divide nada. Tudo é caro, tudo tem que comprar”.

Enquanto isso, os participantes mais jovens adotaram profissões mais urbanas. Isso pode ser explicado pela necessidade em se reapropriar do espaço urbano no qual foram inseridos, também através do trabalho, devido a importância de obter fonte de renda para a manutenção na cidade grande e ainda como estratégia de reenraizamento no novo local de residência (Massola e Svartam, 2018a). Angico, 22 anos e balconista em uma farmácia de Mariana, tem neste fazer sua maior fonte de interação com a população local “eu tenho mais contato com o povo do trabalho, é lá onde interajo mais com o pessoal daqui de Mariana, porque não sou de sair”. Já Cerejeira, 23 anos atendente, também corrobora, ao afirmar que “gosto do meu trabalho, me distraio, passo o dia”. Apesar disso, as médias de renda são muito aproximadas, sendo que a maioria dos entrevistados (80%) tem renda entre 1 e 3 salários-mínimos. Trocate e Zonta (2016) afirmam que em cidades com potencial minerador, a mão de obra com maiores remunerações é aquela especializada, geralmente não abrangendo a população local.

### **Figura 3**

*Gráfico de profissões dos participantes.*



### 4.3 Instrumentos

#### 4.3.1 Pesquisa documental

A pesquisa documental foi adotada, uma vez que, segundo Gil (2002), constitui uma fonte rica e estável de dados e é de baixo custo. Pode ser feita com documentos que não receberam nenhum tratamento analítico, podendo ser documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos, como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins *etc.* E ainda com documentos que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, para citar alguns exemplos.

Foram feitas pesquisas documentais, com levantamento de documentação relativa ao processo de deslocamento compulsório – período passado - e aos danos psicossociais causados por ele – período presente -, além dos procedimentos de reparação do direito à moradia – período futuro - das famílias de Paracatu de Baixo. Para tanto, foram analisados os



seguintes:

- *Atrasos - Relatório de Entrega dos Reassentamentos - Comunidade Bento Rodrigues, Comunidade Paracatu de Baixo e Comunidades Rurais - Mariana/ MG, Fevereiro, 2021*-produzido pela Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais - Assessoria Técnicas das pessoas atingidas de Paracatu de Baixo;
- *Relatório Técnico - Atraso na Reparação do Direito à Moradia - Reassentamento de Paracatu de Baixo -Mariana/ MG, Setembro, 2021*- produzido pela Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais - Assessoria Técnicas das pessoas atingidas de Paracatu de Baixo;
- *Pontos Críticos Reassentamento Coletivo de Paracatu de Baixo* -produzido pela Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais - Assessoria Técnicas das pessoas atingidas de Paracatu de Baixo –;
- *Parâmetros para a Reparação do Direito à Moradia no Contexto do Rompimento da Barragem de Fundão - Avaliação dos Impactos e Valoração dos Danos Socioeconômicos Causados para as Comunidades Atingidas pelo Rompimento da Barragem de Fundão*– produzido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) – Assessoria Técnica responsável pela avaliação e diagnóstico dos danos socioeconômicos e nos modos de vida das comunidades da Bacia do Rio Doce para o Ministério Público Federal e o Ministério Público de Minas Gerais, nos termos da Ação Civil Pública. 0400.15.004335-6, do Termo de Ajustamento de Conduta Governança (TAC-Gov).
- *Fundação Renova-Relatório Anual de Atividades - ano 2021 – Janeiro 2022*, referentes as atividades mais atuais de realocação de moradores de Paracatu de Baixo produzidos pela Fundação Renova - entidade responsável pelas ações de reparação integral na Bacia do Rio Doce -,

Todos os documentos citados estavam disponíveis publicamente nos sites das respectivas

instituições que os produziu. Nestes documentos foram buscados dados, a fim de caracterizar o desastre em si, o público-alvo a ser estudado e impactos psicossociais sofridos pelo público-alvo que possam ter sido percebidos e/ou sistematizados na elaboração destes documentos, bem como as políticas de reparação do direito à moradia dos atingidos. Através da pesquisa documental foram levantadas informações, ainda, para caracterizar o território para onde as famílias foram removidas, orientando a categoria ambiental a ser retratada pelo mapa afetivo, a depender da localização das pessoas a serem pesquisadas.

#### ***4.3.2 Mapas Afetivos***

Foi utilizada a técnica de Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) com a finalidade de investigar os afetos em relação ao ambiente objeto deste estudo. Segundo Bomfim (2008), os Mapas Afetivos são instrumentos que facilitam tornar os afetos relacionados ao lugar tangíveis, “por meio de imagens, palavras e da formulação de sínteses ligadas aos sentimentos, de forma menos elaborada e de forma mais sensível” (Bomfim, 2008 p. 255).

A partir da análise documental, foi possível perceber que as pessoas atingidas faziam parte de 4 das ruas existentes em Paracatu de Baixo e, posteriormente, foram deslocadas para ruas distintas, distribuídas por toda a cidade de Mariana. Através das políticas de reparação do direito à moradia, algumas pessoas puderam ser realocadas em outras localidades, como o distrito de Monsenhor Horta, ou mesmo permaneceram em regiões mais afastadas do distrito que foi destruído. Estas serão reassentadas em reassentamento coletivo e através de reassentamento familiar, em qualquer território de sua escolha. Assim, para melhor ilustrar estes ambientes, a categoria ambiental a ser adotada aqui será a rua em que moravam, em que moram atualmente e que morarão nos reassentamentos.

Após os primeiros contatos, e concordância dos/as participantes, estes foram instruídos a

colaborar na construção de um mapa afetivo (Bomfim, 2008), conforme orientador do Anexo I, onde foi retratado o espaço onde os participantes vivem atualmente, bem como suscitadas questões e memórias à cerca do espaço de vivência anterior – a comunidade de Paracatu de Baixo.

Durante a construção do desenho do atual ambiente de vivência pelos participantes, eles foram provocados a relatar os usos e afetos destes ambientes, quais são as relações atuais estabelecidas com o espaço, entre as pessoas que o compõem e a comunidade. Na construção dos desenhos do ambiente passado, foram provocados ainda a apontar ambientes de relevância para sua história de vida na comunidade (mesmo que não existam mais), relatando histórias de sua relação com os ambientes descritos e trazendo à memória as relações comunitárias e afetos dos símbolos destacados no mapa.

Isto porque, por meio de desenho é possível elaborar palavras-síntese e da “formulação de sínteses ligadas aos sentimentos, ligadas de forma menos elaborada e de forma mais sensível” (Bomfim, 2010 p. 137). Foi feita a análise categorial, do subtexto, do sentido e do motivo, buscando identificar a estrutura do desenho, qualidade, sentimento, metáfora e estrutura do desenho (Bonfim, 2008). Tal procedimento possibilitou verificar a relação dos sujeitos com o ambiente, seus caminhos percorridos e as características sociodemográficas anteriores e posteriores ao desastre. A aplicação do IGMA possibilitou ainda a categorização em cinco temas: Pertencimento, Agradabilidade, Insegurança, Destruição e Contrastes, conforme definição da literatura pertinente (Bonfim, 2010).

Devido à pandemia mundial de Covid-19, a construção dos mapas e a aplicação do instrumento foram realizadas de forma virtual, através da plataforma *Google Meet*, onde foi feita a gravação de tela da chamada de vídeo, e foi pedido aos participantes que enviassem fotos visíveis dos desenhos que realizaram para fins de análise.

#### **4.3.3 Entrevistas**

Segundo Gunter (2008), a entrevista seria uma espécie de conversa com propósito que no estudo da relação pessoa- ambiente tem importância, por trazer luz a dimensão físico-espacial do ambiente e seu papel nas experiências e ações humanas, possibilitando acesso aos níveis intrapessoal, interpessoal, grupal e intergrupar.

Foram realizadas entrevistas com os participantes, complementares aos Mapas Afetivos.

Instrumento com roteiro semiestruturado, tendo como foco principal as relações entre os/as participantes e vizinhos; e relação dos participantes e local de vivência anterior e posterior ao desastre. As entrevistas foram realizadas de forma virtual, por meio do aplicativo *Google Meet*, devido à necessidade de isolamento social, por causa da pandemia mundial de coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19).

As informações coletadas por meio das entrevistas atenderam ao objetivo de identificar possíveis lugares, pessoas e situações com carga histórica e simbólica para o/a entrevistado/a, identificar a situação atual destes aspectos e a relação atual do/a entrevistado/a com eles e especialmente analisar a reorganização identitária e de estima com o ambiente, de acordo as reconfigurações do espaço/tempo anterior e pós desastre. Além disso, foram elaboradas questões sobre os afetos com relação ao local de vivência atual, o local que está sendo selecionado para o reassentamento das pessoas removidas compulsoriamente e o com a comunidade de Paracatu de Baixo no período do desastre.

A entrevista foi organizada de modo a abordar os seguintes tópicos: Relação com o Passado (relações individuais com o antigo ambiente de vivência; relações comunitárias com o antigo ambiente de vivência – laços e vínculos). Relação com o Presente (relações individuais e familiares com o lugar, relações e vida comunitária com o atual ambiente de vivência – laços e vínculos; aspectos de afeto com o lugar atual); Projeção de Futuro (aspectos individuais – projeção identitária, elaboração de conhecimento, informações e planejamentos sobre o lugar

futuro; Relações e vida comunitária com o futuro ambiente de vivência – laços e vínculos/ potencial de projeção e reorganização da vida comunitária e familiar).

Foi solicitada a gravação da aplicação dos IGMA's e das entrevistas em áudio e vídeo para fins de documentação e análise.

### **4.3 Coleta e Análise de Dados**

Inicialmente, foram feitos levantamentos junto aos sites do Ministério Público, da Cáritas Brasileira Minas Gerais, da Fundação Renova e da Fundação Getúlio Vargas, tendo sido selecionados para análise, os seguintes Relatórios já listados anteriormente: *Atrasos - Relatório de Entrega dos Reassentamentos - Comunidade Bento Rodrigues, Comunidade Paracatu de Baixo e Comunidades Rurais - Mariana/ MG, Fevereiro, 2021; Relatório Técnico - Atraso na Reparação do Direito à Moradia - Reassentamento de Paracatu de Baixo - Mariana/ MG, Setembro, 2021; Pontos Críticos Reassentamento Coletivo de Paracatu de Baixo*; produzidos pela Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais - Assessoria Técnicas das pessoas atingidas de Paracatu de Baixo –; o relatório *Parâmetros para a Reparação do Direito à Moradia no Contexto do Rompimento da Barragem de Fundão - Avaliação dos Impactos e Valoração dos Danos Socioeconômicos Causados para as Comunidades Atingidas pelo Rompimento da Barragem de Fundão* da Fundação Getúlio Vargas (FGV) – Assessoria Técnica responsável pela avaliação e diagnóstico dos danos socioeconômicos e nos modos de vida das comunidades da Bacia do Rio Doce para o Ministério Público Federal e o Ministério Público de Minas Gerais, nos termos da Ação Civil Pública n. 0400.15.004335-6, do Termo de Ajustamento de Conduta Governança (TAC-Gov).

Além disso, foi analisado também documento *Fundação Renova-Relatório Anual de Atividades - ano 2021 – Janeiro 2022*, referentes as atividades mais atuais de realocação de moradores de Paracatu de Baixo produzidos pela Fundação Renova - entidade responsável pelas ações de reparação integral na Bacia do Rio Doce -, contribuindo para a compreensão

do processo de realocação das famílias atingidas.

As informações coletadas através de documentação levantada foram distribuídas em categorias e estudadas à luz da análise de conteúdo (Bardin, 1977).

Posteriormente, se deu a seleção de participantes. O levantamento de participantes não foi uma tarefa fácil durante o período de pandemia, uma vez que não foi possível ir a campo e dialogar pessoalmente com as pessoas a serem identificadas num primeiro momento. Outra grande dificuldade foi que, devido a necessidade de isolamento, instituições como a Cáritas de Mariana e a sede da Comissão de Atingido de Paracatu de Baixo permaneceram fechadas, não permitindo um diálogo direto para obtenção de documentos e informações. Tais informações quanto a identificação de nomes e contatos dos atingidos também não puderam ser repassadas pela Cáritas, devido a obrigatoriedade contratual de sigilo no assessoramento dos atingidos.

Desta foram, os ex-moradores de Paracatu de Baixo foram identificados em citação de matérias jornalísticas e via contato posterior com a Comissão de Atingidos de Paracatu de Baixo e com militantes de movimentos sociais e pessoas que atuaram de alguma forma no território. Identificadas potenciais lideranças de Paracatu, estas foram contactadas por telefone para que a pesquisadora pudesse explicar a respeito da pesquisa e convidar a participarem. Os ex-moradores contactados puderam indicar outros possíveis participantes que satisfizessem os critérios propostos no projeto.

O povo mineiro carrega popularmente a alcunha de desconfiado, porém em contexto de desterritorialização e de negação de direitos há que se reconhecer o direito de certa desconfiança em contatos que se deem de forma não presencial. A delicadeza do assunto e o cansaço provocado pelo relato exaustivo a diversas outras pesquisas também foi algo que fez com que algumas pessoas consultadas declinassem da participação.

Assim, foi necessária uma incursão em campo, conforme o avanço da vacinação e diminuição de casos de COVID-19, para sensibilizar mais pessoas a colaborarem com a pesquisa. Esta visita se deu durante mobilização de atingidos, onde foi possível explicar pessoalmente sobre nossa investigação – mantendo-se o uso de máscaras e de distanciamento social - até que se chegou ao número inicialmente planejado de participantes.

Em seguida, reuniões virtuais foram agendadas com os participantes e realizadas virtualmente, onde foram aplicados os mapas afetivos e as entrevistas. Na análise foi feita a análise categorial, do subtexto, do sentido e do motivo, buscando identificar a estrutura do desenho, qualidade, sentimento e metáfora (Bonfim, 2008), a partir do desenho, mas também das falas, gestos e expressões evocadas pelos participantes durante a produção dos mapas.

Por fim, também nestas reuniões realizadas através do aplicativo *Google Meet*, foram coletadas informações dos participantes a partir das entrevistas individuais. As entrevistas foram posteriormente transcritas, sistematizadas e analisadas (Gunter, 2008), à luz da análise de conteúdo (Bardin, 1977).

#### **4.7 Aspectos Éticos**

Esta pesquisa foi eticamente orientada pelas Resoluções do Conselho Nacional de Saúde – CNS – nº 466 de 2012 e nº 510 de 2016, reforçadas pelo Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, contendo Orientações para Procedimentos em Pesquisas com Qualquer Etapa em Ambiente Virtual (Ministério da Saúde, 2021). Para tanto, a pesquisadora fez contato com os participantes selecionados de forma não presencial, por meio telefônico prioritariamente, para fornecer as devidas explicações sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que contou com as devidas explicações acerca da temática de pesquisa; da forma de aplicação das Entrevistas e do Instrumento Gerador de

Mapas Afetivos.

O TCLE disponibilizado também advertiu da inexistência de riscos à integridade física; de riscos devido a utilização de ambiente virtual, que deveria ser evitados com a criação de link único para acesso a sala virtual do Google Meet e envio para telefone indicado diretamente pelo participante; dos riscos com relação ao armazenamento dos dados coletados virtualmente, tanto pelo TCLE quanto pelas entrevistas e pelo IGMA, que foram baixados e armazenados apenas em dispositivo pen drive; da possibilidade de risco de desconforto emocional para os participantes com relação a menção de questões afetivas sobre os lugares de vivência, que pode ser amenizado com a possibilidade de pausa e/ou interrupção da atividade. Nesse caso também com previsão de indicação para atendimento psicossocial de órgão responsável (Unidade Básica de Saúde local), a ser acionado caso houvesse interesse do participante. Da inexistência de gastos com a pesquisa ou de retorno financeiro; da garantia de devolução dos resultados de pesquisa para os participantes e instituições parceiras, a partir da manifestação de interesse dos mesmos; da possibilidade de desistência em participar da pesquisa a qualquer tempo; da necessidade de autorizar a gravação da aplicação do IGMA e das entrevistas; da possibilidade de busca de indenizações caso haja danos provenientes da pesquisa; e da confidencialidade dos dados e informações de identificação prestadas no curso da pesquisa.

O TCLE foi encaminhado por meio de e-mail pessoal indicado por cada participante que dele dispunha ou tinha acesso, individualmente, de forma a não identificar os demais participantes. Para estes, foi solicitada assinatura virtual por confirmação digital do TCLE para cada participante e para a pesquisadora por meio do site Assinatura Grátis ([www.assinaturagratis.com.br](http://www.assinaturagratis.com.br)), que conta com confirmação criptografada. Amparado pela Medida Provisória (MP) Nº 2.200-2, o referido site confere validade jurídica a assinatura do documento, confere ainda segurança aos dados prestados por criptografia e



autenticação por meio de confirmação via e-mail. O Conselho de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP- UFES) expediu parecer favorável a pesquisa (contido nos anexos abaixo). Para a maioria dos participantes, o TCLE foi assinado de forma presencial, devido à dificuldade de manuseio com os instrumentos tecnológicos, resguardando distanciamento social e uso de equipamentos de proteção individual no contato direto com o assinante. Estes serão armazenados em posse desta pesquisadora, de forma a não ferir o sigilo dos participantes.

## **Resultado e Discussão**

### **5.1 Estudo Documental – Caracterização do rompimento e das Ações de Reparação ao Direito à Moradia**

#### **Figura 4 –**

*Imagem da Comunidade de Paracatu de Baixo após o rompimento da barragem de Fundão.*



Este capítulo visa realizar a caracterização do processo de realocação de antigos moradores de Paracatu de Baixo atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão. Inicialmente, será

construído o cenário de como se deram os danos do rompimento na perspectiva das pessoas atingidas, narrando os fatos desde o momento em que tiveram as primeiras notícias do rompimento até a alocação das famílias em casas alugadas, passando pelo período em que permaneceram em alojamentos temporários e hotéis.

No tópico seguinte, serão apontados os aspectos legais para a reparação do direito à moradia, através da análise dos relatórios técnicos produzidos pela Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais – assessoria técnica das pessoas atingidas, da Fundação Getúlio Vargas –Assessoria Técnica responsável pela avaliação e diagnóstico dos danos socioeconômicos e nos modos de vida das comunidades da Bacia do Rio Doce para o Ministério Público Federal e o Ministério Público de Minas Gerais, nos termos da Ação Civil Pública n. 0400.15.004335-6, do Termo de Ajustamento de Conduta Governança (TAC-Gov); e da Fundação Renova – entidade responsável pelas ações de reparação integral, com o propósito de melhor identificar as modalidades de reparação de moradia.

Por último, nos dois últimos tópicos deste capítulo serão abordadas as problemáticas do reassentamento coletivo e adesão às demais modalidades de reparação, respectivamente, enfatizando os principais danos psicossociais presentes nestas modalidades e os aspectos que possam possibilitar a reapropriação de espaço com vistas a potencialização da estima e enraizamento para com o lugar de moradia permanente das pessoas atingidas.

### **5.1.1 A Última Noite – O Território de Paracatu de Baixo foi Engolido pela Lama da Samarco**

*A Última Noite*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Poema de autoria da atingida Angélica Peixoto e publicado no Jornal A Sirene, Ed. 8, nov, 2016, p 15. Disponível em [https://issuu.com/jornalasirene/docs/asirene\\_ed9\\_novembro\\_issu](https://issuu.com/jornalasirene/docs/asirene_ed9_novembro_issu). Acessado em 20 de junho de 2022.

*Barragem de Fundão estourou. Destruiu Bento Rodrigues. Muitos morreram. Previsão de chegar em Paracatu. Peguei documentos e sai de casa. Lama não ia chegar. Muito longe. Fui para a rua. Ninguém acreditou. Helicóptero sobrevoou a comunidade e pousou no campo. Todos correram para a praça. Defesa Civil deu cinco minutos para procurar um lugar mais alto. Pessoas choravam. Aflição. Desespero. O que fiz? Corri para a rua Furquim. Conversas exaltadas. Choque. Medo. Dúvidas. Fui mais para o alto. Pessoas se ajudavam. Solidariedade. Consolo. Amizade. Alguém desmaiou. Uma pessoa com falta dela. Buscaram na casa dela cilindro de oxigênio. Sede, muita sede. Conjecturas. E a lama estava vindo mesmo? Triste realidade, vinha destruindo tudo pelo caminho. A tarde virou noite. Uma televisão foi salva. Vi passando no ombro de alguém. Moradores ainda estavam em casa. Mais aflição. Medo. Angústia. Ansiedade. Guarda Municipal chegou. Todos retirados e subiram o morro. Espera. Preocupação. Ônibus da escola não tinha chegado. Mães desesperaram. Medo de não dar tempo. Confiaram em Deus. Seus filhos chegaram. Um pouco de alívio. O tempo passou. A lama chegou à ponte. Veio arrebatando tudo. Fome. Sede. Angústia. Sofrimento. Desesperança. Dura realidade. Noite escura. A luz foi embora. Barulho de madeira quebrando. A destruição chegou à comunidade. Cheiro horrível invadiu as narinas. Tudo destruído. Casas. Igreja. Escola. Choradeira. Angústia. Impotência. Todos sem casa. A força da lama arrastou tudo o que estava pela frente. Passou pela cachoeira. Destino: Pedras. Todos vivos. Mas acabou. Histórias de vidas perdidas. Luta de uma vida inteira. Bens materiais. Só restou procurar refúgio. Abrigo. Um ano se passou. Fomos e somos atingidos pela lama de Fundão. Até o momento sem casa.*

O povoado de Paracatu de Baixo faz parte do distrito de Monsenhor Horta, situando-se a cerca de 40 quilômetros da sede do município de Mariana. A própria origem do município de Mariana, fundado em 16 de julho de 1696, se mistura com a mineração, uma vez que o município nasceu partir das incursões de bandeirantes em busca de ouro nestas terras e se

desenvolveu durante séculos de exploração mineral. A partir de meados de 1970, o ferro passa a ser o mineral mais buscado, com a instalação de multinacionais no território. Este histórico faz com que a população de Mariana tenha uma relação direta e identitária com a mineração.

No entanto, distritos como Paracatu de Baixo, que viviam majoritariamente da agricultura familiar e possuía poucos moradores entre os trabalhadores da mineração, não possuíam tal relação identitária, para além da história geral do município. Mesmo distante 24 quilômetros da barragem de Fundão e não tendo seus dados sistematizados como Área de Vizinhança no Estudo de Impacto Ambiental (EIA) do empreendimento da Samarco (Wanderley, 2015), o distrito de Paracatu de Baixo teve seu território em grande parte inundado pela lama despejada por ela, fazendo com que as famílias fossem desalojadas de suas casas devido aos graves danos infraestruturais e socioambientais causados.

### Figura 5 –

*Mapa Localização das comunidades de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo.*



Adaptado de: Correa, 2020.

De acordo Wanderley (2015), o distrito de Monsenhor Horta era composto por 1740 habitantes, sendo que a população de Paracatu de Baixo pelo no período do desastre

contabilizava cerca de 300 habitantes, da qual 80% era composta por pessoas declaradas pretas e pardas. Em sua maioria, os moradores de Paracatu de Baixo eram pequenos agricultores, altamente identificados com a origem e prática rural e que não tinham relação de proximidade com as práticas mineradoras executadas nas cercanias de seu território (Gonçalves, Pinto & Wanderley, 2016).

O direito à moradia digna é garantido aos cidadãos e cidadãs brasileiros pela Constituição Federal de 1988, através de seu 6º artigo. Os danos que provocaram a destruição da comunidade de Paracatu de Baixo comprometeram gravemente este direito para as famílias residentes ao longo do rio Gualaxo do Norte e do Rio Doce, depois da inundação total ou parcial de comunidades provocada pelo rompimento da barragem de Fundão, de responsabilidade das empresas Samarco, BHP Billiton e Vale S/A, na cidade de Mariana.

Com a aproximação da lama, famílias se deslocaram para as partes mais altas da comunidade, aguardando socorro durante horas, até serem finalmente resgatadas. O morador entrevistado por esta pesquisa e aqui identificado como Embaúba, relatou que foi um dos primeiros a presenciar a chegada da lama: “A gente ficou sabendo que tinha rompido lá, mas não achava que ia chegar aqui assim. Peguei minha moto e fui ver onde a lama estava, não muito longe. Ela vinha devagar, mas com uma força grande. Peguei minha irmã e a gente foi na igreja tirar as imagens e a bandeira de Santo Antônio, porque não podia deixar perder” (Embaúba).

Alguns moradores se encaminharam para casas de parentes e vizinhos, ali mesmo na comunidade. Esse é o caso de um dos moradores, que se direcionou para uma casa que sua irmã possuía nos arredores da comunidade e por lá permanece até hoje. Os maiores danos se deram na parte mais urbanizada da comunidade. A lama invadiu casas, destruiu plantações, levou embora animais domésticos e de criação.

Para muitos dos moradores, apenas foi possível salvar a vida, tendo deixado bens móveis e imóveis, documentos, fotos e pertences debaixo da lama. Os projetos, os sonhos, as histórias e o esforço de toda uma vida foram soterrados. O território da pacata Paracatu de Baixo deixou de existir, sob seus olhos, perplexos.

Território aqui não pode ser entendido apenas como uma porção de terra ou mesmo como somente o espaço físico, para se evitar de incorrer no erro de desconsiderar os sentidos e as relações para com a terra, mas também para com as gentes, os bichos, a natureza, a história e a tudo mais que está e que seu deu sobre ela até então. É preciso entender o território, assim como define Milton Santos (1996), enquanto território usado por aqueles que o habitam, com tudo o que o constitui material e imaterialmente. “É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco de perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro” (Santos, 1994, p. 15).

Gonçalves, Pinto e Wanderley (2016) enfatizam a importância do território para a reprodução da existência das famílias atingidas diretamente pelo rompimento da barragem de Fundão. Para eles, “O território que ocupam como ambiente de vida, local de morada e de trabalho coletivo e individual, possibilita a construção de relações humanas com significados e sentidos específicos, garantindo a reprodução social do grupo” (Gonçalves, Pinto e Wanderley, 2016, p 164).

Impossibilitadas de permanecerem naquele espaço soterrado pela lama da barragem de Fundão, as famílias atingidas foram deslocadas e se viram temporariamente hospedadas em alojamentos temporários e, posteriormente, em hotéis na área urbana da cidade de Mariana, providenciados às pressas pela empresa causadora do desastre, onde passaram vários dias reclusos. Este processo é identificado como deslocamento compulsório, assim conforme

define relatório realizado em 2019 pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), onde os deslocamentos compulsórios podem ser considerados procedimentos derivados de uma situação preexistente de vulnerabilidades física, socioeconômica, política e institucional, podendo se dar de forma física (deslocamento devido a perda de moradia ou mudança) ou por fatores econômicos (perda de bens ou de acesso a bens que ocasiona a perda de fontes de renda ou meios de sobrevivência). Ainda conforme a FGV (2019), o procedimento de deslocamento compulsório pode ser resultado de processos de aquisição de terras ou mesmo da destruição total ou parcial de bens imóveis.

Alguns aspectos devem ser levados em conta quando há a ocorrência de um deslocamento, para que ele possa ser identificado como compulsório. É relevante verificar, portanto, aspectos tais como: se estas pessoas não tiveram o direito de recusar a aquisição de terra da qual foram deslocadas; se foram surpreendidas pela destruição total ou parcial de seus bens imóveis, assim como vizinhanças, espaços ou equipamentos públicos (das praças, vias, parques, edifícios públicos, equipamentos de infraestrutura); ou se sofreram a perda do acesso à água potável ou outros recursos necessários para provimento de seus sustentos (FGV, 2019, p.160). Por esta ótica, podemos dizer que deslocamento dos moradores de Paracatu de Baixo após o soterramento de sua comunidade contém todos os elementos que identificam a ocorrência de deslocamento compulsório.

Até o início de dezembro de 2015, um mês após o rompimento, apenas 24 famílias (94 pessoas) haviam trocado a hospedagem em hotel por moradia de aluguel disponibilizada pela empresa causadora pelo rompimento, conforme noticiou o Jornal Diário do Centro do Mundo

(2015)<sup>2</sup>. Neste período, outras 24 famílias (103 pessoas) estavam em processo de mudança. Mais 215 famílias (751 pessoas) estavam ainda cadastradas para mudar, tendo permanecido por mais alguns meses vivendo nestes hotéis (Estado de Minas, 2015).

O desespero frente aos graves danos e a tristeza do afastamento de suas casas e comunidade foi dando lugar à incerteza sobre o que estava por vir, as dúvidas sobre o que ainda restavam de seus pertences e sua comunidade e o pesar em não ter domínio sobre seu próprio futuro a partir dali, pois seu território de origem e escolha, assim como o conheciam, não mais existia.

Em seu relatório “Parâmetros para a Reparação do Direito à Moradia no Contexto do Rompimento da Barragem de Fundão - Avaliação dos Impactos e Valoração dos Danos Socioeconômicos Causados para as Comunidades Atingidas pelo Rompimento da Barragem de Fundão”, a Fundação Getúlio Vargas (2019) evocou o conteúdo do Pacto Internacional Sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, elaborado pelo respectivo Comitê da Organização das Nações Unidas, em seu Comentário Geral no 7, de 1997, para afirmar que o deslocamento compulsório é uma das formas de violação do direito humano e fundamental à moradia adequada, eis que é considerado incompatível com os requisitos do. Ainda segundo a FGV, os deslocamentos compulsórios são causas frequentes de violação também de outros direitos humanos devido à relação de interdependência e indivisibilidade que existe entre eles (FGV, 2019 p.159).

---

<sup>2</sup>Matéria “Empilhadas em hotéis, as vítimas da lama da Samarco tentam retomar a vida”. Por Aline Frazão. Jornal Diário do Centro do Mundo. Publicado em 28 de novembro de 2015. Disponível em <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/empilhadas-em-hoteis-as-vitimas-da-lama-da-samarco-tentam-retomar-a-vida-por-aline-frazao/>. Acessado em 22 de julho de 2022.



A manutenção destas pessoas por dias a fio em hotéis e alojamentos, nos quais era impossível a manutenção da autonomia quanto ao usos do espaço, da própria construção em si e o destino dos lugares frequentados, bem como da impossibilidade real de identificação com novo território, prejudicou fortemente a constituição de um projeto de futuro e, conseqüentemente, a apropriação do novo território, uma vez que é incompatível explicar o território sem sua utilização livre e, portanto, não há como apreender e compreender o território e seus potenciais usos sem um projeto.

Também, para os que foram forçados a se mudar, “a vida [...], da forma que existiu, preenche dos poros às memórias de quem se viu sem sua maior ou única referência de lar. Restou um vazio”. (Rodrigues, 2016 conforme citado por Santos, 2016, p.14). Realocadas em moradias “temporárias” e espalhadas por todo o território do município de Mariana (Cáritas, 2020 b) essas pessoas estão, desde o rompimento, impedidas de perpetuar as relações socioculturais que mantinham nos antigos territórios. Assim, distanciadas, aguardam pelo reestabelecimento territorial prometido pelos processos de reassentamento em curso.

### **5.1.2 A luta pela Reparação do Direito à Moradia – Aspectos Legais**

A perda da moradia digna dos moradores de Paracatu de Baixo desencadeou um cansativo processo de conflito socioambiental para o reestabelecimento de condições adequadas de reprodução da vida cotidiana. Os conflitos ambientais aqui, são entendidos na perspectiva de Henri Acselrad, que os concebe como “aqueles envolvendo grupos sociais com modos diferenciados de apropriação, uso e significação do território, tendo origem quando pelo menos um dos grupos tem a continuidade das formas sociais de apropriação do meio que desenvolvem ameaçada por impactos indesejáveis – transmitidos pelo solo, água, ar ou sistemas vivos – decorrentes do exercício das práticas de outros grupos” (Acselrad, 2004, p. 26).

O reestabelecimento de condições socioambientais adequadas foi comprometido, devido aos conflitos ambientais (Acsegrad, 2004) advindos da dificuldade em exercer a apropriação simbólica e apropriação material destas pessoas, instaladas inicialmente na porção urbana da cidade de Mariana, o comprometimento da durabilidade da base material necessária à continuidade das formas sociais de existência destas pessoas, de origem rural, e ainda de garantir interatividade destes sujeitos num ambiente urbano, primeiramente residindo em hotéis e, em seguida, em residências alugadas, onde os moradores “não podiam pregar um prego, criar um bicho”, atribuíram uma dinâmica conflitiva no novo ambiente de moradia. A resolução de conflitos e de planejamento e gestão de crises são tomados como soluções imediatas aos impactos da espacialização do processo de acumulação de capital sobre os territórios, suas condições naturais e populações (Carneiro, 2005).

A mediação destes conflitos entre os interesses de reprodução social destas pessoas e os danos causados pela empresa responsável pelo rompimento da barragem que soterrou Paracatu, passou a se dar através da Ação Civil Pública (ACP) de número 0400.15004335-6 (ACP), tramitada na 2ª Vara da Comarca de Mariana/MG (MP).

A Ação Civil Pública (ACP) de número 0400.15004335-6, que indicou a responsabilização pelo desastre socio tecnológico às mineradoras Samarco, BHP Billinton e Vale S/A, atribuindo a elas a obrigação de reparar o direito à moradia das famílias atingidas (Cáritas, 2021a, p. 9).

Em decorrência disso, foram homologadas 83 As Diretrizes de Reparação do Direito à Moradia em Juízo, nos autos da Ação Civil Pública no 0400.17.004149-7 e 0400.15.004335-6, no dia 6 de fevereiro de 2018. Estas diretrizes têm o objetivo principal de garantir o acesso à reparação do direito de propriedade, da moradia e do uso da terra para as pessoas atingidas (Cáritas, 2021a, p9).

Os processos de reparação integral, nos termos da Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), decorrem das circunstâncias relacionadas ao desastre, que se enquadram em pelo menos um dos critérios de acesso: deslocamento físico compulsório das pessoas e famílias, inabitabilidade dos imóveis atingidos, isolamento comunitário - perda de vizinhança, de acesso a equipamentos públicos, da rede de trocas socioeconômicas, do comércio, de acesso a bens materiais e imateriais de uso coletivo, dentre outras situações - e impossibilidade de reproduzir os métodos tradicionais de produção, elementos estes, indispensáveis a existência das pessoas e das comunidades (FGV, 2019; Cáritas, 2021a). Estes critérios são satisfeitos para a maior parte dos antigos moradores de Paracatu de Baixo.

Ainda através da ACP, também foi estabelecida que a obrigação de fazer e entregar coisa às pessoas atingidas deve ser realizada a partir da ampla participação dessas famílias e comunidades atingidas durante todas as etapas necessárias ao desenvolvimento satisfatório do processo de reparação (Cáritas, 2021b).

Através dos acordos judiciais firmados no dia 05/10/2017, ficou estabelecido a destinação de recursos para o cadastramento das pessoas atingidas, onde a unidade de análise do cadastro poderá ser tanto individual quanto por núcleo familiar. Foi garantido que, em casos de haver mais de um núcleo familiar em uma mesma residência, cada um deles possui o direito a constituir uma unidade de análise distinta. O Cadastro poderia ser feito tanto por relato escrito, quanto por vídeo, onde a pessoa ou núcleo familiar tem a liberdade de declarar seus sofridos (Cáritas, 2021b).

Em agosto de 2016 as atividades e operação da Fundação Renova tiveram início, criada para conduzir os programas de reparação, restauração e recuperação socioeconômica e socioambiental das áreas impactadas, através do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC).

Foram estabelecidas ainda as categorias de reparação com relação à moradia, podendo ser elas nos termos do reassentamento coletivo, reassentamento familiar, reconstrução ou pecúnia. (Cáritas, 2021a, p. 36). De acordo a equipe de assessoria técnica da Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais, existem 274 núcleos familiares atingidos cadastrados cuja comunidade de origem é Paracatu de Baixo, sendo que 186 núcleos familiares se enquadram em pelo menos um dos critérios de reassentamento, com possibilidade de atendimento nas diferentes modalidades de reparação do direito à moradia: apresentados acima (Cáritas, 2021a, p. 8). Tais categorias serão apresentadas mais profundamente abaixo.

### **5.1.3 Lucila – O Novo Paracatu de Baixo**

O Reassentamento Coletivo é a modalidade destinada aos moradores das comunidades de Bento Rodrigues e Paracatu de baixo, através da realização da reparação da remoção forçada de uma comunidade do seu local de origem para uma nova área – o reassentamento. Esta modalidade tem como objetivo “garantir a restituição do direito à moradia adequada, da retomada as atividades produtivas, volta dos modos de vida e do acesso igualitário para todos os bens coletivos de uma comunidade” (Cáritas, 2021a, pag 14).

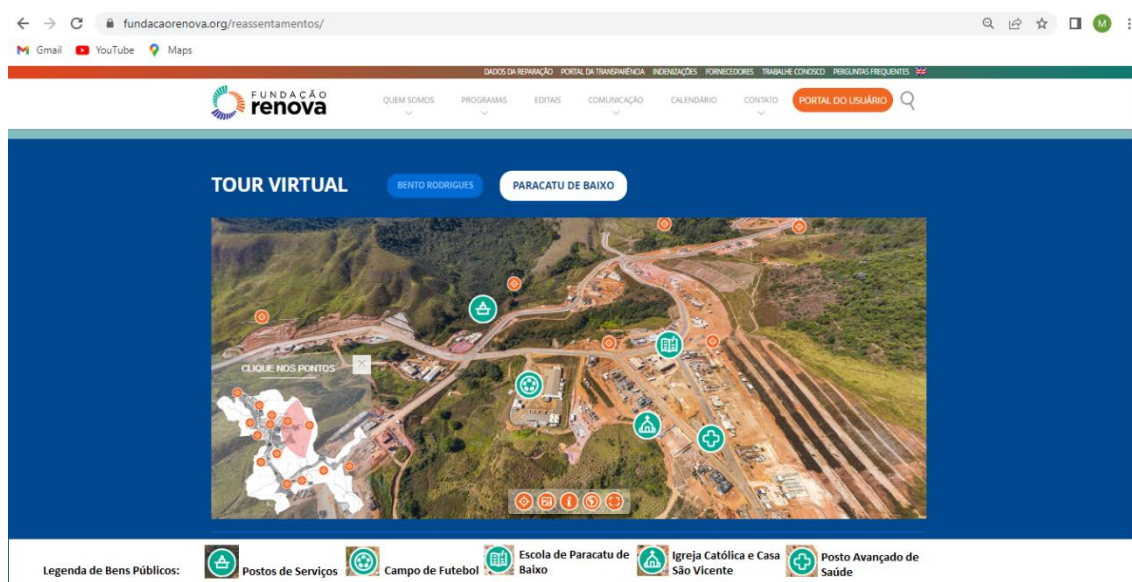
Os cadastros das pessoas e núcleos familiares atingidos teve início em março de 2017. Até a presente data, a Fundação Renova apresenta a projeção que 83 famílias terão a restituição do direito à moradia por meio do reassentamento coletivo de Paracatu de Baixo.

O reassentamento coletivo (padrão) consiste na entrega conjunta de terreno, moradia e infraestrutura, observando-se o disposto na legislação fundiária e baseando-se em parâmetros básicos de orientação, tais como escolha da terra e tamanho da moradia, sendo tal modalidade cabível quando a reposição, restituição ou recomposição do bem imóvel afetado não for tecnicamente viável, nos termos das normas e políticas públicas (FGV, 2019).

Conforme informações do site da Fundação Renova,<sup>3</sup> no dia 3 de setembro, 103 famílias de Paracatu de Baixo escolheram, em assembleia, o terreno de Lucila para a construção do novo distrito. Todo o processo foi coordenado pela Comissão de Atingidos, com acompanhamento do Ministério Público, Fundação Renova, Prefeitura Municipal e auditores externos.

## Figura 6

*Representação da situação atual do Reassentamento Coletivo de Paracatu de Baixo contida no Site da Fundação Renova.*



Adaptado a partir de informações contidas no site da Renova, aba Reassentamentos. Acessado em 14/07/2022.

Conforme registro no Cadastro Ambiental Rural, de 22/11/2017, o terreno denominado Lucila compreende 63,9 ha de área, e situa-se cerca de 2,2 km distante da antiga Paracatu de Baixo. Posteriormente foi preciso ampliar a área para o reassentamento dos núcleos familiares, após a inclusão de sitiantes, sendo necessário que outras propriedades contíguas aos terrenos de

<sup>3</sup>Matéria Publicada em 03/09/2016. Disponível em <https://www.fundacaorenova.org/noticia/terreno-de-lucila-e-escolhido-pelos-moradores-para-reconstrucao-de-paracatu-de-baixo/>

“Toninho” e “Lucila” fossem adquiridas, fazendo com que a área do reassentamento chegasse a uma poligonal de 407,19 ha de área, distribuída em 95,93 ha de mancha urbana e 311,26 ha para fins rurais (Fundação Renova e Acta Ltda, 2019 in Cáritas, 2021 a, p.13).

Após adquirido, o loteamento passou para a fase de regularização, onde foi necessária a criação de dispositivos à Lei Complementar nº 016/2004 - Plano Diretor Urbano e Ambiental de Mariana. Para isso, foi necessário a elaboração da Lei Complementar nº 180/2018, aprovada em 25/09/2018, que permite o processos de reassentamento das comunidades atingidas; e, em seguida, da Lei Complementar nº183/2018, aprovada em 14/12/2018, que cria e regulamenta a área de diretrizes especiais de Paracatu de Baixo - ADIES a fim de apontar parâmetros urbanísticos e fiscais diferenciados, além de almejar a preservação dos modos de vida da comunidade atingida, (Mariana, 2018a; 2018b, conforme citado por Cáritas, 2021b). Somente em junho de 2019 as obras do reassentamento tiveram início de fato, sendo interrompidas em 2020 devido a pandemia de COVID-19, sendo retomadas ainda em 2020.

De acordo às informações atualizadas no site da Fundação Renova, na aba “Reassentamentos”, esta modalidade se assemelha a construção de cidades, em termos de infraestrutura. Até o fechamento desta dissertação, foram iniciadas 36 casas e as obras da escola fundamental, escola infantil e do posto de saúde. De acordo à Fundação Renova<sup>4</sup>, a infraestrutura está próxima de ser concluída, tendo sido executadas obras de terraplenagem das vias de acesso e das áreas dos lotes (mais de 1,2 milhão de metros cúbicos), contenções, obras da rede de drenagem pluvial (mais de 1,2 km de rede), adutora de água tratada (mais de 1 km) rede de esgoto (mais de 1,7 km), além de ter sido concluída a pavimentação do acesso principal. Ainda foram protocolados 61 projetos básicos na prefeitura, liberados 61 alvarás de casas e emitidos 11 alvarás para bens de uso coletivo (Campo, casa São Vicente, cemitério,

escola fundamental, escola infantil, capela Santo Antônio, Posto de Saúde, posto de serviço, salão comunitário, sítio arqueológico e praça Santo Antônio) e 5 licenças simplificadas para lotes.

As pessoas atingidas que acompanham o desenvolvimento das construções não consideram que o andamento das obras é razoável, uma vez que a Fundação Renova vem descumprindo prazos judiciais para entregá-lo, tendo colocado a pedra fundamental do reassentamento apenas em setembro de 2021.

### Figura 7

*Atingidas de Paracatu de Baixo participam de ato de instalação da Pedra Fundamental do reassentamento coletivo.*



*Fonte: Elaboração da autora, a partir de informações contidas no site da Renova, aba Reassentamentos. Acessado em 14/07/2022.*

Diante disso, os futuros moradores têm se manifestado constantemente, porém a própria justiça tem impedido estas manifestações, como ocorreu após a paralização de ônibus de

trabalhadores do reassentamento, ocorrida nos dias 28, 29 e 30 de junho de 2022, quando o juízo da 2ª Vara Cível da Comarca de Mariana-MG determinou a proibição deste tipo de manifestação.<sup>5</sup>

#### **5.1.4 Comunidade Dissolvida – As Problemáticas do Reassentamento Coletivo e a Adesão a Outras Modalidades de Reparação do Direito à Moradia**

Desde os primeiros debates acerca da construção do reassentamento coletivo no terreno Lucila, as disputas políticas e simbólicas (Achselrad, 2004) em torno de como seria conformado o novo espaço se tornaram cada vez mais proeminentes.

As famílias atingidas que residirão no reassentamento coletivo de Paracatu de Baixo começaram a detectar problemas quanto à **infraestrutura** que foram apresentadas pela Fundação Renova. Uma das principais desavenças quanto a composição do reassentamento são a percepção de déficit de área nos projetos apresentados, onde os futuros proprietários dos lotes têm visto que estes demonstram possuir área inferior que seus terrenos na área de origem apresentavam (Cáritas, 2021b, p 10). Estes elementos podem impactar o **sentido de familiaridade** com o entorno, que cumpre o papel de transformar o espaço indiferenciado em lugar significativo (Massola e Svartman, 2018b) e dificultar a reapropriação do espaço, uma vez que prejudicam o a identificação e personalização do espaço pelos futuros moradores.

Os futuros moradores também têm reclamado quanto a topografia dos lotes que tem apresentado inclinação acentuada superior a 30%, especialmente na porção posterior, segundo relatório da FGV (2019), que destaca que o problema das altas declividades pode ser percebido em cerca de 32% dos lotes. A Fundação Renova vem construindo taludes escalonados, como alternativa para a questão da topografia e, de acordo relatório da Cáritas

---

<sup>5</sup>Conforme Nota Pública: Decisão da comarca de Mariana proíbe manifestações populares, produzida pela Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais. Disponível em <https://mg.caritas.org.br/noticias/nota-publica-decisao-judicial-da-comarca-de-mariana-proibe-manifestacoes-populares>. Acessado em 22/0/2022



(2021 b) tem gerado mais um problema para a comunidade, que os considera de difícil ou impossível acesso e aproveitamento, especialmente se considerado seu uso com relação as possíveis plantações, criações de animais e construções ou ampliações, que os futuros moradores venham a desejar fazer. Esta impossibilidade da reprodução destas ações, inerentes aos hábitos destas pessoas, pode dificultar com que estas pessoas se sintam em casa, aspecto fundamental para o reenraizamento.

O mesmo pode ser percebido, porém no sentido de sentir-se parte da comunidade, uma vez que a concentração de espaços e equipamentos de uso coletivo (praça, escolas, posto de saúde, Igreja Católica), principalmente na Praça Santo Antônio, e a indefinição das locações de outros equipamentos (quadra poliesportiva, associação comunitária e sede da cooperativa), e de áreas institucionais sem uso definido em diferentes pontos do reassentamento são também objeto de preocupação dos futuros moradores do reassentamento (Cáritas, 2021b, págs. 65 e 66). Sobre tal aspecto, Svartman e Massola (2018b) atribuem a noção de comunidade a compreensão do espaço público em que experiências de segurança, respeito e aparição pessoal possam vir a ser vividas em companhia de outros.

Estas características de âmbito físico que impedem a retomada dos modos de vida, conforme determinado judicialmente e pode ainda ser considerada uma violação aos direitos de pessoas idosas, com mobilidade reduzida e pessoas com deficiência, prejudicando seu uso do terreno, uma vez que eles serão impedidos ou enfrentarão dificuldades desproporcionais para acessar áreas superiores de seus terrenos (FGV, 2019, p.22).

Outra questão em disputa é o cumprimento dos prazos apresentados pela Fundação Renova. Ainda conforme relatório da Cáritas (2021 b) sobre as questões do reassentamento, antes o atraso nas etapas de negociação e compra dos terrenos, realização de estudos para adequação legal e obtenção de licenças, elaboração/revisão dos projetos urbanísticos e dos projetos das edificações, o cumprimento dos prazos previstos nos convênios juntos ao poder público tem

sido percebidos desde antes do início das obras, conforme é possível verificar no quadro abaixo. Este atraso impede a **reapropriação** com o ambiente e diminui o potencial de investimento afetivo, importante para a construção de **perspectiva futura** de habitação por longo período naquele local. Especialmente pessoas mais idosas, vem tendo dificuldades em se imaginar morando no reassentamento, ou seja, de **se sentir em casa**.

### Figura 8

*Quadro dos marcos temporais do processo de reassentamento coletivo de Paracatu de Cima.*

ETAPAS	DATA
Compra do terreno (Escritura)	19/04/2018
Audiência pública para proposição de Lei Complementar, mediante alteração da Lei Complementar nº 016/2004 (Plano Diretor)	22/08/2019
Aprovação do projeto urbanístico pela comunidade	13/09/2018
Aprovação da Lei Complementar nº180/2018 - Alteração Lei Complementar nº 016/2004 (Plano Diretor)	25/09/2018
RGI em nome da Fundação Renova	11/10/2018
Aprovação da Lei Complementar 183/2018 - ADIES Paracatu de Baixo	14/12/2018
Protocolo de Licenciamento Ambiental na Prefeitura	30/01/2019
1º prazo judicial para entrega do reassentamento	31/03/2019
Emissão do Licenciamento Ambiental pela Prefeitura	13/05/2019
Emissão do alvará de urbanização pela Prefeitura	05/06/2019
2º prazo judicial para conclusão do reassentamento	27/08/2020
3º prazo judicial para conclusão do reassentamento	27/02/2021 <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Último prazo judicial foi definido para 27/02/2021 depois que a Fundação Renova descumpriu prazos judiciais anteriores: 31/03/2019 e 27/08/2020.

*Extraído do Relatório Técnico – Atrasos na Reparação do Direito à Moradia da Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais, setembro de 2021.*

Além destes, no documento *Pontos Críticos do Reassentamento Coletivo de Paracatu de Baixo (2021 c)*, a Cáritas identificou como questões de descontentamento dos futuros moradores do reassentamento de Paracatu tais como terraplanagem e infraestrutura pendentes; falta de contratação de pessoas atingidas nas obras realizadas; necessidade de água bruta ainda não garantida pela Fundação Renova para as atividades de plantio e criação de animais pela comunidade; definições quanto acessos, relação com o meio natural, áreas para plantio e criação de animais, espaços de uso coletivo para esportes e manifestações culturais e

religiosas, como citado acima, como dificultadores da retomada dos modos de vida anteriores; plantio e benfeitorias nos lotes; situação dos sitiantes; e de novos núcleos, meeiros, cedidos e inquilinos (Cáritas, 2021c)

Com relação ao último ponto mencionado, a Fundação Renova não vem reconhecendo a situação de atingidos que devem ser enquadrados como novos núcleos, desrespeitando a identidade pessoal e a reconfiguração das famílias. A Cáritas (2021 b) identificou através do processo de cadastramento e ainda do diálogo com a comunidade atingida, a existência de 33 indivíduos/núcleos familiares da comunidade de Paracatu de Baixo que se enquadram nesta situação. A diretriz de reparação do direito à moradia nº 2, homologada judicialmente em 06/02/2018, garante os direitos destes novos núcleos:

Para respeitar a conformação atual dos núcleos familiares, abarcando os casos de separação, novas uniões, falecimentos, nascimentos, e outro casos, a Samarco, a Vale e a BHP Billiton, por meio da Fundação Renova, deverão garantir um imóvel para casa núcleo, quando assim for o desejo do núcleo familiar, observados os critérios razoáveis e geralmente aceitos, regras de aferição da formação da efetiva formação de novos núcleos familiares, e que tal realidade esteja considerada no cadastro. (TJMG, 2018<sup>a</sup>, in Cáritas, 2021 a, pág. 42)

Por tudo isso, muitos atingidos têm entendido o novo reassentamento como a instalação de um condomínio de luxo, muito distante das características rurais e simples que compunham a antiga comunidade de Paracatu de Baixo, gerando prejuízos a **identidade coletiva**. Nestes termos, resta claro o quanto o espaço urbano se conforma como um campo favorável ao desenvolvimento de ideologias e do poder hegemônico do Estado e das políticas governamentais, que quase sempre favorecem os detentores do poder econômico, neste caso, os executores da reparação dos danos que eles mesmos causaram (Bomfim, 2010).

Fica evidente o processo de“(des)territorialidade, caracterizado por segregação socioespacial, contradições, polarização social, fragmentação, formação de guetos, bolsões de miséria e pobreza” (Bomfim, 2010, p 39), uma vez que todas estas problemáticas apresentadas acima e a perda de interesse em continuar aguardando a incansável construção do reassentamento coletivo, muitos deles têm preferido adotar outras modalidades de reparação do direito à moradia, a despeito da reestruturação da comunidade no reassentamento no terreno Lucila.

### **5.1.5 Reassentamento Familiar – Comunidade que não volta**

Apesar de se tratar de modalidade diversa do reassentamento, a Fundação Getúlio Vargas (2019) enfatiza que a realocação assistida, deve garantir os mesmos parâmetros no que diz respeito à moradia adequada. Nesse sentido, os terrenos ofertados devem se encontrar devidamente regularizados; sua localização não deve se dar em áreas isoladas — sem acesso a serviços sociais e infraestrutura pública — ou que coloquem em risco a saúde das populações; as novas moradias construídas devem possuir condições de habitabilidade adequadas; e sua forma de construção deve respeitar culturalmente os modos de vida existentes antes do deslocamento.

No caso das famílias afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão, a realocação assistida é denominada “reassentamento familiar” e foi uma das modalidades de reparação do direito à moradia definida pelas diretrizes acordadas judicialmente em Mariana. Esta modalidade se dá através da oferta da possibilidade de escolha de um imóvel do banco de imóveis organizado pela Fundação Renova ou a indicação daquele da sua preferência para aquisição da Fundação e destinação ao núcleo familiar (FGV, 2019).

O Reassentamento Familiar foi estabelecido pela Diretriz nº12 homologada em 13 de julho de 2018, na Ação Civil Pública 0400.15.004335-6 e possui o mesmo objetivo do reassentamento coletivo, porém, é a modalidade pela qual a reparação da remoção forçada de um núcleo

familiar do seu local de origem não se dá de forma coletiva. São destinados àquelas pessoas e núcleos familiares que poderão adquirir novas residências de forma assistida em outro território que não aquele adquirido para o reassentamento, sendo em grande parte nas sedes de Mariana e Barra Longa (Cáritas, 2021b, pag. 74 e 75).

Assim, a Fundação Renova deve se responsabilizar pelo processo de aquisição do imóvel, bem como pela construção da nova moradia ou reforma da moradia pré-existente, além de garantir assistência técnica e extensão rural às famílias. A Diretriz 12 da ACP garantiu que os moradores dos distritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo também poderiam aderir a esta modalidade de reparação. Assim, levantamentos da Cáritas (2021b) contabilizaram 48 famílias de Bento Rodrigues e 33 famílias de Paracatu de Baixo aptas a aderirem a ela.

Conforme denunciado no Ofício OF/CABF/04/2021, emitido pela Comissão de Atingidos pela Barragem de Fundão (CABF) com apoio da Assessoria Técnica Cáritas e encaminhado ao MPMG em fevereiro de 2021, a Fundação Renova tem desrespeitado os acordos judiciais firmados em Mariana ao declarar inelegíveis famílias que se enquadram nos critérios de acesso ao reassentamento acordados em ACP, mas que não foram deslocadas compulsoriamente. Os atingidos declarados inelegíveis têm sido pressionados a aderir ao Plano de Adequação Socioeconômica e Ambiental – PASEA - como única alternativa de reparação. Em 27 de maio de 2020, a Fundação Renova informou, por meio do Ofício 26026/2020/GJU, que 56 famílias estavam cadastradas no PASEA, sendo 43 residentes nas comunidades da Zona Rural, 4 em Bento Rodrigues e 9 em Paracatu de Baixo. (Cáritas, 2021b).

Estes dados demonstram que, conforme o tempo passa aumenta a porção de pessoas que solicitam a alteração do Reassentamento Coletivo para o Reassentamento Familiar, ao longo do processo de reparação. Todas as dificuldades estruturais e socioambientais do novo reassentamento, reforça a permanência na cidade como alternativa viável.

Como demonstrado acima, todas as modalidades de reparação à moradia digna têm apresentado problemáticas que impedem o reestabelecimento real das condições favoráveis a retomada da Estima de Lugar através de ação-transformação (Bomfim, 2010) e da reapropriação do espaço, bem como para a adequação física do ambiente (Cavalcanti e Elali, 2011; Massola e Svartman, 2018b) das pessoas atingidas. A retomada dos projetos de vida, o estabelecimento da estima de lugar e do reenraizamento ficam-se também prejudicados por todas estas disputas socioambientais e políticas nas quais estas pessoas se veem imersas desde o fatídico soterramento de sua comunidade, provocado pelo rompimento da barragem da Samarco.

#### **5.1.6 Reconstrução**

A audiência judicial do dia 06 de fevereiro de 2018 trouxe acordo sobre a modalidade de reparação do direito à moradia do tipo Reconstrução, definido como ato de reparação diante de um imóvel atingido. “A reconstrução visa a reparação da moradia na área de origem de forma a restabelecer as condições de uso para fins de habitação, atividades produtivas e modos de vida. A premissa dessa modalidade de reparação é o acesso às informações sobre os riscos de permanência na área atingida, nos termos da legislação aplicável” (Cáritas, 2021b, p 76).

Bento Rodrigues não registrou nenhum caso de moradias reconstruídas, ao passo que Paracatu de Baixo apresentou duas famílias nesta modalidade, de acordo ao documento “Planilha Universo 21\_12\_2020”, encaminhado através do Ofício SEQ 31011/2020/GJU, elaborado pela Fundação Renova (Cáritas, 2021b, p. 78).

Ao longo da execução desta modalidade de reparação, alguns problemas relacionados às obras foram relatados pelas pessoas que aderiram a ela, tais como:

“trocas constantes de empresas executoras durante o processo, morosidade, má execução e, inclusive, o aparecimento de danos após a conclusão das obras, como trincas, defeitos nas instalações de drenagem e esgoto, má qualidade de elementos integrados e outros problemas identificados pouco tempo depois da entrega da obra” (Cáritas, 2021b, p.)

Outra problemática é a desconsideração das necessidades e decisões das famílias nos projetos arquitetônicos, resultando em casas pouco funcionais para a realidade local e sem acessibilidade, desconsiderando assim a tradição como um aspecto importante para o reenraizamento. “Há casos também de famílias que não se adaptaram novamente ao modo de vida no cenário da destruição após o rompimento, mas quando procuram a Fundação Renova para o Reassentamento Familiar, recebem a negativa” (Cáritas, 2021b, p.78). Estas situações evidenciam prejuízos a estima de lugar, mesmo das famílias que permaneceram em seus territórios, como aponta Bomfim (2010), para quem além da vinculação dos sujeitos com seu espaço físico, a estima de lugar agrega emoções e sentimentos reveladores da maneira como os indivíduos conhecem e agem no lugar. A estima de lugar prejudicada pelos problemas da reconstrução “mostra que o sujeito responde de forma positiva ou negativa ao seu entorno, refletindo as possibilidades de ação do indivíduo no lugar, quer seja potencializando ou diminuindo sua ação no ambiente” (Bomfim, 2013, p. 322).

### **5.1.7 Pecúnia**

A pecúnia pode ser identificada como indenização pela perda da moradia, orientada especialmente pelas diretrizes 43, 44 e 45, homologadas judicialmente em ata de audiência do dia 06 de fevereiro de 2018, no âmbito da Ação Civil Pública nº 0400.15004335-6, como as de número 43, 44 e 45. Ficou definido ali que “a indenização pela perda da moradia não poderá ser ofertada pela Samarco, Vale e BHP Billiton, por meio da Fundação Renova, como forma de reparação (atendimento), mas as famílias poderão requerer essa opção de forma

individualizada, desde que tenham acesso prévio aos projetos urbanos e projetos dos imóveis no caso de reassentamento familiar e construção, para que seja possível comparar qual opção atende melhor a família;

No caso de o núcleo familiar optar pela indenização por perda da moradia, deverá ser garantido o pagamento de até 12 (doze) aluguéis a partir do depósito acordado (TJMG, 2018, in Cáritas, 2021a). Na nota técnica elaborada pela FGV em abril de 2021, relativamente ao atendimento de pecúnia em março de 2021, 2 famílias/indivíduos eram identificadas como de Paracatu de Baixo. No entanto, a Fundação Renova não informa o quantitativo real e o status do andamento desses atendimentos, sendo impossível identificar se o atendimento está concluído e quais pendências impedem a conclusão dos demais casos (Cáritas, 2021 b).

A manifestação de interesse pela pecúnia tem se dado devido à demora na entrega das casas dos reassentamentos familiares e dos coletivos, conforme relataram as famílias que optaram por esta modalidade e são acompanhadas pela Assessoria Técnica da Cáritas. “As pessoas atingidas argumentam que, diante dos atrasos e dos obstáculos impostos nas solicitações de autoconstrução, preferem renunciar a todas as medidas previstas no atendimento de reassentamento, conforme diretrizes, e receber a pecúnia. Alegam que somente assim é possível acelerar a compra dos imóveis de seu interesse e realizar as obras de forma mais satisfatória e menos desgastante, ainda que manifestem ter ciência sobre a pecúnia ser a opção menos benéfica financeiramente dentre as demais” (Cáritas, 2021b, pp. 91,92 e 93).

A Cáritas identificou em relatos de pessoas que aderiram a esta modalidade a oferta de valores de indenização que não refletem o real valor da moradia de origem antes de ser atingida pelo rompimento da barragem, além de valores incapazes de garantir a compra de um novo imóvel com características similares. Além disso, aspectos como a topografia favorável dos terrenos de origem; a disponibilidade abundante de água beira-rio; a qualidade e aptidão agrícola e a vegetação rica em biodiversidade, o tempo despendido das pessoas no planejamento e



construção de suas casas destruídas e o valor histórico de edificações localizadas nessas comunidades centenárias desconsiderando a relação com o passado e com a tradição das pessoas atingidas; os laços afetivos com os espaços internos e externos à casa, laços afetivos com os espaços e com os vizinhos da comunidade que caracterizam a identidade coletiva, também são aspectos que não vem sendo considerados pela Fundação Renova na valoração e refletem nas possibilidades de reenraizamento destas pessoas.

## **6 Uma Análise das Estimas de Lugar**

Demonstraremos a seguir os resultados da aplicação do Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) e das entrevistas aplicadas com os ex-moradores de Paracatu de Baixo selecionados, com a intenção de cumprir com os objetivos desta pesquisa de analisar as estimas de lugar para com os lugares atual, anterior e futuro de vivência destas pessoas.

Serão analisados abaixo os mapas afetivos do lugar anterior de vivência – a comunidade de Paracatu de Baixo – identificando uma breve caracterização dos participantes e uma análise dos mapas, especialmente das imagens, a metáfora, os sentidos e as estimas para aquele lugar que o desenho evocou.

Também serão analisados os mapas afetivos do lugar de moradia atual, para verificar as estimas de lugar com relação a moradia atual. Quatro dos respondentes que foram realocados em Mariana aguardam a finalização das obras do reassentamento coletivo para receberem suas novas casas e se mudarem para lá. Um outro participante permaneceu morando em Paracatu de Baixo, mesmo após a remoção inicial que culminou com a permanência do restante de sua família na cidade de Mariana, mas também irá residir no reassentamento coletivo, logo que as construções forem finalizadas.

Em seguida, serão analisadas as entrevistas na perspectiva de analisar as estimas possíveis com relação aos lugares do passado, do presente e do futuro.

### **6.1 Estima de lugar das pessoas deslocadas compulsoriamente com relação a comunidade de Paracatu de baixo**

Conforme demonstrado na Tabela 2, sete dos participantes desta pesquisa moravam em Paracatu de Baixo por períodos acima de 20 anos (70%), sendo que, destes, o período de moradia correspondia a todo ou a maior parte do seu tempo de vida. Os três participantes que possuíam residência no distrito por menos de 10 anos (30%), 2 tinham a residência apenas como moradia de férias ou para passagem de fim de semana (30%). Este fator não diminui o apego destes participantes para com o lugar, pois, como seu Eucalipto afirma, “adquirir aquela propriedade foi um sonho realizado de toda uma vida”, demonstrando forte identificação e afeição para com o lugar.

**Tabela 2**

*Tempo de Moradia em Paracatu de Baixo*

Tempo	Quantidade
De 01 a 02 anos	03
De 15 a 20 anos	02
Acima de 30 anos	05

O distrito de Paracatu de Baixo possui cinco ruas principais. Na Tabela 3, é possível verificar que, dos entrevistados, 60% residiam na rua Monsenhor Horta, situada nas proximidades do Rio Gualaxo. Residiam na Rua Furquim, 2 das pessoas entrevistadas (20%). Os outros 2

residiam nas ruas Santo Antônio e São Caetano. Todas as ruas foram bastante prejudicadas em sua estrutura após o rompimento, não sendo recomendada continuidade de residência ali.

### Tabela 3

*Síntese dos IGMAS da Moradia Antiga em Paracatu de Baixo.*

Nome	Local de Moradia em Paracatu de Baixo	Tempo de moradia anterior	Imagem	Estrutura do Desenho	Metáfora Principal	Sentimentos	IEL
Videira	R. Furquim	37 anos	Pertencimento	Metafórico	Não tem comparação	Indignação, tristeza de ver lá igual está	61
Cerejeira	R. São Caetano	17 anos	Pertencimento	Metafórica	Minha casa	Saudade, tristeza, algo que não vai mais existir	40
Jacarandá	R. Monsenhor Horta	52 anos	Pertencimento	Metafórico	Paraíso/ Floresta	Carinho, prazer, felicidade	41
Embaúba	R. Monsenhor Horta	49 anos	Pertencimento	Cognitivo	Casa antiga	Saudade, alegria, família	71
Aroeira	R. Santo Antônio	50 anos	Pertencimento	Metafórico	Paraíso	Saudade, amor	56

Angico	R. Monsenhor Horta	15 anos	Pertencimento	Metafórico	Desenho de criança	Felicidade; paz; tranquilidade; afeto; amizades; união	21
Gameleira	R. Furquim	32 anos	Pertencimento	Metafórico	Lugar bom	Saudade; familiar; aconchego; união; felicidade; liberdade	54
Amoreira	R. Monsenhor Horta	1,5 anos	Contraste	Cognitivo	Um lugar para se morar	Saudade; tristeza; tudo acabou; nada existe mais; perda; abandono	10
Ipê	R. Monsenhor Horta	1,5 anos	Agradabilidade	Metafórico	Cometa	Tranquilidade, aconchego	28
Eucalipto	R. Monsenhor Horta	1,5 anos	Pertencimento	Cognitivo	Sonho Realizado	Tranquilidade, felicidade	41

## 6.2 Aspectos da Estima de Lugar Anterior – Paracatu de Baixo

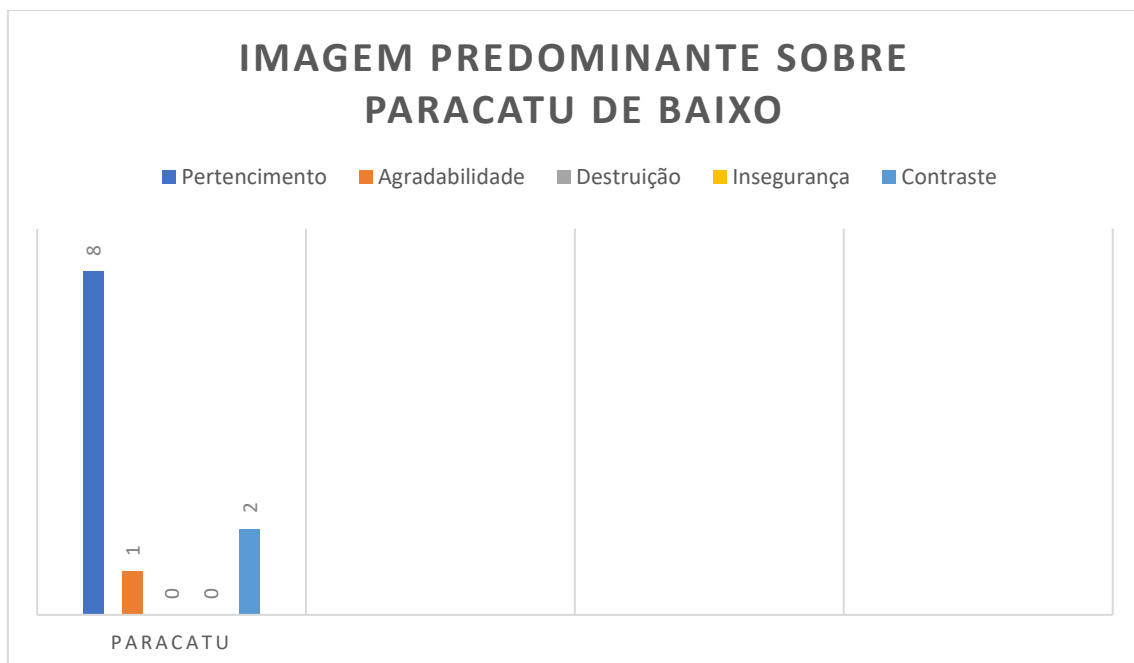
A Tabela 4 indica, além do local e tempo de residência dos respondentes no distrito de Paracatu de Baixo, os principais resultados obtidos através da aplicação do Instrumento

Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) com relação ao distrito de Paracatu de Baixo, local de grande carga afetiva para todos os respondentes. As categorias analisadas pelo IGMA foram: Imagem, Estrutura do Desenho, Metáfora Principal, Sentimentos e Índice de Estima de Lugar (IEL).

O Gráfico 5 demonstra que a Estrutura de desenho predominante foi a Metafórica (70%), seguida da estrutura cognitiva de desenho (30%). A Imagem que mais obteve predominância entre os respondentes com relação a Paracatu de Baixo foi a de Pertencimento, obtendo 80% das respostas, seguida de Agradabilidade com 10% e de Contraste Despotencializador (10%). A estima potencializadora esteve presente em 90% dos IGMAS analisados.

### Figura 9

*Gráfico Imagem Predominante – Paracatu de Baixo.*



A seguir, serão apresentadas mais detalhadamente as estimas encontradas nos resultados alcançados através dos IMGAS, onde serão discutidas as principais categorias de estima que foi possível identificar analisando os IMGAS, a serem ilustrados por alguns exemplos de IGMA aplicados, sendo elas Pertencimento, Contraste e Agradabilidade.

### 6.2.1 Imagem de Pertencimento

A imagem de Pertencimento pode ser entendida como aferida a partir de sentimentos e emoções referentes ao processo de identificação com o lugar e de apropriação do espaço, de acordo com Bomfim (2010) em que, ao se reconhecer nesse lugar, o sujeito apropria-se dele como espaço de produção de subjetividade. Nessa pesquisa, foram encontrados sete mapas afetivos em que a imagem do Pertencimento foi predominante. Abaixo, o mapa afetivo de Jacarandá (fig.10) e de Embaúba (fig. 11) serão apresentados como exemplo da manifestação deste tipo de estima.

#### Figura 10

*Mapa Jacarandá – Lugar de moradia anterior*

Identificação			
Nome: Jacarandá   Sexo: M   Idade: 58 anos   Endereço: R. Monsenhor Horta – Paracatu Escolaridade: Ensino Médio Completo   Tempo na moradia anterior: 52 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Esse é o caminho do Paracatu, onde eu era feliz	A rota que eu fazia pra casa da minha mãe; o sabor do leite que minha fazia, contando as novidades, o que ia fazer depois; minhas meninas pequeninhas	Carinho, prazer, felicidade, saudade	Minha casa era um paraíso, era muito boa, era praticamente uma floresta, porque tinha tudo quanto é planta em volta, tudo cimentado, onde colocar minha

			moto, meu carro, tinha um banco chupava jabuticaba
ESTRUTURA Metafórica		<b>SENTIDO</b>	
IMAGEM Pertencimento		A rua paraíso/ floresta demonstra a imagem de <b>Pertencimento</b> , de memórias afetivas positivas, os sentimentos de carinho, prazer e felicidade demonstram uma <b>Estima Potencializadora</b> para com o lugar de vivência anterior	
IEL: 41			

O senhor Jacarandá se forjou grande liderança na luta pelo reassentamento coletivo, pois é um dos moradores mais antigos de Paracatu de Baixo. Foram cinquenta e dois, dos seus cinquenta e oito anos, vividos ali. Segundo ele viveu “a vida toda ali. Fiz família ali, era onde eu era feliz”.

A metáfora de sua rua e sua casa como uma floresta e paraíso demonstram Apropriação e Pertencimento com o espaço de vivência anterior. Segundo o senhor Jacarandá “minha casa era um paraíso, era muito boa, era praticamente uma floresta, porque tinha tudo quanto é planta em volta, tudo cimentado, onde colocar minha moto, meu carro, tinha um banco que eu coloquei para chupar jabuticaba”. Isto demonstra uma forte identidade com o lugar e uma Estima Potencializadora, pois impele a ação em prol do seu lugar anterior.

### Figura 11

*Mapa Embaúba – Lugar de moradia anterior.*

Identificação			
Nome: Embaúba Sexo: M Idade: 49 anos Endereço: R. Monsenhor Horta – Paracatu Escolaridade: Ensino Médio Completo Tempo na moradia anterior: 43 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Penso que era uma casa com varanda, com 12 quartos, com área pra festas, quiosque pequeno pro os amigos	Pensa na casa, só fico imaginando, saudade, só tenho sentimento bom	Saudade, alegria, família	Comparo com uma casa antiga
ESTRUTURA Cognitivo		SENTIDO	
IMAGEM Pertencimento		A rua casa antiga remete ao <b>Pertencimento</b> do que era conhecido, familiar, ancestral. Leva a uma <b>Estima Potencializadora</b> ao trazer apenas sentimentos bons, mesmo indicando saudade, do gostar de lembrar, de ser algo seu.	
IEL: 71			

Durante a aplicação do IGMA, por várias vezes Embaúba queixou-se da falta que seus parentes e amigos fazem na comunidade, porém, a todo momento reforçava um forte vínculo emocional e de pertencimento com o lugar (Cavalcante e Elali, 2011).



Ao remeter a metáfora de seu desenho à casa antiga, Embaúba lembrou por várias vezes os moradores da casa de seu pai, a proximidade com os irmãos, as festas que fazia com a família e amigos. Ao descrever o desenho, ele se lembra que a casa do pai era um local “de encontro, de festejos, de muita gente”. Lembra ainda que a casa “era muito limpa” e “fazia almoço para todo mundo que chegava”, havia ali muitos quartos e os “quiosques” para receber os amigos”. Todos estes aspectos demonstram uma estima potencializadora e imagem de Pertencimento, denotados por “muitos sentimentos bons”, pelo sentido de limpeza, segurança, de boas relações comunitárias e de sentimentos de bem-estar naquele ambiente (Bomfim e Souza, 2018).

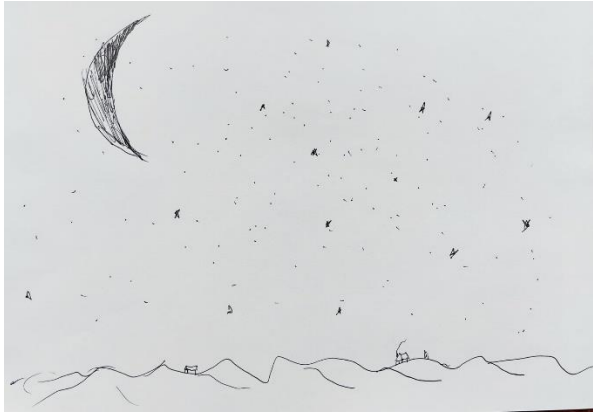
### 6.2.2 Imagem de Agradabilidade

Segundo Bomfim (2010), a agradabilidade é uma estima de lugar referente às formas de vinculação positiva do sujeito com o ambiente onde vive, sendo esse ambiente promotor de bem-estar e satisfação. Mapas característicos de agradabilidade costumam conter sentimentos voltados à descrição positiva dos ambientes de circulação. Reporta-se a sentimentos de bem-estar e afetos potencializadores, como a felicidade. Durante as aplicações, encontrou-se um mapa afetivo relacionado à estima de agradabilidade, conforme expõe a Figura abaixo.

#### Figura 12

*Mapa Ipê – Lugar de moradia anterior.*

Nome: Ipê Sexo: M Idade: 37 anos Endereço: R. Monsenhor Horta			
Escolaridade: Ensino Superior Completo Tempo na moradia atual: 3 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Significa o que a gente mais gostava de	Lugar muito tranquilo,	Tranquilidade, aconchego	Como um cometa, achava

fazer lá, que era ficar em família vendo a noite estrelada	aconchegante. Desde a infância meu pai falava de ter essa terra lá		muito legal, vê e some de repente.
ESTRUTURA Metafórico		<b>SENTIDO</b>	
IMAGEM Agradabilidade 		A rua cometa é aquela onde se podia estar em família, se sentia aconchego e havia gosto de estar nela, demonstra <b>Agradabilidade e Estima Potencializadora.</b>	
IEL: 28			

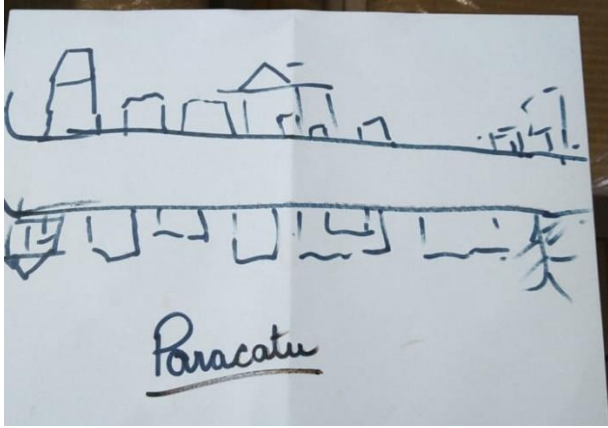
A analogia da comunidade com um cometa remete ao breve espaço de tempo em que Ipê pôde conviver na comunidade. Porém, para ele, as qualidades de “lugar muito tranquilo, aconchegante” traziam a sensação de bem-estar próprias da agradabilidade e de uma estima potencializadora para com o lugar.

### 6.2.3 Imagem de Contraste

A estima de contraste pode ser tanto potencializadora, quanto despotencializadora, uma vez que se trata de categoria que pode ser transversal as demais. Durante a aplicação dos IGMA's, foi percebida a presença de imagem de contraste e estima despotencializadora por parte de uma das respondentes.

### Figura 13

*Mapa Amoreira – Lugar de moradia anterior.*

Identificação			
Nome: Amoreira   Sexo: F   Idade: 48 anos   Endereço: R. Forquim – Paracatu			
Escolaridade: Ensino Médio Completo   Tempo na moradia anterior: 43 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Onde a gente morou, onde passava dias, os finais de semana, um lugar bastante tranquilo	Pensava que era um lugar para o sossego para viver na natureza, longe de barulho de cidade maior, bem rural	Saudade; tristeza; tudo acabou; nada existe mais; perda; abandono	Um lugar para se morar, paz, tranquilo, calma
ESTRUTURA Cognitivo		SENTIDO	
IMAGEM Contraste		A rua <b>casa antiga</b> remete ao <b>contraste</b> , em que ao passo que demonstra um sentimento de sossego, paz e tranquilidade, evocam na atualidade sentimentos de tristeza, saudade, perda e abandono, evidenciando uma <b>Estima Despotencializadora</b>	
			
IEL: 10			

Amoreira também é um dos exemplos de moradores com menos tempo de residência em Paracatu. Durante a aplicação do IGMA, Amoreira fez analogias muito positivas que

remetiam ao processo de escolha de Paracatu de Baixo e ao tempo que passou ali com sua família, demonstrando sentimentos de **estima positiva** para com o lugar, uma vez que o via como lugar tranquilo, sossegado e considerava ser um lugar para se morar. Ao mesmo tempo, ao ser solicitada que se recordasse do lugar, a memória da **destruição** da comunidade, do trauma sofrido, traz para ela sentimentos negativos tais como saudade; tristeza; sensação de que tudo acabou, que nada existe mais; de perda e abandono. Estes aspectos remetem ao **contraste** entre os sentimentos positivos e negativos que a memória da comunidade traz para a senhora Amoreira.

Amoreira trouxe ainda durante a aplicação da escala Likert, sensações de risco, medo, de estruturas precárias e de abandono ao se recordar da comunidade, demonstrando **imagem de contraste** e uma **estima despotencializadora**, tanto na somatória final da escala Likert, quanto na descrição de sentimentos para com a comunidade. Além disso não considerou a comunidade como algo que fez parte da sua história, também afirmou não se sentir apegada ou identificada com o lugar durante as respostas ao IGMA.

### **6.3 Estima de lugar das pessoas deslocadas compulsoriamente com relação aos locais de moradia atual**

Os dados colhidos através da aplicação do Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) com relação ao local onde os participantes residem atualmente estão sintetizados e expressos na Tabela 4, abaixo.

#### **Tabela 4**

*Síntese dos IGMAS da Moradia Atual.*

Nome	Local de Moradia Atual	Tempo de moradia atual	Imagem	Estrutura do Desenho	Metáfora Principal	Sentimentos	IEL
Videira	R. Esmeralda	6 anos	Destruição	Metafórica	Passagem	Perda, tristeza, angústia	-33
Cerejeira	R. Bahia	06 anos	Agradabilidade	Metafórica	Normal	Esperança, recomeço, novidade, expectativa	11
Jacarandá	R. Rubi	4,5 anos	Contraste	Cognitivo	Chuveiro	Saudade, cansaço	-4
Embaúba	R. Rua Furquim	6 anos	Destruição	Cognitivo	Emprestada	Perda; falta; chateação	-6
Aroeira	R. Piauí	6 anos	Insegurança	Cognitivo	Prisão	Cansaço; espera; chateação; descrença; impotência; fraqueza	-27
Angico	R. Antônio Faustino da Rocha	4 anos	Insegurança	Metafórico	Tatuagem Preta		-41

Gameleira	R. São Gonçalo	6 anos	Insegurança	Metafórico	Terra estranha	Solidão; saudades; tristeza; mudança; adaptação forçada; preso	-24
Amoreira	R. Bicentenário	48 anos	Pertencimento	Cognitivo	Patrimônio Histórico	gosto muito; prazer; muito bonito	25
Ipê	R. Raimundo Ventura	3 anos	Agradabilidade	Metafórico	Ilha Deserta	Tranquilidade, aconchego	38
Eucalipto	R. Bicentenário	52 anos	Agradabilidade	Cognitivo	Casa	Gosto muito, conheço a vida toda	25

Os dados da tabela acima demonstram que, com relação ao período de moradia, metade (50%) dos entrevistados residem na moradia atual há pelo menos 06 anos, remetendo ao período logo posterior ao deslocamento compulsório. Segundo Videira “foi o jeito correr e fazer minha casa logo, porque eu não dava conta de morar em casa dos outros não. Não podia colocar uma planta, não podia pregar um prego na parede. Não podia nada”. Apenas 2 dos participantes (20%) possuem um longo período de moradia na residência atual, pois já

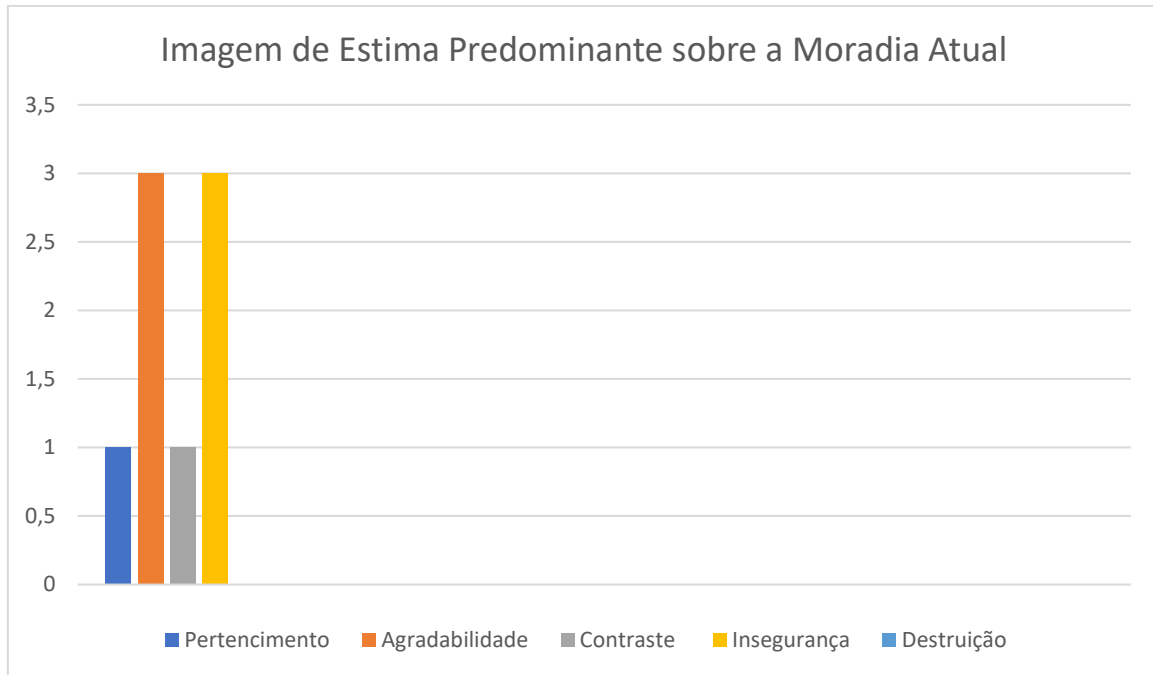
possuíam a “casa na rua”, tendo apenas retornado para a antiga residência quando foram deslocados de Paracatu.

#### **6.4 Aspectos da Estima de Lugar Atual**

Durante a aplicação do Instrumento Gerador de Mapas Afetivos tomando como referência o local de moradia atual, os resultados se mostraram diferentes daqueles da residência anterior. Seis dos mapas referentes a moradia atual foram metafóricos e quatro cognitivos, enquanto as categorias de estimas presentes foram em sua maioria de Insegurança (30%) e de Agradabilidade (30%), seguidas de Destruição com 20% e Contraste e Pertencimento com 10% cada uma. Estes dados demonstram um menor potencial de readaptação e reapropriação ambiental por aquelas pessoas que residem na moradia atual por cerca de 6 anos – 2 delas apontaram a imagem de insegurança e 2 a imagem de destruição e apenas 1 indicou uma imagem de agradabilidade. Ao passo que aquelas que já possuíam residência na cidade, além da residência de Paracatu apontaram imagens de Pertencimento e Agradabilidade. Das pessoas com cerca de 4 anos na residência atual, 1 demonstrou agradabilidade, 1 demonstrou insegurança e outra demonstrou imagem de contraste positivo. Deste modo, há uma divergência das imagens encontradas com relação ao local de moradia atual, apontado disparidade entre as estimas que os novos locais de vivência vêm despertando nas pessoas deslocadas de Paracatu de Baixo.

#### **Figura 14**

*Gráfico Imagem de Estima Predominante sobre a Moradia Atual.*



## Discussão

Apresentaremos de forma mais detalhada aspectos das estimas encontradas nos resultados apreendidos pela aplicação dos IMGAS, ilustrando alguns exemplos de Mapas gerados pelos IGMA aplicados.

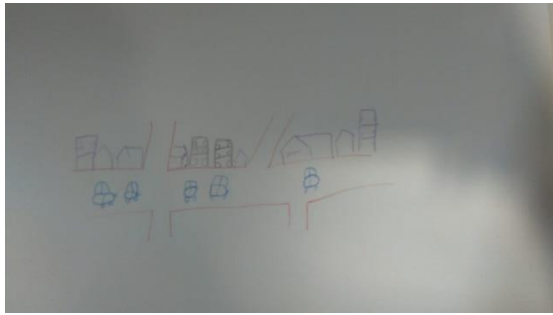
### 6.4.1 Imagem de Insegurança

A Imagem de Insegurança para com o lugar atual foi percebida durante a aplicação com 4 dos participantes, sendo aquela a imagem que mais se destacou entre os respondentes. O sentimento de insegurança revela uma imagem do lugar relacionada a riscos, ameaças, instabilidade, incertezas, além dos sentimentos de que tudo pode acontecer e a sensação do inesperado a respeito do lugar.

### Figura 15



*Mapa Aroeira – Lugar de moradia atual.*

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Aroeira Sexo: M Idade: 46 anos Endereço: R. Piauí - Mariana Escolaridade: Ensino Fundamental Completo Tempo na moradia atual: 6 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Esse desenho é da casa onde sou obrigado a viver hoje. Bem diferente e apertado se pensar onde morava antes	Sentimento de cansaço, de chateação com tanta espera	Cansaço; espera; chateação; descrença; impotência; fraqueza	Comparo com uma prisão, com um sentimento de não ter opção
ESTRUTURA Cognitivo		SENTIDO	
IMAGEM Insegurança		A rua chuveiro demonstra <b>Insegurança</b> e de uma <b>Estima Despotencializadora</b> , demonstrados nos sentimentos de espera, cansaço, descrença, impotência e fraqueza atribuídos pelo participante ao estar no local de vivência atual	
			
IEL: - 27			

A imagem de Insegurança ficou perceptível ao longo da aplicação do IGMA de Aroeira, especialmente ao associar seu novo local de moradia a uma prisão. Durante a aplicação da escala Likert, ele respondeu que desconfia das pessoas, se sente inseguro, desprotegido, deve estar constantemente alerta. Este sentimento de insegurança com relação ao novo ambiente dificulta as relações sociais de Aroeira, uma vez que vivencia uma estima despotencializadora com relação ao lugar.

**Figura 16**

*Mapa Angico – Lugar de moradia atual.*

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Angico Sexo: M Idade: 22 anos Endereço: R. Antônio Faustino da Rocha - Mariana			
Escolaridade: Ensino Médio Incompleto Tempo na moradia atual: 4 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Significado de um passado de onde eu vivia, a diferença do habitat atual para o habitat do passado, sinto o ar pesado	Do presente o tanto que mudei, até mesmo a personalidade	Saudade; tristeza; ansiedade; solitário; raiva; angústia	Compararia a uma tatuagem preta, a um fundo preto, a um ponto escuro, não impede de sair, não tem nada contra, mas é muito para baixo, você não vê alegria aqui.
ESTRUTURA metafórico		SENTIDO	
IMAGEM Insegurança 		A rua tatuagem preta é aquela onde a falta de alegria, o sentimento de ar pesado, a solidão, ansiedade, angústia e tristeza refletem uma imagem de <b>Insegurança</b> e de uma <b>Estima Despotencializadora</b>	
IEL: - 41			

Em seu relato, Angico falou várias vezes do quanto não se sentia seguro onde morava.

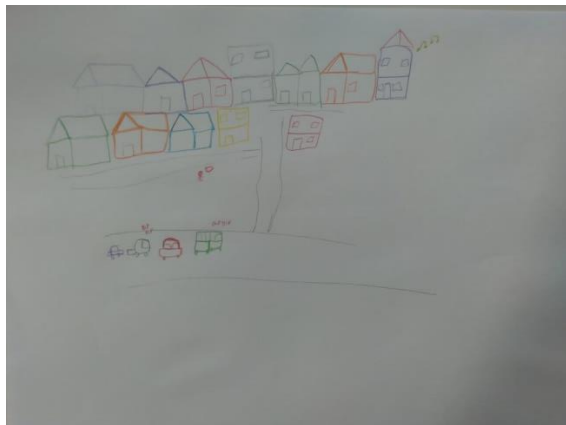
Durante a aplicação do IGMA, ele identificou seu local de residência atual como uma tatuagem preta, mas iniciou sua fala dizendo que até poderia identificar como a “cracolândia”, demonstrando que sua estima é despotencializadora de ação (Bomfim, 2020) para com o local e as pessoas que o compõem.

### 6.4.2 Imagem de Agradabilidade

Este tipo de estima pode ser caracterizada por sentimento de vinculação ao lugar, através da manifestação de qualidades e sentimentos positivos percebidos no lugar de referência, que pode envolver tanto características da própria estrutura urbana, quanto dos espaços construídos, da residência ou mesmo da natureza no entorno.

**Figura 17**

*Mapa Cerejeira – Lugar de moradia atual.*

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Cerejeira Sexo: F Idade: 23 anos Endereço: R. Bahia - Mariana Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto Tempo na moradia atual: 6 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
É onde eu vivo agora, onde estou esperando ir pra casa	Diria que é normal	Esperança, recomeço, novidade, expectativa	Comparo com uma rua normal de cidade, mais movimentada, nada demais
ESTRUTURA Metafórica		SENTIDO	
IMAGEM Agradabilidade		A rua normal demonstra a <b>Agradabilidade</b> como <b>Estima Potencializadora</b> , pois demonstra adaptação, através dos sentimentos de esperança por um recomeço e conformidade na espera.	
			
IEL: 11			

Segundo Cerejeira, seu local de moradia é “normal” e sua casa atende as necessidades de sua família. Ao responder a escala Likert de estima de lugar, ela afirmou se sentir tranquila, tem oportunidades, sente prazer e se interessa pelo que acontece no novo local de vivência e, com isso, tem busca estabelecer novas raízes, onde vive atualmente com sua família. Estes traços demonstram sentimento de **Agradabilidade** para com o local

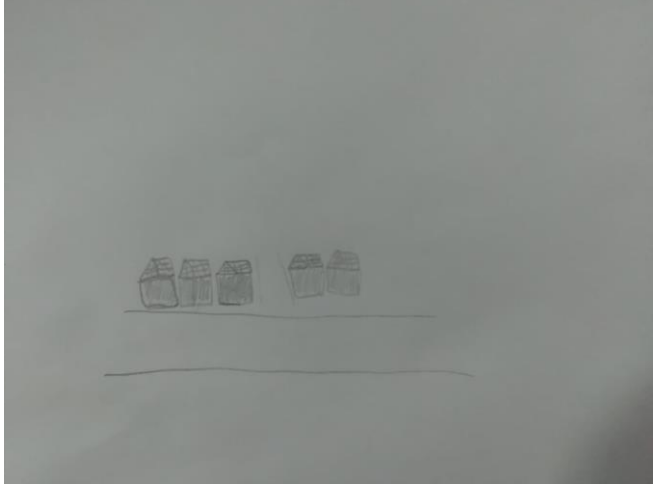
### 6.4.3 Imagem de Destruição

Esta imagem afetiva pode ser percebida através do IGMA quando a imagem referente ao ambiente é apontada como lugar abandonado, com estrutura precária, mas também quando é manifestada a percepção de sujeira e poluição e sentimentos de vergonha e desprezo. Estas qualidades e os sentimentos que evocam transmitem uma ação despotencializadoras com relação ao ambiente analisado.

### Figura 18

*Mapa Videira – local de vivência atual*

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Videira    Sexo: F    Idade: 43 anos    Endereço: R. Esmeralda - Mariana Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto    Tempo na moradia anterior: 37 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Tudo diferente, olho pra hoje e não tenho a mesma imagem, é tudo estranho	Perda, tristeza, angústia, tudo ao mesmo tempo	Perda, tristeza, angústia	Como se fosse tudo estranho, comparo minha casa com uma passagem, porque eu estou doida pra ir embora

ESTRUTURA Metafórica		<b>SENTIDO</b>	
IMAGEM Destruição 		A rua passagem é aquela em que a <b>Destruição</b> é percebida através dos sentimentos de tristeza, angústia e pela perda da comunidade antiga, demonstrando um sentido de <b>Estima Despotencializadora</b> com relação ao local atual de vivência, de onde a esperança é sair em breve	
IEL : - 33			

Durante a aplicação do IGMA, Videira afirmou que sente que o local está poluído, parece abandonado, onde há sujeira, acha feio, desprezível e destruído, não admira por sua beleza, se sente sufocada, e onde o perigo é constante. Reclama ainda do barulho de som e de carros, além do trânsito intenso no centro da cidade, denotando a imagem de **Destruição**.

Ela percebe que tem uma “imagem estranha” de seu atual local de vivência e que faz com que não consiga se adaptar e apresente a metáfora do lugar como uma passagem, onde aguarda para ir futuramente residir no reassentamento coletivo. Videira também afirmou não se sentir sossegada, que o lugar não tem a ver com ela e que não se sente apegada ou identificada, demonstrando uma **Estima Despotencializadora** com relação ao lugar.

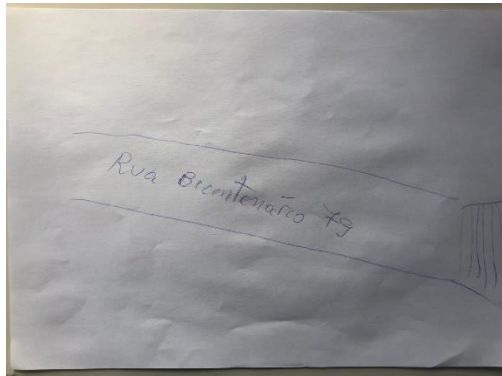
#### 6.4.4 Imagem de Pertencimento

Manifestado por meio de sentimentos de pertença, de orgulho e de forte relação de identidade. O indivíduo tem dificuldade em se perceber distante e diferenciado do lugar. É comum a

descrição do ambiente como o próprio lar e o desejo de permanência, bem como demonstrações de forte implicação com o lugar.

### Figura 19

*Mapa Eucalipto – local de vivência atual.*

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Eucalipto Sexo: M Idade: 53 anos Endereço: R. Bicentenário - Mariana Escolaridade: Ensino Médio Incompleto Tempo na moradia atual: 53 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Esse desenho é da rua onde eu vivo com minha esposa	É um lugar que eu gosto muito, tenho muitos conhecidos. Gostei de voltar para lá	Gosto muito, conhecida, legal	Comparo com minha casa
ESTRUTURA Cognitivo		SENTIDO	
IMAGEM Pertencimento 		A rua casa é aquela onde há familiaridade, onde a reconhecimento, demonstrando uma imagem de <b>Pertencimento</b> e uma <b>Estima Potencializadora</b>	
IEL: 25			

A moradia de Mariana tem para o senhor Eucalipto um sentido afetivo e de memória, ao qual ele reconhece sua rua como sua própria casa, devido a familiaridade. Ele se mostra à vontade ali, tem muitos conhecidos e circula livremente num local que conhece desde criança, demonstrando uma **estima potencializadora de Pertencimento**.

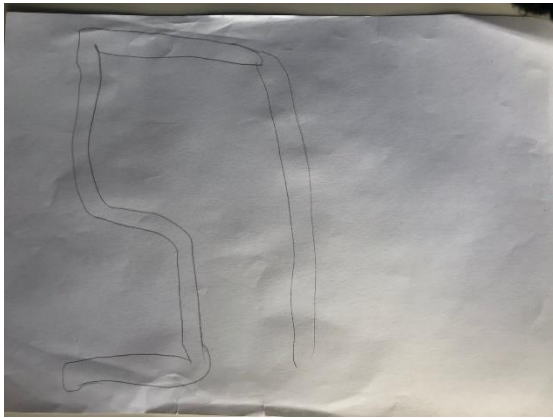
### 6.4.5 Imagem de Contraste Potencializador

A Imagem de Contraste se dá pela manifestação de emoções, palavras e sentimentos contraditórios, que podem evidenciar qualidades positivas e/ ou negativas com relação ao ambiente. A imagem de estima de contraste pode, portanto ser tanto potencializadora da ação do indivíduo quanto despotencializadora, sendo definida pela manifestação de qual a direção da potência de ação do sujeito.

#### Figura 20

*Mapa Jacarandá – Lugar de moradia atual*

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Jacarandá Sexo: M Idade: 58 anos Endereço: R. Rubi - Mariana Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto Tempo na moradia atual: 4,5 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Esse desenho significa pra mim é que seria o caminho da minha casa no momento	Uma areazinha boa, tenho bananeira, muda de chá, hortinha pequena, pé de mexerica, pé de xuxu.	Saudade, cansaço, luta	Compararia, se fosse uma época de seca excelente, mas a época e chuva com um chuveiro, porque molha muito
ESTRUTURA Cognitivo		SENTIDO	

<p>IMAGEM Contraste</p> 	<p>A rua chuveiro demonstra <b>Contraste</b> e de uma <b>Estima Potencializadora e Despotencializadora</b>, onde o orgulho por ter construído sua nova casa com as próprias mãos e ter locais onde produzir se mistura com as dificuldades estruturais da residência e com as dificuldades da luta pela reparação</p>
<p>IEL: - 6</p>	

A relação de seu Jacarandá com o novo local de vivência se mostra bastante dúbia, pois ele age no sentido de tornar a vida mais fácil e mais feliz para sua família, se importa com as coisas que ocorrem na vizinha, se sente orgulhoso, atraído, apegado e identificado com seu lugar, se sente ao mesmo tempo com raiva, sufocado, indignado, desamparado, alerta e inseguro com relação ao lugar. Ao mesmo tempo, sua metáfora é de uma casa ótima, mas também um chuveiro, demonstrando insatisfações para com ela. Todos estes elementos demonstram uma relação de seu Jacarandá para com a cidade de forma que vive um **contraste**, que por vezes é **potencializado**, mas também **despotencializador**.

### **7. A Raíz da Questão – A Estima de Lugar nas Perspectivas Temporais e as Possibilidades para o Reenraizamento**

A destruição de um território, assim como se deu em Paracatu de Baixo, ameaça a existência não somente dos bens e dos objetos que foram perdidos ou soterrados, mas tornou-se ameaça a existência de uma comunidade inteira, em todos os seus aspectos físicos, mas principalmente psicossociais, como um dia existiu. A existência de uma comunidade necessita do pertencimento material e imaterial para dar conformação a noção de território.



Através de pesquisa documental, utilizando relatórios técnicos sobre as Diretrizes de Reparação, sobre o andamento, atraso e problemáticas da construção do Reassentamento de Paracatu de Baixo, produzidos pela Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais (Cáritas, 2021a, 2021b, 2021c), bem como de relatório de impactos socioeconômicos do deslocamento e do processo de reparação ao direito à moradia da Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2019) foi possível identificar que o deslocamento compulsório cumpriu ali o papel de desterritorializar (Massola e Svartman, 2018) as famílias de Paracatu de seu ambiente de vivência, uma vez que não só a terra, mas os símbolos e os fazeres não mais se reproduziam no espaço para onde as pessoas foram levadas.

A transformação de um espaço em lugar está diretamente relacionada à dimensão temporal e afetiva, respeitando as especificidades de cada indivíduo. A definição de espaço para Tuan (2013) tem sentido de neutralidade, onde relações significativas ou trocas simbólicas não são desenvolvidas e, portanto, não há a atribuição de significado ao espaço. O lugar, no entanto, é definido por Tuan (2013) como local de identificações, de referência e permanência, onde se dá a atribuição de significados e a construção de relações da pessoa para com o ambiente. Deste modo, os hotéis e alojamentos configuraram espaços para a permanência dos novos moradores, mas não possuíam sentido de lugar para estas pessoas neste período.

É importante salientar ainda que espaço e lugar podem ser, a partir da compreensão de Tuan (2013), entendidos como componentes básicos do mundo vivo, sendo que, nas palavras de Bomfim (2010, p.74), “Enquanto lugar é a segurança, espaço é a liberdade”. Assim, alojados em hotéis e locais provisórios, apesar de terem recebido um espaço para permanecerem, os moradores de Paracatu não mais tinham um lugar para chamar de seu.

O autor compreende lugar ainda como locais dotados de valor e onde nossas necessidades podem ser satisfeitas (Tuan, 2013). Assim, um espaço torna-se lugar quando o dotamos de valor, e, para compreender esse movimento, é preciso levar em consideração o tempo. Para

Tuan (2013), espaços e lugares devem ser vistos como dimensões específicas, pois o Espaço seria o indiferenciado que, à medida que o conhecermos melhor, se transforma em Lugar.

As pessoas que foram desalojadas de Paracatu de Baixo estavam ali naqueles hotéis de passagem, sem um tempo determinado, mas esperavam que sua estadia ali fosse o mais breve possível. Transformamos os espaços em lugares, como uma busca de criar laços de identificação com eles, o que nos permitiria a construção de uma segurança e vinculação com o espaço construído, ou melhor dizendo, com o Lugar. Deste modo, tornou-se extremamente dificultoso e doloroso para eles atribuir valor aquele lugar, onde não escolheram ficar e onde não tinham liberdade para ir e vir, para imprimir seus próprios traços ao lugar ou mesmo controle de fato sobre o tempo e as formas de permanência ali.

Antes do fatídico desastre, as pessoas atingidas estariam, portanto, enraizadas em seu território de origem, ou seja, estavam completamente em casa – isto é, “irrefletidamente seguro e confortável em uma localidade particular” (Massola & Svartman, 2018 a, p. 5). Todo esse processo desencadeou, portanto o seu inverso, que pode ser entendido como desenraizamento através da remoção compulsória e da obrigatoriedade de viver num território diferente daquele de sua origem ou escolha em primeira instância.

O processo de desenraizamento se tornou ainda mais perverso com a alocação destas pessoas em casas alugadas à revelia, distantes umas das outras e completamente diferentes da antiga configuração comunitária presente em Paracatu de Baixo (Cáritas, 2021 a). A noção de lar, em tais condições tornou-se insegura, inóspita e desenraizada, pois não permite “a experiência de um lugar como um lar deriva, portanto, de relações com outras pessoas nas quais essas experiências foram vividas e abrigadas em um determinado espaço, progredindo gradualmente para formas mais complexas de vínculo” (Massola & Svartman, 2018, p. 298).

A “comunidade como lar ampliado” (Massola & Svartman, 2018 a) deixa de ser possível, pois as relações que havia antes não se dão no novo território, com o distanciamento das novas residências, assim, para a comunidade tornou-se extremamente dificultosa a apropriação de espaço público e coletivo capaz de sustentar as experiências anteriores de pertencimento, que pressupunham formas de convivência que garantiam respeito, segurança e participação pessoal.

As entrevistas, neste trabalho, tiveram como objetivo contribuir com a identificação de aspectos da estima com relação aos ambientes do passado, do presente e do futuro, com vistas a considerar a importância desta para o reenraizamento, pois, conforme Massola e Svartman (2018 a), é de grande importância levar em consideração a possibilidade de articular passado, presente e futuro pessoais e coletivos, com fins de garantir a sustentação identitária para o indivíduo e para o grupo com o qual se identifica, na construção de determinados ambientes.

Abaixo serão discutidos os resultados obtidos com a finalidade de identificar a estima de lugar com o local de vivência anterior – Paracatu de Baixo -, o local de vivência atual e o local de vivência futuro, nos quadros temporais passado, presente e futuro, através da aplicação de entrevistas aos ex-moradores de Paracatu de Baixo, em diálogo com os resultados já apresentados obtidos com o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA), tendo como locus a comunidade de Paracatu de Baixo.

### **7.1 Raízes fincadas – pertencimento ao chão estimado do passado**

#### **Figura 21**

*Imagem dos moradores de Paracatu de Baixo ainda frequentando a comunidade.*



Igreja de Santo Antônio em dia de festa religiosa. Foto: Flora Passos, em 16/06/19.



Igreja de Santo Antônio em dia de festa religiosa. Foto: Flora Passos, em 16/06/19.



Entorno da Igreja alagada impedindo o uso do acesso principal e causando danos ao bem tombado. Foto: Flora Passos/Cáritas-MG, em 09/03/22.



Pessoas atingidas se reúnem na Igreja mesmo sem energia elétrica. Foto: Flora Passos, em 24/03/22.

Adaptado de Relatório da Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais, 2022.

Os aspectos afetivos que construímos a respeito dos lugares com relação ao Passado são importantes componentes da nossa identidade pessoal ao longo da vida, devido ao seu caráter recorrente e cíclico (Massola e Svartman, 2018) na construção da história de vida das pessoas.

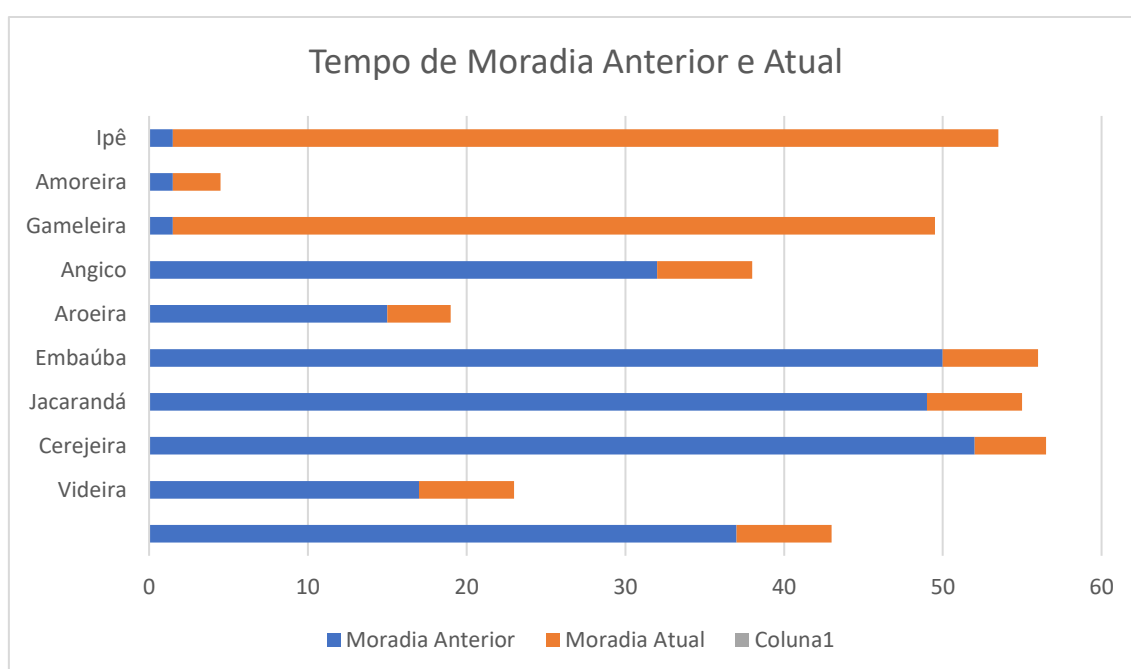
Através do IGMA, foi possível ter o vislumbre do quanto o passado na comunidade de Paracatu de Baixo foi importante para as pessoas que lá viviam, uma vez que a estima mais presente é de **Pertencimento** (Bomfim, 2010) àquele lugar, de onde saíram de forma tão abrupta, quando evocada a imagem da comunidade, tendo obtido 8 imagens relativas a essa estima. As imagens de Agradabilidade – 1 mapa - e Contraste – 1 mapa – também foram

identificadas com relação à Paracatu de Baixo, demonstrando que há uma prevalência de **Estimas Potencializadoras** (Bomfim, 2010) quanto ao território do passado.

O gráfico 4 abaixo, extraído do IGMA, demonstra que a maioria dos respondentes passou a maior parte de sua vida até o momento da pesquisa residindo no distrito de Paracatu de Baixo.

## Figura 22

*Gráfico do tempo de moradia anterior e atual.*



Este dado reforça a estima de pertencimento evidenciada pelos IGMAS e o enraizamento de quem vivia em Paracatu de Baixo, a partir do fator habitação por longo período de tempo, devido à grande familiaridade que construíram nos anos de vivência naquela comunidade (Massola e Svartman, 2018 a).

Nas entrevistas, foi muito relevante observar as **relações individuais com o antigo ambiente de vivência e relações comunitárias com o antigo ambiente de vivência – laços e vínculos** presentes nas falas e nas histórias contadas em cada resposta.

O *Lugar*, que segundo Videira, que viveu ali por trinta e sete anos de sua vida, era “calmo, tranquilo, sábado e domingo tinha futebol, tinha jogo de baralho, tinha uma quadra”. A vida tranquila e feliz, em que “meia noite estavam batendo bola, não tinha preocupação, ficava até meia noite na frente da igreja, tinha missa, tinha festa” atribuiu a Paracatu de Baixo a **familiaridade pela recorrência** (Massola e Svartam, 2018 a), própria do sentimento de **Pertencimento**, e uma **Estima Potencializadora** (Bomfim, 2010) que favoreceram o enraizamento daquelas pessoas ao Paracatu antigo.

O lugar da **memória afetiva** de tudo o que foi vivido ali também não é facilmente esquecido e reforça o **Pertencimento** e uma **Estima Potencializadora** (Bomfim, 2010) para com o lugar passado. Seu Jacarandá se emocionou muito ao relembrar os primeiros anos de seus oito filhos, especialmente de suas trigêmeas ao relatar que “quando ia na rua e voltava pra casa era uma festa, com os três biquinhos, os três vestidinhos tudo igual. Como o rio era pertinho, os meninos gostavam demais de pescar nele, a água era bem clarinha e levava as meninas pra tomar banho lá”. A lembrança dos últimos anos de saúde de sua mãe, levaram aquele senhor ativo em minha frente às lágrimas, ao relembrar o caminho que fazia para encontrá-la e pedir a benção todos os dias, “lá ela viveu feliz, depois veio o Alzheimer e foi só tristeza, depois que saiu do Paracatu”.

Lugar	Vida
Calmo; tranquilo (3); animado; era uma segurança; beleza de mais; todo mundo era conhecido; o lugar era muito bom	Tranquila (3); muito feliz (3); e sentimento de bem-estar; sem preocupação

O caso do Embaúba é também bastante emblemático neste sentido, pois, diferentemente dos demais sujeitos desta pesquisa, mesmo tendo sido deslocado compulsoriamente de sua

residência de origem devido aos graves danos causados pelo rompimento, ele optou por permanecer na comunidade, mesmo que em “um lugar emprestado”.

A metáfora da casa antiga, “casa grande, de 12 quartos, tinha os barraquinhos pra receber as pessoas pra as festas, na casa do pai” (Embaúba) remetem ao aconchego, ao *estar em casa* (Massola & Svartam, 2018 a), como microambiente onde passou quarenta e dois anos com a família, no lugar de onde não conseguiu se distanciar.

Os aspectos físicos e simbólicos da casa, bem como os **Sentimentos** demonstraram apropriação e **Pertencimento** (Bomfim, 2010) ao lugar para todos os participantes desta pesquisa, mesmo aqueles que não tiveram como imagem predominante a estima de pertencimento. Havia uma familiaridade e uma certa identificação de Ipê para com Paracatu que não o deixam esquecer o lugar. “Desde a infância meu pai falava de ter essa terra lá. Era um sonho dele, que se tornou um sonho realizado para a família”.

Para Amoreira “estar ali naquela casa era um sonho de toda a família. Era simples, mas foi nosso refúgio enquanto a gente teve ela. Reunir no fim de semana, nas férias, foi bom demais, eu me sentia maravilhada”. Sua estima foi despotencializada através da força da destruição “Quando eu soube que tinha invadido a casa nossa lá, fiquei arrasada, aí foi uma tristeza só, um desgosto profundo”. O que permaneceu foi uma imagem que emerge a estima de **Contraste** para Amoreira com relação ao antigo lugar.

Talvez este resultado possa ser explicado pelo pouco tempo de moradia de ambos ali e “ter mantido a casa da rua”, transparecendo que, nas próprias palavras de Amoreira, a fazem “não ter fixado tanto uma identificação com o lugar mesmo”.

“Como era sua casa?”	“Como se sentia?”
----------------------	-------------------

espaçosa; grande; com mais quartos; eu tinha fogão a lenha; eu tinha horta; tinha quintal; galinhas; não era grande; tinha plantação;	feliz; me sentia em casa; sentia bem; prazer; tranquila; sentia maravilhada;
---	--

Ainda com relação ao local antigo, outra categoria temática verificada foram as “**Relações comunitárias com o antigo ambiente de vivência – laços e vínculos**”.

O Pertencimento através da familiaridade e a tradição conferiam uma identidade coletiva também nos relatos de Cerejeira que, perguntada sobre as pessoas dali, afirmou que “Eram muito tranquilas, porque todo mundo era meio parentado. Todo mundo conhecia e conversava com todo mundo”. Videira ainda trouxe o aspecto da tradição rural e das trocas afetivas para o pertencimento, uma vez que faziam com que a vida fosse “mais fácil na comunidade. Se você tinha uma horta, uma fruta, dividia com o vizinho, com o parente”.

“Como eram as pessoas do lugar?”	“Tinha amigos/familiares lá?”
“todo mundo era conhecido”; muitos parentes/ de casa/ parentado”; e “era uma família só”;	“Era todo mundo tranquilo”; “se você tinha uma horta dividia”; “eram pessoas que interagiam muito”; “muito unido”; “Um povo muito bom; as vezes brigava; bastante amigos; Pessoas bem simples;

Durante a entrevista Embaúba perguntou: “quer saber porque eu não quis sair do Paracatu?” ao que esta entrevistadora, curiosa por explorar mais os motivos que o levaram a permanecer na comunidade, mesmo que sua família tenha optado por estar em Mariana, o instigou. Embaúba foi até seu quarto e trouxe uma bandeira de Santo Antônio, relatando que foi “a primeira pessoa que viu a lama chegar. Quando a lama estava vindo, uns 2 quilômetros pra



cima, peguei minha moto e fui lá ver. Depois peguei minha irmã e botei na garupa da moto e corri para a igreja para tirar o Santo Antônio grande que tinha e o que dava para carregar”

Neste relato de Embaúba, surgiram fortíssimos elementos de relação com o passado ou com a tradição do povo de Paracatu. Ele ainda relatou que o que mais ali gostava eram “as festas que fazia, matava boi, fazia almoço pra todo mundo que chegava, via os amigos”, remetendo diretamente a tradição de um passado coletivo e positivo das Folias e das festas da igreja, cheia de significado e conexão com as tradições de sua família e herança cultural de seu povo.

Por toda esta potência de relato, optou-se por manter a participação de Embaúba entre os entrevistados, pois sua dificuldade em se deslocar e se manter na cidade, permanecendo na comunidade de Paracatu vista por muitos como “quase uma comunidade fantasma”, demonstram o papel e a força de sua identidade coletiva, na manutenção da sua própria identidade pessoal, mesmo com fortes sentimentos de saudade e de solidão, são provas irrefutáveis do sentido de pertencimento e de estima potencializadora deste homem para manter sua comunidade viva.

Assim, com relação ao lugar do passado – a comunidade de Paracatu de Baixo – é verificada uma majoritária imagem de pertencimento, onde ter habitado aquele lugar - especialmente no papel da casa como primeiro lugar de aconchego desde o nascimento - por tanto tempo gerou fortes sentimentos positivos, evocados por memórias afetivas, pela familiaridade estabelecida ali e um sentir-se em casa que, mesmo não podendo retornar para a antiga Paracatu, permanece enraizado nos sentimentos e nas emoções de seus ex-moradores.

## **7.2 Raízes Suspensas – Inseguranças do Presente**

As informações sobre a localização espacial onde os atingidos foram realocados temporariamente demonstram como os moradores de Paracatu de Baixo foram “espalhados” em diversos novos endereços, principalmente pela cidade de Mariana. Enquanto na

comunidade anterior muitos dos moradores residiam-se na mesma rua, no novo ambiente de moradia cada participante reside em uma localidade diferente, desconstruindo as possibilidades de manutenção física do encontro e dos laços comunitários anteriormente construídos.

Esta situação de descontrole sobre o espaço socio comunitário é um dos aspectos que dão sentido a imagem de Insegurança representada em parte dos Mapas- 3 deles-, evidenciando a presença de **Estimas Despotencializadoras** relativas ao local de moradia atual. Neste mesmo sentido, a imagem de Destruição, que também caracteriza uma estima despotencializadora, foi identificada em outros dois Mapas produzidos pelos participantes.

Em contraponto, **Estimas Potencializadoras** sobre o lugar de moradia atual se mostraram presentes através da imagem de Agradabilidade- que, assim como a imagem de Insegurança, também se apresentou em 3 dos Mapas -, seguida das imagens de Pertencimento e Contraste Potencializador. Estes resultados demonstram contrastes potencializadores e despotencializados quanto as imagens e as estimas apresentadas no território, especialmente com relação a cidade de Mariana, conforme será demonstrado abaixo nas categorias aprofundadas na entrevista.

As **Relações e vida comunitária com o atual ambiente de vivência** aprofundadas ao longo das entrevistas deram conta que a forma de deslocamento pela cidade é bastante diferente da que as pessoas estavam acostumadas anteriormente em Paracatu de Baixo, que poderia ser percorrida toda a pé. Apesar de Mariana também poder ser percorrida em parte a pé, para realizar visitas às pessoas conhecidas ou as comunidades de afeto, os respondentes afirmam que precisam se deslocar de ônibus muitas vezes. Videira relata essa situação: “depois que eu vim morar em Mariana, passo tempos sem ver minha mãe, que mora em outro bairro. Tem que pegar ônibus, aí a gente já vem cansada do trabalho, que fica desanimada”. Este trecho da entrevista demonstra fragilização de seus vínculos sociofamiliares.

Sentir-se em casa em solo estranho tornou-se uma tarefa difícil em Mariana, mesmo para Angico, que é um jovem rapaz que realizou a transição entre a fase da adolescência para a fase adulta já após seu deslocamento forçado para a cidade. Ele vive em uma pequena residência alugada com sua mãe e sua irmã há 4 anos, e afirmou ainda que “não se sente confortável em fazer novos amigos, ou de conversar com os vizinhos. Ali parece um ‘ponto de droga’, alguns caras que eu conhecia acabaram envolvidos com tráfico e alguns chegaram a ser presos”. Ao ser perguntado sobre os lugares que gosta de frequentar na cidade, Angico remeteu a locais onde está geralmente sozinho ou onde o estar com o outro pode ser evitado – como fazendo caminhada e na academia. Este relato demonstra insegurança para com o novo lugar.

<i>Com quem mora atualmente?</i>	<i>Conhece pessoas? Fez amigos? Como se sente em relação a elas?,</i>
“eu, marido e dois filhos”; “eu, mãe e irmã”; “eu esposa e 5 filhas”; “eu, esposa e 2 filhas”; “sozinho”; “eu, esposa e 3 filhos”; “eu, mãe e irmã”; “eu e o marido”; “eu, pai, mãe, irmã, 1 filha e esposa”; “eu e a esposa”	“não conheço quase ninguém”; “conheço o povo de Paracatu”; “conheço o povo/ as pessoas do trabalho “conheci algumas pessoas; conheço bastante gente”

Angico e sua família vivem às margens de um rio que, apesar de morar numa região mais central de Mariana, em sua aplicação da escala de estima, manifestou se sentir inseguro, desprotegido, que na região onde mora há sujeira onde vive e que tudo pode acontecer, apontando assim para uma forte imagem de insegurança para com o **lugar**. Ele afirma que ali “não é bonito de ver, ele é sujo, sinto muito frio principalmente quando volto do trabalho a noite e de madrugada, quando saio para correr”, o fazendo em alguns momentos desistir de

praticar o esporte que gosta e que considera “uma diversão e relaxamento”. Segundo Angico ainda, sua mãe optou por esta residência porque era a mais próxima, porque as outras eram “lá no cafundó do Judas”. Os aspectos físicos e sociais do território habitado por Angico dificultam o desenvolvimento psicoafetivo do rapaz ali e, conseqüentemente que se construa um apego emocional com o lugar “pois já é a terceira vez que tenho que mudar” (Angico).

Aroeira também relatou insegurança durante boa parte da aplicação, bem como sua ligação com as raízes rurais, demonstrando não se sentir seguro estando na cidade. Com relação ao local, Aroeira afirmou ser apertado para ele e os filhos e, especialmente, sente falta de um quintal grande, onde possa plantar e criar bichos. Reforçando seu sentimento de insegurança, lembrou que na sua comunidade “as portas ficavam abertas, todo mundo tinha confiança de visitar todo mundo. Já na cidade, tudo tem que estar trancado, tem que marcar para ir na casa de alguém, tem que estar de olho o tempo todo” (Aroeira). Segundo ele, prefere ter mais convivência com seus familiares e conhecidos “das antigas”, de Paracatu de Baixo, não estabelecendo uma vivência em comunidade com a cidade de Mariana, de fato.

Já na abordagem inicial, Videira demonstrou intensa insatisfação por estar a tantos anos aguardando o reassentamento e afirmou não conseguir mais viver tranquila desde que foi para Mariana. primeiramente morou “de aluguel” em Mariana e “não podia pregar um prego na parede, colocar uma planta, nada de seu” e que isso lhe causava grande angústia. Após a mudança para a casa que construiu com seu esposo, Videira acreditava que poderia se sentir melhor, mas que não foi o que percebeu. Ela se sente “desconfortável por causada proximidade das casas vizinhas, são todas juntinhas” (Videira) e pela distância de seus parentes. Não gosta muito de sair, porque considera que “não é visto com bons olhos, as pessoas tratam com desprezo, ouve piadinha em loja, em supermercado, não pode nem dizer de onde é, as vezes eles já veem que é atingido, esse nome ficou marcado na gente” (Videira). Assim, a sensação de Videira com relação a cidade de Mariana é de um lugar estranho,

destruído e desenraizado, física e simbolicamente, onde o desenraizamento se dá ideologicamente, mas também de forma não consciente.

Cerejeira é uma jovem mulher que vive em uma residência alugada, com a mãe e a irmã e, segundo ela, sua casa atende as necessidades de sua família. Apesar de ter uma lembrança de carinho para com seu local de origem, Cerejeira aparenta ter buscado se apropriar do seu novo lugar de moradia e possui uma Estima Potencializadora de agradabilidade com Mariana. Sua família optou pela modalidade de reassentamento familiar, assim, elas irão obter uma nova residência na cidade de Mariana, que terá sua construção assistida. Ela diz que acompanhou os desenhos dos croquis da nova casa e que “parece que vai ficar bem bom, bem novinha”

Para ela, viver onde vive hoje é uma “oportunidade de recomeço, de esperança” e busca “esquecer o sofrimento que passou” (Cerejeira), como estratégias de readaptação e reenraizamento (Massola & Svartman, 2018), uma vez que não é mais possível retornar à comunidade de origem. Ela trabalha como atendente em uma loja há 3 anos e diz gostar dos colegas e do ambiente de trabalho. Gosta de frequentar a praça, a feira e de encontrar amigas que fez pela cidade, demonstrando ter estabelecido novas relações sociais ao longo dos anos de permanência em Mariana.

A experiência de Cerejeira pode ser usada como exemplo de reenraizamento a partir de uma estima potencializadora para com o novo lugar e uma forma não consciente de vínculo (Massola & Svartman, 2018), a partir da realidade objetiva. Apesar de conservar boas memórias em Paracatu de Baixo com sua família, vizinhos e amigos, ela diz que “olha para o futuro e busca viver o agora” (Cerejeira).

As estimas apreendidas sobre o local de moradia atual demonstram contrastes quanto as imagens de Insegurança e Agradabilidade – que apareceram majoritariamente – assim como com relação às imagens de Destruição, Pertencimento e Contrastes, evidenciando a existência

de as Estimas Potencializadoras e Despotencializadoras, ao mesmo tempo com relação ao território, especialmente em relação a cidade de Mariana.

Estes contrastes são reforçados quanto a Insegurança, através dos aspectos físicos – infraestrutura e segurança –, quanto simbólicos –impossibilidade de reprodução dos modos de vida e das relações sociais antigos, tal qual se davam em Paracatu, bem como uma desidentificação pessoal com as relações sociais, produtivas e de habitação da cidade que se dão ali –, despotencializando a ação e, conseqüentemente, a estima pelo lugar, dificultando o estabelecimento do **sentimento de estar em casa** e da **formação de vínculos inconscientes** e, portanto, do reenraizamento no novo lugar. Por outro lado, a agradabilidade é potencializada para alguns dos participantes pelos vínculos anteriores ao deslocamento que já existiam com relação a cidade ou mesmo com a reapropriação daquele novo espaço como lugar afetivo, permitindo uma estima potencializadora de investimento e de ação para com ele e assim o reenraizamento, por **sentirem-se em casa, familiarizados** e com certo grau de **vínculo** com o lugar.

### **7.3 Reenraizar-se – Contrastes do Futuro**

Quase sete anos após o rompimento da barragem da Samarco, a reparação dos danos causados ao direito à moradia ainda não é uma realidade objetiva para as pessoas impactadas. A Fundação Renova, responsável pela realização das ações de reparação, já superou três prazos judiciais para a entrega do reassentamento e, somente em 15 de setembro de 2021 assentou o “tijolo fundamental”, simbolizando a o início, de fato, das construções das casas Reassentamento Coletivo, no terreno Lucila.

Ao longo desta pesquisa, verificou-se que muitas das pessoas deslocadas compulsoriamente de Paracatu de Baixo vem desistindo de optar pelo reassentamento coletivo como alternativa de reparação ao seu direito à moradia. Há vários problemas encontrados na construção do

reassentamento onde aqueles que optaram por esta modalidade de reparação receberão suas novas casas e uma Nova Paracatu de Baixo.

Este cenário se reflete nos resultados da parte desta pesquisa referente a estima para com o local de vivência futuro. Com relação ao futuro local de moradia, foi percebido que alguns participantes desta pesquisa e suas famílias não irão para o reassentamento coletivo ou para uma nova moradia através de reassentamento familiar. Duas pessoas participantes já possuíam residência em Mariana além da de Paracatu e, assim como um outro participante, adquiriram nova propriedade em Monsenhor Horta, através do reassento familiar e, portanto, não terão um futuro local de moradia. Assim, a parte da entrevista referente ao reassentamento futuro foi aplicado às sete pessoas que ainda não receberam sua nova moradia.

No que tange ao acesso à informação, a diretriz nº 04 de 06/02/2018 da ACP garante que as pessoas atingidas tenham acesso a todas as informações que digam respeito ao reassentamento dos núcleos familiares, a fim de garantir ainda a capacidade das mesmas de deliberar sobre todo o processo (Cáritas, 2021b)

### **7.3.1 Participação - projeção identitária, elaboração de conhecimento, informações e planejamentos sobre o lugar futuro**

A **participação** é um elemento de grande importância para a vida das pessoas em comunidade. A Estima de Lugar é uma potencializadora da ação de participar, conforme apontam Bomfim et al. (2018), devido a capacidade de perceber e avaliar o ambiente, conferida pelos aspectos cognitivos e afetivos das emoções que o ambiente físico evoca nos sujeitos, contribuindo assim para a realização de escolhas e tomada de decisões, na adoção de comportamentos sociais, no trato dos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo.

Através das entrevistas, foi importante verificar as formas de obtenção de informações acerca do andamento dos reassentamentos coletivo e familiar e os sentimentos que o acesso a estas

informações provocam, gerando estratégias de elaboração de conhecimento para a projeção de futuro. Assim, duas categorias de respostas foram identificadas, sendo elas: **possuem informações do reassentamento; e possuem pouca informação do reassentamento**. Não houve respostas em que não havia nenhum tipo de informações sobre o reassentamento.

Parte dos respondentes conseguia afirmar com mais clareza as informações que possuíam sobre o andamento do reassentamento coletivo. Senhor Jacarandá é uma importante liderança na mobilização pelo reassentamento e acompanha de perto, porém não muito satisfeito com as informações que tem obtido. “O terreno, as medidas não bateram. O terreno de agora é diferente do outro, nunca que bate, eu tinha uma área baixa, que plantava cana capineira, lugar frio beira rio, fazia corte duas vezes no ano e a área tá bem menor e diferente nesse”. (Senhor Jacarandá)

Videira relatou sobre o andamento das construções que “uns 8 meses atrás eles falaram que tava na terraplanagem, depois tinha uma montanha de terra”. Já sobre como obtém as informações, ela disse que se dá via telefone, geralmente, mas não se sente satisfeita: “Hoje eles ligaram pra gente falando que tem a base, mas não tem nada lá adiantado. Cada dia que a gente liga é uma pessoa diferente que não sabe informar nada. Ai a gente desanima demais”. Embaúba também apontou dificuldades de obter informações e visitar o lugar: “Lá não agenda nada, a gente vai na marra”. Estas respostas indicam desconfiança quanto as respostas que recebem, e levam a crer que, apesar de possuírem informações a respeito do andamento do reassentamento, os respondentes as obtêm de forma forçada, ou mesmo que estão descontentes com as informações que vêm recebendo, o que sugere uma participação que não é livre com relação ao reassentamento. Tudo isso demonstra uma **Estima de Contraste** ao mesmo tempo **Despotencializadora** -pela dificuldade e descontentamento com as informações obtidas - quanto **Potencializadora** - uma vez que impele a ação de ir atrás da informação, de questioná-la e de contestá-la.



A respeito do reassentamento familiar, as respostas foram mais positivas nesta categoria. Angico afirmou que “eu acompanhei o croqui, parece que vai ficar muito bonito, tem um quarto legal, vai ter uma área para o cachorro”, enquanto Cerejeira também demonstrou ter conhecimento e estar satisfeita com as informações que recebe, ao dizer que “tem o desenho da casa já, parece que vai ficar bem legal. Estou ansiosa”. Isso demonstra que, com há ação mais positiva e uma maior participação, indicando uma Estima Potencializadora de Agradabilidade com relação ao reassentamento, apesar se não se saber ao certo a data em que receberão a nova casa.

Já aqueles que responderam que **possuem pouca informação do reassentamento**, as respostas demonstraram que há pessoas que não estão obtendo todas as informações acerca do processo de reassentamento de forma livre e que permita a participação informada ou ativa. Algumas das respostas que demonstram isso foram: “sei que estão começando a construir as casas e que está demorando. Não sei muito mais”, dita por Gameleira. Aroeira também caminha no mesmo sentido, ao dizer que “A gente recebeu algumas notícias, no fim do ano que começou a construção, mas sempre adiam a entrega, então ficamos sem saber quando vamos ter nosso lugar de novo”. Estas podem evidenciar uma **Estima de Contraste Despotencializadora**, pois apesar de receberem algumas poucas informações do futuro do reassentamento, as pessoas não se sentem mais impelidas e buscá-las.

Para Bomfim et al. (2018), capacidade de sentir tem impacto direto na capacidade de tomada de decisão. Assim, os sentimentos de frustração, cansaço e desânimo com o processo de reassentamento, demonstrando nas falas obtidas na entrevista, denunciam uma **Estima despotencializadora**, como é percebido na fala de Gameleira ao dizer que “Me sinto perdida, sem poder organizar a vida como era antes. Não tem a informação direito, tudo é falado atravessado”. Ao passo que outra categoria é daqueles que possuem sentimentos que demonstram Estima Potencializadora tais como “vontade de se mudar”, como na fala de

Aroeira: “Se eu pudesse eu já tava morando ali há muito tempo”. Também o conhecimento acerca do processo ou mesmo ação em busca dele, nas falas de Embaúba: “Eu sinto que a gente não tem que pedir permissão” e Cerejeira: “Me sinto bem, porque eu pude dar o meu palpite”

Há aí uma enorme vontade de participar, de tomar as rédeas do reassentamento, mas a impossibilidade de tomada de decisão desenvolve sentimentos negativos e conflitivos, despotencializando a ação das pessoas ao longo do tempo.

### **7.3.2 Partilha– onde se reencontra a comunidade**

A projeção dos laços e vínculo a serem reconstruídos ou construídos no reassentamento é um aspecto de extrema importância. O lugar como lar é construído a partir das experiências construídas com os outros (Massola & Svartman, 2018 a), atribuindo sentido, significado e sentimentos ao lugar.

Nas entrevistas, as possibilidades de reestabelecimento e/ou manutenção dos vínculos com os pares foi abordada, revelando uma preocupação com a manutenção dos vínculos comunitários antigos no espaço futuro, na resposta de Videira ao afirmar que gostaria de ter “A mesma vizinhança que eu tinha antes” e também ao Embaúba relatar que “O mais importante é a comunidade, todo mundo lá”. Angico, que não terá a mesma vizinhança que tinha antes no reassentamento familiar, também aponta a importância de construir novos vínculos para ele, ao dizer que espera “encontrar pessoas sinceras, vizinhos legais, amigos”. Estas todas são **Estimas Potencializadoras** que desvelam o potencial de **Agradabilidade** que uma vizinhança familiar, ou que provoque a familiaridade dos sentimentos positivos no encontro com o outro, podem proporcionar.

As respostas sobre as relações sociais evidenciam a perspectiva que talvez possa explicar a predominância de **Estima Despotencializadora** com relação a projeção de futuro individual,

devido ao fato de que a vizinhança deverá ter sua composição alterada, com relação ao que existia em Paracatu de Baixo, como se percebe nas respostas de Jacarandá, que sentenciou já esperar dificuldade em reestabelecer os laços comunitários antigos, ao contar que “minha vizinhança não vai ser a mesma. Só quatro vizinhos que vão ficar com casa lá e uma ainda vai ser pra alugar para festa no fim de semana”. Videira também enfatizou que “são pessoas diferentes que colocaram pra ser meus vizinhos”. Embaúba no entanto, não manifestou preocupação com quem vai estar, mas como vão se sentir lá: “só dois que não vai, mas vamos ver como que vai ficar quando tiver lá naquele condomínio de luxo”.

Sobre o **lugar do encontro**, a comunidade em si, foi percebido ainda uma **Estima de Insegurança** para com o reassentamento, pois os respondentes demonstram desejo de garantir a segurança do lugar com presença de “um posto policial para dar manutenção dia e noite pra não dar bandido” na fala de Jacarandá, e “câmeras” na fala de Aroeira. Ainda foi percebido que o ambiente da casa gera grande expectativa nos respondentes, quando Cerejeira afirma que “É importe ter uma casa confortável, agradável” e quando Aroeira deseja que “tenha espaço para a gente voltar a ter as plantas, os bichos”, também apontando **Estimas Potencializadoras**.

Ainda sobre o lugar do encontro, tomando a casa como espaço da recriação dos vínculos familiares e comunitários, a entrevista evidenciou que há uma expectativa de que as casas remetam ao ambiente antigo - quando Embaúba deseja que sua casa seja “igual a que eu tinha antes” -, mas também que projete os desejos de futuro quando Angico nos diz que “eu espero que fique como estava no desenho 3D”. A **Estima de Agradabilidade** para com as características físicas também são potenciais para o reenraizamento apontados nas respostas.

### **7.3.3 Memória Coletiva e Construção da Perspectiva Futura**

A promoção do reenraizamento (Massola & Svartman, 2018b) depende, sobretudo, de uma capacidade de **construção da perspectiva e projeção de futuro** num determinado novo ambiente. Essa capacidade favorece o fortalecimento e reafirmação das identidades coletiva e pessoal, a partir da possibilidade de desenvolvimento de **Estimas Potencializadoras** para com o futuro novo lugar. Os planos pessoais e os sentimentos com relação a vida ali, sobre a casa e o terreno apontam seu papel para a identidade individual, ao passo que as questões que envolvem a vizinhança e a rotina comunitária remetem ao fortalecimento da identidade coletiva para a promoção do reenraizamento nas modalidades de reassentamentos.

A respeito da vida futura no reassentamento coletivo, provocando uma **projeção de futuro** através da entrevista às participantes, os sentimentos evocados para a maioria das pessoas entrevistadas demonstram uma projeção positiva e uma **Estima de Agradabilidade Potencializadora**, tendo como exemplos, quando Angico relata sua vontade de “ter meu quarto direitinho”, no desejo de Gameleira em “ter meu cantinho” e também de Aroeira em “voltar a ‘tá’ mais perto da minha plantação, voltar a ter um canto meu e viver minha vida tranquila no que é meu”. Isso também fica transparecido nos planos de Embaúba de “montar uma lojinha de motos”; de Jacarandá que tem “plano de ter uma casa assim, do jeito que a gente espera” e de Videira que sonha em “voltar a vida de antes”.

A casa e o terreno em si também são objeto da projeção de futuro dos entrevistados, que demonstram uma projeção positiva e, conseqüentemente, uma **Estima Potencializadora de Pertencimento** à terra e a casa, quando Jacarandá afirma que “A esperança que eu tenho é fazer o projeto com justamente o que eu tinha”, assim como Aroeira, ao dizer “Vamos tentar poder retomar a vida, a plantação”. No entanto, predominam também falas que remontam a projeções negativas e a uma **Estima Despotencializadora de Insegurança**, quando Videira aponta questões infraestruturais que podem dificultar a readaptação ali, como quando diz que “A gente já vai começar lutando, pagando água”. Assim também Gameleira imagina que “o

Paracatu novo vai ser quase igual Mariana’, colocando uma entonação negativa a esta colocação. Embaúba também corrobora com essa visão ao dizer que “a vida lá não vai ser muito boa, porque não vai ter emprego”. Já sobre o reassentamento familiar, a projeção é positiva e demonstra uma **Estima Potencializadora**, onde Angico e Cerejeira, ambos futuros moradores, responderam “acho que vai ficar bem legal”.

Há também uma grande preocupação com relação a configuração da nova vizinhança no reassentamento coletivo, especialmente devido as alterações dos vínculos comunitários, uma vez que as respostas dos participantes evidenciam a perspectiva que talvez possa explicar a predominância de **Estima Despotencializadora** com relação a projeção de futuro individual, devido ao fato de que a vizinhança deverá ter sua composição alterada, com relação ao que existia em Paracatu de Baixo.

Essa **Estima de Insegurança** pode ser percebida, por exemplo, quando Videira relata que espera encontrar no reassentamento “a mesma vizinha que eu tinha antes, que hoje não é. Gostaria de ter a mesma rua, os mesmos vizinhos de antes”. Falas tais como “minha vizinhança não vai ser a mesma” de Aroeira, ou de Gameleira dizendo que “são pessoas diferentes que colocaram pra ser meus vizinhos” e de Jacarandá, ao afirmar que “não vai todo mundo como era antes. Dos que moravam na minha rua, vai quatro famílias e uma das casas vai ser pra alugar pra festa. Isso ainda vai preocupar porque pode dar bagunça” demonstram essa insegurança sobre uma vizinhança diferente do que esperavam, sem as pessoas com as quais estavam familiarizadas, remetendo a uma memória coletiva da comunidade. Esse tipo de estima prejudicaria o **sentimento de estar em casa** e a **familiaridade** para com o reassentamento.

Embaúba se mantém positivo sobre sua nova vizinha no reassentamento, pois “Acredito que sim, que vai morar pessoas que conhecia de Paracatu, parentes. Parte dos moradores era parente, só dois que não vai”. Sobre a vizinhança na nova casa no reassentamento familiar,

Angico também tem uma expectativa positiva “Eu espero que sejam pessoas interessantes, não chatas”, assim também como Cerejeira que acredita que no bairro onde sua casa nova será construída “vão ter pessoas conhecidas”.

Uma projeção de rotina futura também é de grande importância para uma implicação positiva para com o novo ambiente. Durante as conversas, a maioria das projeções com relação a nova rotina são positivas, remetendo sempre a uma memória coletiva, de como funcionava no antigo Paracatu. As expectativas de Videira em ter uma rotina “com liberdade de ‘tá’ na rua, conversando com os vizinhos na porta de casa”; de Aroeira em ter uma “vida tranquila, como era antes”, de Gameleira em “pelo menos vou estar no que é meu” e de Angico, que diz: “Eu calculo voltar a estudar, levantar cedo, estudar e ir trabalhar” evidenciam claramente esse resultado. Algumas respostas evidenciam ainda uma expectativa neutra, por exemplo, quando Cerejeira coloca “que vai voltando ao normal” e Jacarandá afirma que “eu tenho que esperar pra ver como vai ficar a comunidade lá” sobre o que esperam da nova rotina. Houve ainda respostas que demonstram projeções negativas ainda na fala de Videira, ao dizer que “Imagino que não vai ser muito diferente de agora”, mostrando que mantém uma expectativa positiva, mas ao mesmo tempo hesitante. Apesar de manter uma expectativa positiva com relação a vizinhança, Embaúba também manifesta uma expectativa mais negativa sobre a futura rotina ao dizer que “vai ser totalmente diferente lá. Lá vai ser um condomínio de luxo, eu preferia minha vida simples, da roça aqui”, talvez devido ao seu forte vínculo com Paracatu e sua identidade pessoal com o trabalho rural e sua percepção do reassentamento.

Em suma, as possibilidades positivas de se estabelecer uma estima potencializadora e positiva para com as formas de reassentamento, se garantidas melhores formas de participação ativa, de escolha dos lugares de convivência para partilha e encontros saudáveis e que reflitam as características individuais e coletivas dos novos habitantes e de reprodução das tradições presentes na memória afetiva da antiga comunidade. Entretanto, no atual cenário da concessão

do reassentamento para estas pessoas, estas condições não se encontram satisfeitas por completo, apontando dificuldades para a realização de um compromisso ético-afetivo que desenvolva estimas potencializadoras e, assim um reenraizamento de fato com o lugar de vivência futuro.

### **Considerações Finais**

Em análise final deste trabalho, foi possível identificar que o deslocamento compulsório cumpriu para a comunidade de Paracatu de Baixo o papel de desterritorializar (Massola e Svartman, 2018a) as famílias dali de seu ambiente de vivência, uma vez que não só a terra, mas os símbolos e os fazeres não mais se reproduzem no espaço para onde as pessoas foram levadas e vivem desde então, após rompimento. Esta conclusão se deu através de pesquisa documental, utilizando relatórios técnicos sobre as Diretrizes de Reparação, sobre o andamento, atraso e problemáticas da construção do Reassentamento de Paracatu de Baixo, produzidos pela Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais (Cáritas, 2021a, 2021b), bem como de relatório de impactos socioeconômicos do deslocamento e do processo de reparação ao direito à moradia da Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2019).

Vários impactos psicossociais foram identificados sobre as pessoas atingidas pelo deslocamento compulsório, nos documentos produzido até o momento, tais como a dificuldades para a reprodução dos modos de vida da população, seja na infraestrutura e mobilidade – que impedem o plantar, o colher, o circular livremente e o reconhecimento das dimensões espaciais que haviam na propriedade anterior –, impedindo com que se sintam em casa ali; a negação da identidade individual e familiar no não reconhecimento enquanto novos núcleos familiares ou outros detentores de direitos, impedindo a familiaridade; a negação da reprodução da identidade coletiva, a partir da indefinição quanto aos espaços públicos, principalmente para o lazer as manifestações culturais coletivas, habituais do antigo Paracatu,

desconsiderando o passado e as tradições; e a própria espera infinita que impendem uma projeção de vida habitação no longo prazo naquele lugar, especialmente para as pessoas mais idosas.

Ao que tange a estima sobre o lugar passado – a comunidade de Paracatu -, esta pesquisa deixa claro a forte **Imagem de Pertencimento** e uma **Estima Potencializadora** quanto as tradições, os fazeres, a familiaridade e o tempo em que habitaram aquela comunidade.

Em contraponto, a estima com relação ao lugar onde estão realocados atualmente provoca imagens contraditórias entre os participantes, principalmente de **Insegurança** com relação as condições de vida na cidade de Mariana, mas também de **Agradabilidade** para aqueles que já possuíam vínculos com a cidade ou mesmo conseguiram estabelecê-los ao longo de sua estadia ali.

Este trabalho tem como resultado ainda que uma expectativa positiva para com as novas condições de vida, que envolvem infraestrutura, uma comunidade unida, ativa e participante através tanto da memória coletiva, corroborando com Barreto et al. (2020) e com Massola e Svartman (2018a), quanto da participação real e ativa, com forte indício de uma implicação positiva para com o lugar – e portanto, da reprodução de uma estima positiva -, mesmo com a identificação de problemáticas psicossociais para a efetivação da retomada de uma vida reenraizada, apontando para uma racionalidade ético-afetivas que potencializa a busca pela criação de espaços de interesses e necessidades coletivas, reafirmando ainda o que indica Bomfim (2018) sobre o papel dos afetos e da Estima de Lugar.

Vale ressaltar que no processo de rememória do lugar perdido, as recordações podem tomar um aspecto utópico, de completa felicidade e harmonia. Portanto, todo o exposto acima não sobrepõe as contradições e conflitos próprios de qualquer comunidade, assim como também



se dava para a comunidade de Paracatu de Baixo anteriormente ao rompimento e ainda hoje pode ocorrer.

Em suma, os resultados obtidos, tanto através da aplicação do IGMA, quanto das entrevistas coletadas, reforçam o que aponta Massola e Svartman (2018 a), ao identificar que, mesmo na dificuldade, a promoção de uma afetividade ética no processo de reassentamento contribuiria para o reenraizamento, se satisfeitas as condições adequadas a participação real, a vida em comunidade que propicie a partilha e um encontro com as raízes do passado, através do fortalecimento de uma memória coletiva, no intercruzamento entre passado, presente e futuro.

Vale ressaltar que no processo de rememória do lugar perdido, as recordações podem tomar um aspecto utópico, de completa felicidade e harmonia. Portanto, todo o exposto acima não sobrepõe as contradições e conflitos próprios de qualquer comunidade, assim como também se dava para a comunidade de Paracatu de Baixo anteriormente ao rompimento e ainda hoje pode ocorrer. Cumpre, no entanto, o papel de retratar os aspectos de estima e memória dos moradores participantes desta pesquisa.

Ainda assim, a **Estima Potencializadora** de ação para uma reapropriação simbólica, movida pela afetividade ambiental, incentiva a construção social de um espaço público, onde a cidadania e sustentabilidade sejam promovidos e incentivados na convivência com o ambiente como sugere Bomfim, desde que haja a possibilidade de impressão das identidades pessoais e coletivas da comunidade que ali vai habitar, como já indicava Massola e Svartman (2018 a).

No atual cenário, tais condições não se encontram satisfeitas, devido aos problemas infraestruturais, de organização e de participação com relação ao reassentamento apresentadas, portanto, há a identificação de **Estimas Despotencializadoras de Insegurança e de Contrastes** para com o reassentamento coletivo. O reassentamento familiar, no entanto, já propicia tais condições acima citadas, onde a **Estima Potencializadora de Agradabilidade** está presente para com o futuro lugar de moradia.

Diante de todo o cenário e impactos apresentados, a Psicologia Social mostra-se como campo imprescindivelmente necessário nas ações de reparação de desastres socioambientais, especialmente quando há processos de remoção compulsória, seja ela física ou simbólica, uma vez que este campo tem o papel de contribuir com o reestabelecimento dos laços e vínculos comunitários, com as análises necessárias para a reestruturação/ reconstrução de ambientes socialmente saudáveis para a reprodução da vida em diálogo com a identidade das pessoas afetadas, assim como pode contribuir para a gestão de danos psicológicos individuais e coletivos, a fim de se reestabelecer condições de qualidade de vida e harmonia socioambiental.

Para concluir este trabalho, não posso deixar de repassar o recado, cheio de implicação e estima positiva de Embaúba que pediu que “não deixe esquecer Paracatu, divulgue aonde for, porque a luta para reassentar não pode ser esquecida”.

### **Referências Bibliográficas**

Acselrad, H. (2004). Justiça Ambiental, Ação Coletiva e Estratégias Argumentativas. In: Acselrad, Herculano & Pádua (orgs.) Justiça Ambiental e Cidadania. (pp.23-39) Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Bardin, L. (1997) Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições70.

Berroeta, H., & Carvalho, L. P. (2020). La Psicología Ambiental-Comunitaria en el Estudio de los Desastres: La Importancia de los Vínculos Socioespaciales. *Psykhe (Santiago)*, 29(1), 1-16. <https://dx.doi.org/10.7764/psykhe.29.1.1579>

Bomfim, Z. A. C. (2008), Afetividade e Ambiente Urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In J. Pinheiro & H. Günther (Org), Métodos de Pesquisa nos Estudos pessoa-ambiente (pp. 253-280). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Bomfim, Z.A. C. (2010) Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo. Fortaleza: UFC Edições.

Bomfim, Z.A. C., Delabrida, Z., Ferreira, K. (2018) Emoções e afetividade ambiental. In Psicologia ambiental: conceitos para a leitura de relação pessoa-ambiente. Petrópolis: Vozes.

Carneiro, E. J. (2005), “Política ambiental e a ideologia do desenvolvimento sustentável”, in: Zhouri et al. (org.), A insustentável leveza da política ambiental: desenvolvimento e conflitos socioambientais, (pp. 27-47) Belo Horizonte: Autêntica.

Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais (2021a). *Atrasos - Relatório de Entrega dos Reassentamentos - Comunidade Bento Rodrigues, Comunidade Paracatu de Baixo e Comunidades Rurais*. Mariana- MG. <http://7wPU7OZp392miwPJd536.pdf>.

\_\_\_\_\_ (2021b). *Relatório Técnico - Atraso na Reparação do Direito à Moradia - Reassentamento de Paracatu de Baixo*. Mariana - MG. <http://MIwBtLN8CmICguyU7uxc.pdf>.

\_\_\_\_\_ (2021 c). *Pontos Críticos do Reassentamento Coletivo de Paracatu de Baixo*. Mariana-MG. <http://mg.caritas.org.br/storage/arquivo-de-biblioteca/August2021/9yZQnNTnOzpMURlyxcvH.pdf>

Ciampa, A. C. (1994). Identidade. In: Lane, S. T. M.; Codo, W. (Org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. (p. 58-75) São Paulo: Brasiliense.

Elali, G. A. (2011) Apego ao lugar (vínculo com o lugar – place attachment). In: Cavalcante, Silvia . Elali, Gleice. A. (Orgs.) (pp. 53-62). *Temas básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis: Vozes.

Gil, A. C. (2002) *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Farias, T.M., Pinheiro, J. Q. (2013). Vivendo a vizinhança: interfaces pessoa-ambiente na produção de vizinhanças “vivas”. *Psicologia Em Estudo*, 18 (Psicol., 2013 18).

Fundação Getúlio Vargas (2019). *Parâmetros para a Reparação do Direito à Moradia no Contexto do Rompimento da Barragem de Fundão - Avaliação dos Impactos e Valoração dos Danos Socioeconômicos Causados para as Comunidades Atingidas pelo Rompimento da Barragem de Fundão*. São Paulo. <https://hdl.handle.net/10438/29022>.

Fundação Renova (2022). *Relatório Anual de Atividade - Ano 2021*. Belo Horizonte/MG.

Gonçalves, R. J. A. F., Pinto, R. G., Wanderley, L. J. (2016) Conflitos ambientais e pilhagem dos territórios na bacia do rio doce. In. Zonta, M. & Trocate, C. (Orgs.). Antes Fosse Mais Leve a Carga: reflexões sobre o desastre da Samarco/ Vale/ BHP Billiton. (pp 77 – 104) Marabá: Editora Iguana. (*Coleção A Questão Mineral*, v.2)

González Rey, F. (2002). Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.

Gunther, I. de A. (2008) Uso da entrevista na interação pessoa ambiente. In J. Pinheiro & H. Günther (Org), Métodos de Pesquisa nos Estudos pessoa-ambiente(pp. 74 - 84). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Feitosa, M.Z. S., Souza, L. C.A., Paz, A.F.C., Barreto, E. H. F. L.B., Bomfim, Z. A. C. (2013). Estima de lugar e indicadores afetivos: aportes da Psicologia Ambiental e Social para a compreensão da vulnerabilidade social juvenil em Fortaleza. In: COLAÇO, V. F. R.; CORDEIRO, A. C. F. (Org.). Adolescência e juventude: conhecer para proteger. (p. 317-341) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Wnadeley

Higuchi, M. I. G.& Kuhnen, A. (2008) Percepção e representação ambiental – Métodos e técnicas de investigação para educação ambiental. In J. Pinheiro & H. Günther (Org), Métodos de Pesquisa nos Estudos pessoa-ambiente(pp. 180- 215). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Massola, G. M., Svartman, B. P., Martins, A. B. M., Galeão-Silva, L. G., & Santos, A. de O. dos. (2016). Pré-Iniciação Científica em Psicologia: Contribuição para a Formação Científica no Ensino Médio. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), 558–570.  
<https://doi.org/10.1590/1982-370300126201>

Massola, G. M., & Svartman, B. P. (2018a). Enraizamento. In *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura de relação pessoa-ambiente*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_ (2018b) Enraizamento, tempo e participação na Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia*, [s.l.], v. 23, n. 3, (pp. 293-305), set. Tikinet Edicao Ltda. - EPP.  
<http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20180028>.

Massola, G. M., Svartman, B. P., Martins, A. B. M., Galeão-Silva, L. G., & Santos, A. de O. dos. (2016). Pré-Iniciação Científica em Psicologia: Contribuição para a Formação Científica no Ensino Médio. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), 558–570.  
<https://doi.org/10.1590/1982-3703001262014>

Ministério da Saúde (2021). Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/M. Dispõe sobre orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Secretaria Executiva do Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Brasília, DF: Ministério da Saúde.  
[http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio\\_Circular\\_2\\_24fev2021.pdf](http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf)

Ministério da Saúde. (2020) Portaria 356/2020 Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). Gabinete do Ministro. Brasília, DF: Ministério da Saúde. [http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346?\\_ga=2.78345623.2055534019.1606397301-1354913046.1594154010](http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346?_ga=2.78345623.2055534019.1606397301-1354913046.1594154010)

Montero, M. (2006). Hacer para transformar: el método en la psicología comunitaria. Buenos Aires: Paidós.

Organização Mundial da Saúde. (2020). Considerações para quarentena de indivíduos no contexto de contenção para doença coronavírus (COVID-19): orientação provisória, 29 de fevereiro de 2020. Organização Mundial da Saúde. Disponível em <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331299>

Pacheco, F. P. Afetividade e implicações psicossociais vividas por moradores de uma comunidade ameaçada de desapropriação. 2018. 231f. Dissertação - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2018.

Pol, E. (1996). La apropiación del espacio. In Iñiguez, L.; Pol, E. (Eds.), Cognición, representación y apropiación del espacio (pp. 45-62). Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona.

Santos, M. (1994) O retorno do território. In: Santos, M.; Souza, M. A. A.; Silveira, M. L. Org. *Território: Globalização e Fragmentação*. (p.15-20) São Paulo: Hucitec.

\_\_\_\_\_ (1996). *A Natureza do Espaço Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec.

Santos, P. *Histórias Soterradas*. Revista Laboratório: Curinga, Mariana, 16 Ed, 2016

Silva, D. L., & Bomfim, Z.A. C. (2019). Relações entre a Estima de Lugar e a construção dos Projetos de Vida de jovens adolescentes de escolas públicas de Fortaleza/CE - um estudo avaliativo. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 14(1), 1-20. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082019000100008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000100008&lng=pt&tlng=pt).

Tuan, Y.-F. (2013). *Espaço e lugar. A perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel.

Zhour, A, Laschefski, K. Pereira, D. (orgs.). (2005) *A insustentável leveza da política ambiental: desenvolvimento e conflitos socioambientais*. (pp.89-118) 1ª. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

Zhour, A. & Oliveira, R., (2005) Paisagens industriais e desterritorialização de populações locais: conflitos socioambientais em projetos hidrelétricos, in: Zhour, A, Laschefski, K. Pereira, D. (orgs). *A insustentável leveza da política ambiental: desenvolvimento e conflitos socioambientais*. (p. 49-64) 1ª. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica.



Zonta, M. & Trocate, C. (Orgs.). (2016) Antes Fosse Mais Leve a Carga: reflexões sobre o desastre da Samarco/ Vale/ BHP Billiton. Marabá: Editora Iguana. (*Coleção A Questão Mineral, v.2*)

Wanderley, L.J. (2015). Indícios de Racismo Ambiental na Tragédia de Mariana: resultados preliminares e nota técnica Relatório Preliminar. Juiz de Fora: UFJF.

## APÊNDICE I

### **Orientador De Aplicação *On Line* Do Instrumento Gerador De Mapas Afetivos (IGMA)**

O presente orientador tem como objetivo auxiliar na aplicação do Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA), criado por Bonfim (2008), a partir de plataformas *on-line* de videoconferências, devido à demanda por construção de instrumentos que supram a necessidade de distanciamento social imposta pela pandemia mundial de Covid-19.

O IGMA é um instrumento que tem por objetivo, a partir da elaboração de desenho, da metáfora, das palavras-sínteses, acessar afetos, sentimentos e emoções do público-alvo com relação ao ambiente, através de recursos imagéticos (Bonfim, 2008).

### **Da Necessidade de Aplicação do IGMA no Ambiente Virtual**

Em janeiro de 2020 foi decretada situação de Pandemia Mundial de infecção humana pelo vírus Covid-19 pela Organização Mundial de Saúde e, em março foi decretado isolamento social no Brasil através da Portaria 356/3020 do Ministério da Saúde (Brasil, 2020). Tal situação, ainda persistente até o momento, tornou necessária a construção e adoção de novos instrumentos para pesquisa e atenção em psicologia e em diversas outras áreas das ciências.

Neste contexto que aplicativos e plataformas *on-line* vêm se tornando importantes instrumentos para dar continuidade à pesquisa e à atenção profissional. Para este trabalho será utilizada a plataforma gratuita e aberta de videoconferência *Google Meet*, que permite contato via chamadas de vídeo, áudio, compartilhamento de documentos, vídeos e apresentações *on-line*, gravação de áudio e vídeo, entre outros mecanismos.

### **Aplicação do Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) no Contexto Virtual**

## **Articulação Preliminar para a Viabilização da Aplicabilidade do IGMA por Meio Virtual**

### ***Garantia da Viabilidade dos Equipamentos para Mediação Virtual***

Para garantir a aplicação eficaz do instrumento é necessário que, após ser feita a seleção dos participantes, estes devem ser contactados anteriormente a aplicação do instrumento, com o objetivo de verificar o acesso dos participantes à internet e a equipamento de telefone celular smartfone ou notebook para fins de acessar a plataforma que será usada. Garantido o acesso aos equipamentos e serviços necessários, deve ser enviado o link da plataforma (<https://meet.google.com/>) e deve ser feita orientação sobre o acesso e testagem das funções dela. As instruções para acesso podem ser conferidas também no site indicado acima.

### ***Organização do espaço/tempo virtual e equipamentos físicos para mediação virtual***

O passo seguinte é agendar data e horário que sejam acessíveis e disponíveis para aplicador e participante. É necessário orientar o participante para que tenha em mãos 3 folhas de papel A4 ou cartolinas (que podem ser encaminhadas anteriormente pelo aplicador ou por entidade parceira), caneta, lápis ou lápis de cor para a confecção de desenho.

## **Passo a Passo para Aplicação do IGMA Virtual**

### **Passos sobre a representação – O Desenho**

#### ***Passo 1 – Construção do desenho***

A produção do desenho é o primeiro passo da aplicação do Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA), indicado por Bonfim (2008) para facilitar a expressão de emoções com relação ao ambiente/lugar, através do conteúdo imagético pelo respondente. Bonfim (2008) orienta que seja solicitado ao respondente a realização de desenho que corresponda ao ambiente do qual se intenta absorver os afetos e sentimentos do participante. A forma e

correspondência do desenho com a configuração real do ambiente retratado não é objeto de análise crucial, mas os afetos e a representação evocada pelo próprio respondente.

### ***Passo 2 – Atribuição de significado do desenho***

Neste passo Bonfim (2008) orienta que a interpretação e sentido relativos ao desenho e ao ambiente ali expresso devem ser atribuídos pelo próprio respondente, seja pela forma do desenho, de palavras ou demais expressões que possam ser apreendidas, com o mínimo de interferência do investigador. Para tanto, cabe ao investigador o papel de instigar a demonstração de interpretação e sentido por parte do respondente e sistematizar as respostas expostas.

### ***Passo 3 - Descrição de sentimentos***

Nesta etapa será solicitado ao respondente que descreva e expresse seus sentimentos com relação ao desenho, com o objetivo de apreender os afetos elaborados e relacionados ao desenho, ao lugar em si e às vivências ali realizadas. O aplicador será responsável por sistematizar os sentimentos descritos e expressos neste exercício.

### ***Passo 4 –Expressão das palavras-síntese***

Neste ponto do instrumento, o aplicador provoca o respondente a elencar até 6 palavras/ expressões que sintetizem sentimentos, qualidade, substantivos ou outras expressões ainda não mencionadas ou que reforcem o que já foi apontado nas etapas anteriores, com o objetivo de, de fato, sintetizar e promover a reconstrução e reelaboração dos afetos, sentimentos e sentidos evocados relativamente ao desenho, à memória do lugar desenhado e à expressão destes (Bonfim, 2008). Novamente cabe ao aplicador a provocação, a condução para que o respondente passe pelo processo indicado acima, mas também que as palavras expressas possam ser sistematizadas (se o respondente for alfabetizado, ele mesmo pode sistematizar suas palavras; caso não seja, o aplicador pode se responsabilizar pela sistematização, desde

que em consulta ao respondente, para que não se perca a essência e originalidade da resposta dada).

### **Passos sobre o Lugar**

#### ***Passo 5 – Expressão sobre o lugar***

Este passo tem como objetivo focar sobre os sentimentos síntese relativos não apenas ao desejo, mas ao lugar, através de elaboração textual (Bonfim, 2008). Tal elaboração poderá ser narrativa (no caso de pessoas não alfabetizadas) ou escritas em forma de pequenos textos ou frases. Neste momento, o desejo não será mais fonte de estímulo para a resposta, mas a memória sobre o lugar.

#### ***Passo 6 – Comparação do lugar***

Nesta etapa, é solicitado ao respondente que faça uma comparação do lugar com outro, neste caso será incentivada a comparação com o local de vivência anterior (comunidade Paracatu de Baixo, no município de Mariana – MG), com o objetivo de produzir metáforas e analogias. Este exercício permite “uma nova síntese de compreensão de sentido da comunicação complexa do afeto” (Bonfim, 2008, p. 263) e pode ser expresso pela escrita ou pela fala.

#### ***Passo 7 – Caminhos percorridos***

Este exercício consiste na descrição dos caminhos que o respondente mais frequenta ou frequentava cotidianamente do lugar a ser analisado, elementos, usos, destinos e origens, nomes, que devem ser categorizados pelo próprio respondente. A importância deste passo consiste nas categorias elaboradas, nos usos e atividades cotidianas realizadas pelo respondente no e para com o lugar (Bonfim, 2008).

#### ***Passo 8 – Participação em associação e/ou em movimento social***

Bonfim (2008) ressalta neste passo, a importância de identificar afiliação à associação (seja cultural, comunitária, solidária, reivindicativa) ou a movimento social, reivindicativo ou solidário. As respostas devem ser objetivas (sim ou não) com espaço para justificativa e apontamento do tipo de associação e/ou movimento. Bonfim (2008) coloca em sua proposta de IGMA os dois tipos de participação em passos separados, porém nesta proposta de aplicação, ambos serão questionados num mesmo passo, compreendendo que são formas de participação que expressem afiliação comunitária, ideologia ou mesmo opção por atuação participativa e/ou coletiva.

### ***Passo 9 – Características sociodemográficas***

Esta parte do instrumento tem por objetivo uma caracterização sociodemográfica do respondente. As questões são: idade; sexo; origem; cidade e estado de residência atual e imediata ao rompimento; tempo de residência no lugar atingido e no lugar de residência atual; localização e tempo de residência em local diverso do atual após o rompimento; escolaridade; situação laboral e renda mensal (Bonfim, 2008)

## APÊNDICE II

### Instrumento Gerador de Mapas Afetivos

#### Mapa 1 – Local de Vivência Atual

Primeiramente, agradecemos a sua colaboração. Você poderia fazer um desenho que represente a rua onde você vive atualmente?

1. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas, sim, suas opiniões e impressões.

1.1 Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

---

---

---

---

---

---

1.2 Descreva que SENTIMENTOS o desenho lhe desperta:

---

---

---

---

---

1.3 Escreva seis palavras que resumam seus SENTIMENTOS em relação ao desenho:

1 _____	2 _____
3 _____	4 _____
5 _____	6 _____

2. Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre a rua onde vive atualmente. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião. 2.1 Caso alguém lhe perguntasse o que pensa do lugar, o que você diria?

---

---

---

---

---

2.2 Se você tivesse que fazer uma comparação entre sua rua e algo, com o que você a compararia? Por quê?

---

---

---

---

---

3. Descreva dois lugares perto da sua rua que você vai com frequência (utilize nomes de lugares de origem e destino e detalhes que chamem a sua atenção durante o trajeto/ou no lugar em que vai) no seu dia a dia.

Lugar 1

---

---

---

Lugar 2

---

---

---

#### 4. Escala de Estima de Lugar

As frases abaixo dizem respeito a avaliações, impressões e sentimentos que você pode ter acerca de diversos lugares. Pensando na rua onde reside atualmente, onde você mora, leia atentamente cada uma e indique seu nível de concordância. Para tanto, considere a escala de resposta ao lado. Por favor, procure não deixar as sentenças em branco e, não sabendo que há respostas certas ou erradas, tente responder de forma mais sincera possível.

A sua rua atual é um lugar QUE/ONDE:

1- Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 - Nem concordo, nem discordo; 4 – Concordo; 5 - Concordo Totalmente;

1. Considero como algo meu. 1 2 3 4 5

2. Está poluído. 1 2 3 4 5

3. Tenho a sensação de que estou desamparado. 1 2 3 4 5

4. Me sinto sossegado. 1 2 3 4 5

5. Não trocaria por nada. 1 2 3 4 5

6. Considero parte da minha história. 1 2 3 4 5

7. Parece abandonado. 1 2 3 4 5

8. Desconfio das pessoas. 1 2 3 4 5

9. Me envergonha. 1 2 3 4 5

10. Há riscos. 1 2 3 4 5

11. Sinto medo. 1 2 3 4 5

12. É ruim. 1 2 3 4 5



13. O perigo é constante. 1 2 3 4 5
14. Acho feio. 1 2 3 4 5
15. Me indigna. 1 2 3 4 5
16. Tenho oportunidades. 1 2 3 4 5
17. Me sinto tranquilo. 1 2 3 4 5
18. Com estruturas precárias. 1 2 3 4 5
19. Se não estou nele, quero voltar. 1 2 3 4 5
20. Me sinto identificado com ele 1 2 3 4 5
21. Admiro por sua beleza. 1 2 3 4 5

A sua rua é um lugar QUE/ONDE:

1- Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 - Nem concordo, nem discordo; 4 – Concordo; 5 - Concordo Totalmente;

22. Me deixa com raiva. 1 2 3 4 5
23. Sinto que faço parte. 1 2 3 4 5
24. Me sinto sufocado. 1 2 3 4 5
25. As coisas que acontecem nele são importantes para mim. 1 2 3 4 5
26. Tenho prazer. 1 2 3 4 5
27. É atraente para mim. 1 2 3 4 5
28. Sinto que estou desprotegido. 1 2 3 4 5
29. Me deixa orgulhoso. 1 2 3 4 5
30. Me sinto inseguro. 1 2 3 4 5
31. É desprezível. 1 2 3 4 5
32. Amo. 1 2 3 4 5
33. Devo estar alerta. 1 2 3 4 5
34. Me divirto. 1 2 3 4 5
35. Tem tudo a ver comigo. 1 2 3 4 5
36. Está destruído. 1 2 3 4 5
37. Tenho a sensação de que algo ruim pode acontecer. 1 2 3 4 5
38. Há sujeira. 1 2 3 4 5
39. Defenderia se necessário. 1 2 3 4 5
40. Tudo pode acontecer. 1 2 3 4 5

41. Me sinto apegado. 1 2 3 4 5

5. Você faz parte a algum grupo ou movimento? Sim ( ) Não ( ) Caso sim, que tipo de grupo e onde ele se localiza? Como tem sido a sua participação no grupo ou movimento?

---



---



---

6. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS Identificação (Como gostaria de ser chamado na pesquisa):

---

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_ Tempo de moradia: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_

Escolaridade:

( ) Sem estudos ( ) Ensino fundamental incompleto ( ) Ensino fundamental completo ( )  
Ensino médio incompleto ( ) Ensino médio completo ( ) Ensino superior incompleto ( )  
Ensino superior completo ( ) Pós-graduação

Valor aproximado da renda familiar:

( ) Nenhuma renda. ( ) Até 1 salário-mínimo ( ) De 1 a 3 salários mínimos ( ) De 3 a 6 salários  
mínimos ( ) De 6 a 9 salários mínimos ( ) De 9 a 12 salários mínimos ( ) De 12 a 15 salários  
mínimos ( ) Mais de 15 salários mínimos

## Mapa 2 – Local de Moradia Anterior (Paracatu de Baixo)

Você poderia fazer um desenho que represente a rua onde você vivia em Paracatu de Baixo?

1. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas, sim, suas opiniões e impressões.

1.1 Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

---



---



---



---



---



---

1.2 Descreva que SENTIMENTOS o desenho lhe desperta:

---



---



---



---



---

1.3 Escreva seis palavras que resumam seus SENTIMENTOS em relação ao desenho:

1 \_\_\_\_\_ 2 \_\_\_\_\_  
 3 \_\_\_\_\_ 4 \_\_\_\_\_  
 5 \_\_\_\_\_ 6 \_\_\_\_\_

2. Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre a rua onde vivia em Paracatu de Baixo. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião. 2.1 Caso alguém lhe perguntasse o que pensa do lugar, o que você diria?

---



---



---



---

2.2 Se você tivesse que fazer uma comparação entre o local em que vivia em Paracatu de Baixo e algo, com o que você a compararia? Por quê?

---



---



---



---

3. Descreva dois lugares perto do local em que vivia em Paracatu de Baixo que você vai com frequência (utilize nomes de lugares de origem e destino e detalhes que chamem a sua atenção durante o trajeto/ou no lugar em que vai) no seu dia a dia.

Lugar 1

---



---



---

Lugar 2

---



---



---

#### 4. Escala de Estima de Lugar

As frases abaixo dizem respeito a avaliações, impressões e sentimentos que você pode ter acerca de diversos lugares. Pensando na rua onde reside atualmente, onde você mora, leia atentamente cada uma e indique seu nível de concordância. Para tanto, considere a escala de resposta ao lado. Por favor, procure não deixar as sentenças em branco e, não sabendo que há respostas certas ou erradas, tente responder de forma mais sincera possível.

A sua rua em Paracatu de Baixo era um lugar QUE/ONDE:

1- Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 - Nem concordo, nem discordo; 4 – Concordo; 5 - Concordo Totalmente;

1. Considero como algo meu. 1 2 3 4 5
2. Está poluído. 1 2 3 4 5
3. Tenho a sensação de que estou desamparado. 1 2 3 4 5
4. Me sinto sossegado. 1 2 3 4 5
5. Não trocaria por nada. 1 2 3 4 5
6. Considero parte da minha história. 1 2 3 4 5
7. Parece abandonado. 1 2 3 4 5
8. Desconfio das pessoas. 1 2 3 4 5
9. Me envergonha. 1 2 3 4 5
10. Há riscos. 1 2 3 4 5
11. Sinto medo. 1 2 3 4 5
12. É ruim. 1 2 3 4 5
13. O perigo é constante. 1 2 3 4 5
14. Acho feio. 1 2 3 4 5
15. Me indigna. 1 2 3 4 5
16. Tenho oportunidades. 1 2 3 4 5
17. Me sinto tranquilo. 1 2 3 4 5
18. Com estruturas precárias. 1 2 3 4 5
19. Se não estou nele, quero voltar. 1 2 3 4 5
20. Me sinto identificado com ele 1 2 3 4 5
21. Admiro por sua beleza. 1 2 3 4 5

A sua rua em Paracatu de Baixo era um lugar QUE/ONDE:

- 1- Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 - Nem concordo, nem discordo; 4 – Concordo; 5 - Concordo Totalmente;
22. Me deixa com raiva. 1 2 3 4 5
  23. Sinto que faço parte. 1 2 3 4 5
  24. Me sinto sufocado. 1 2 3 4 5
  25. As coisas que acontecem nele são importantes para mim. 1 2 3 4 5
  26. Tenho prazer. 1 2 3 4 5
  27. É atraente para mim. 1 2 3 4 5
  28. Sinto que estou desprotegido. 1 2 3 4 5

29. Me deixa orgulhoso. 1 2 3 4 5
30. Me sinto inseguro. 1 2 3 4 5
31. É desprezível. 1 2 3 4 5
32. Amo. 1 2 3 4 5
33. Devo estar alerta. 1 2 3 4 5
34. Me divirto. 1 2 3 4 5
35. Tem tudo a ver comigo. 1 2 3 4 5
36. Está destruído. 1 2 3 4 5
37. Tenho a sensação de que algo ruim pode acontecer. 1 2 3 4 5
38. Há sujeira. 1 2 3 4 5
39. Defenderia se necessário. 1 2 3 4 5
40. Tudo pode acontecer. 1 2 3 4 5
41. Me sinto apegado. 1 2 3 4 5

## APÊNDICE III

### Roteiro de Entrevista

#### Identificação

Nome:

Idade:

Endereço anterior:

Endereço atual:

Est civil:

Filho/a(s):

Ocupação anterior:

ocupação atual:

Escolarização:

#### Presente

##### *Relações individuais e familiares com o lugar*

Há quanto tempo mora no local de residência atual?

Com quem mora atualmente?

Em que tipo de residência vive? Atende as necessidades da família e pessoais?

O que gosta de fazer / prefere fazer / faz?

##### *Relações e vida comunitária com o atual ambiente de vivência – laços e vínculos*

Como se desloca para o trabalho/escola/outra atividade?

Me conte sobre como é o seu dia a dia – sua rotina atual:

Como tem sido viver nessa comunidade/localidade? Conhece pessoas? Fez amigos? Como são as pessoas desse lugar? Como se sente em relação a elas?

Quais lugares frequenta? Quais lugares gosta de ir? Como se sente nesses locais? Onde as pessoas se encontram? O que gosta de fazer? O que a família gosta/não gosta? O que amigos gostam/não gostam?

### ***Aspectos de afeto com o lugar atual***

Como se sentia em relação ao seu atual local de moradia quando aqui chegou para morar?

Atualmente, como se sente em relação ao seu local de moradia?

Como foi feita a escolha? (Quem o fez? Opinou? Por quê?) O que achou da escolha?

O que mais gosta de sua vida aqui? Por quê?

O que menos gosta de sua vida aqui? Por quê?

### **Projeção de Futuro**

#### ***Aspectos individuais – projeção identitária, elaboração de conhecimento, informações e planejamentos sobre o lugar futuro***

Quais informações possui sobre local futuro de moradia?

Como se sente ao saber / não saber sobre tal lugar?

Como pensa que será sua vida no local onde viverá futuramente?

Tem feito planos para você e sua família para quando forem para o novo local?

#### ***Relações e vida comunitária com o futuro ambiente de vivência – laços e vínculos/ potencial de projeção e reorganização da vida comunitária e familiar***

Como gostaria que fosse? O que considera mais importante encontrar no novo lugar?

E sua casa? Como pretende que seja/gostaria que fosse?

Como gostaria que fossem as pessoas de lá?

Quem espera/ imagina/ sabe que fará parte de sua vizinha? Acredita que terão pessoas conhecidas?

Como gostaria que fosse / imagina sua rotina lá?

### **Passado**

#### ***Relações individuais com o antigo ambiente de vivência***

Por favor, me fale sobre como era o lugar em que vivia?

Como era sua vida lá?

Como se sentia?

Como era sua casa?

Quanto tempo morou lá? E antes disso? Morou em outros lugares?

O que mais gostava daquele lugar?

O que menos gostava daquele lugar?

#### ***Relações comunitárias com o antigo ambiente de vivência – laços e vínculos***

Como eram as pessoas do lugar?

Tinha amigos/familiares lá?

Quais lugares frequentava?

Onde gostava de ir? Por quê? o que costumava acontecer?

Tinha conhecimento ou em algum momento soube/ ouviu falar/ imaginou a possibilidade de ocorrência de um acidente como o que ocorreu? Sabia ou ouviu falar sobre os riscos de viver em tal local?



## APÊNDICE IV



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –TCLE

Convidamos você, \_\_\_\_\_, a participar da pesquisa “A Marca Da Lama: Um Estudo Sobre Os Impactos do Desastre na Bacia do Rio Doce sobre a Identidade de Lugar de Pessoas Atingidas”, desenvolvida com ex-moradores da comunidade Paracatu de Baixo, Mariana-MG. Os dados obtidos nesta investigação servirão à construção da dissertação de mestrado da pesquisadora Myrlene Pereira Santos, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob a orientação da professora Dra. Maria Cristina Smith Menandro.

Atividades - Caso aceite, você participará de duas atividades, realizadas de forma virtual e em sequência, através da Plataforma Google Meet. Na primeira, será aplicado o Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA), no qual é solicitado que você elabore um desenho sobre seu local de vivência e, em seguida, responda algumas questões sobre a ele, com apoio da pesquisadora, que serão registradas e analisadas. Na segunda atividade, será realizada entrevista com mais algumas questões a respeito de seus locais de vivência antes do desastre, atualmente e sobre o local de reassentamento. Com a sua permissão, a aplicação do IGMA e a entrevista serão gravadas com gravador de tela do Windows 10 para que as informações sejam mais bem registradas. Serão analisadas posteriormente as transcrições das entrevistas para a pesquisa.

Benefícios - A pesquisa não dá direito a qualquer retorno financeiro e não haverá gastos para o participante, porém oferecemos como benefício os resultados obtidos pela pesquisa de modo a contribuir com reflexões sobre a temática da pesquisa e serem utilizados conforme interesse dos participantes no processo de reparação integral.

Riscos - A pesquisa não oferece riscos físicos para os participantes, por ser feita virtualmente. Para evitar riscos relacionados à realização de pesquisa virtual, será gerado link único de reunião pelo Google Meet para a aplicação das atividades para cada participante, que será enviado apenas ao telefone autorizado e informado diretamente pelo participante; afim de evitar risco de acesso remoto às informações e dados pessoais, este TCLE e as gravações da aplicação do IGMA e das entrevistas serão baixados e armazenados somente em pen drive, de acesso restrito da pesquisadora, ficando indisponíveis para acesso remoto. Poderá ainda acontecer algum desconforto ao responder perguntas sobre os lugares de afeto para você. Caso aconteça, você poderá pedir a pausa ou interrupção da atividade, sem maiores prejuízos, ou mesmo poderá ser orientado e indicado a parceiros que poderão realizar atendimento psicossocial, se for de seu interesse.

Garantias - Ressaltamos que seu nome não será identificado em nenhuma das atividades, bem como não serão fornecidas informações a terceiros que possam lhe identificar. Assim, seu nome não será citado na dissertação, artigos, relatórios ou qualquer outro meio de divulgação da pesquisa. Você poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, solicitando que suas informações sejam retiradas, sem que isto implique qualquer prejuízo para você. A aceitação ou recusa em participar desta pesquisa não deve trazer qualquer contratempo, desconforto ou prejuízo físico ou material a você. Além disso, você terá acesso, a qualquer momento, às informações relacionadas à pesquisa. Conforme Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, caso você vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, terá resguardado o direito a assistência e a buscar indenização.

Contatos - Em caso de dúvidas e desistência, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Myrlene Pereira Santos por meio do e-mail [myrleneps.crdhnorte@gmail.com](mailto:myrleneps.crdhnorte@gmail.com), pelo telefone (38) 9.965-9040 ou pela Coordenação do Mestrado Acadêmico em Psicologia da UFES, situada Av. Fernando Ferrari, 514, 29060-970 - Vitória - ES, Brasil, pelo telefone (27) 4009-2501 ou e-mail: [ppgp.ufes@gmail.com](mailto:ppgp.ufes@gmail.com). ATENÇÃO: Em caso de denúncias e/ ou intercorrências na pesquisa o participante poderá contatar o Comitê de Ética e Pesquisa da UFES por meio do telefone: (27) 3145-9820, pelo e-mail: [cep.goiabeiras@gmail.com](mailto:cep.goiabeiras@gmail.com), pessoalmente ou pelo correio, através do endereço: Av. Fernando Ferrari, 514; Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910. O CEP/UFES é a instância da Universidade Federal do Espírito Santo responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Caso aceite participar, solicitamos que assine esse documento virtualmente, através da confirmação digital enviada por e-mail pela pesquisadora Myrlene Pereira Santos, através do site Assinatura Grátis, clicando no link “Assinar Documento”. Você receberá por e-mail uma via deste termo assinado e outra via permanecerá com a pesquisadora. O consentimento poderá ser dado também oralmente no início da aplicação do IGMA e da entrevista, se for de seu melhor interesse.

Vitória, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Eu, ..... abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar do estudo: “A Marca Da Lama: Um Estudo Sobre Os Impactos do Desastre na Bacia do Rio Doce sobre a Identidade de Lugar de Pessoas Atingidas”, declaro ainda que fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela Pesquisadora Responsável sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Assinatura .....

A **pesquisadora responsável declara** que esta pesquisa foi avaliada e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFES e que todos os procedimentos experimentais estão de acordo e obedecendo aos princípios éticos, conforme Resoluções nº 466/12 e 510/16 do CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, que estabelecem as diretrizes e normas regulamentadoras para as pesquisas envolvendo seres humanos no país.


Assinatura da Pesquisadora: \_\_\_\_\_

Myrlene Pereira Santos

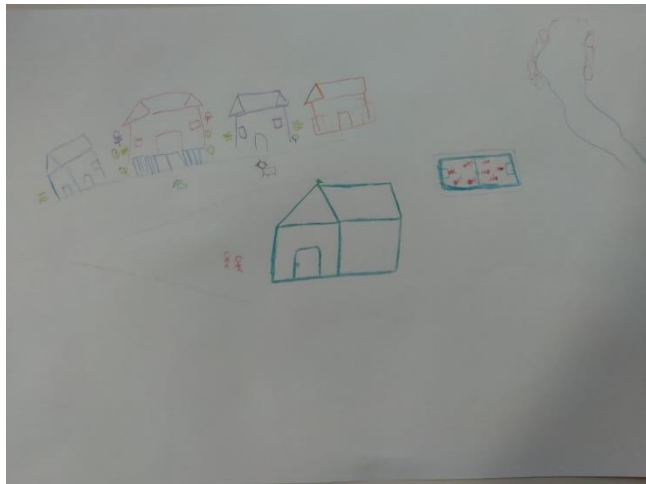
## APÊNDICE V – MAPAS AFETIVOS

### 1. Mapas Afetivos do Local de Moradia Anterior – Paracatu de Baixo

Mapa Videira – Lugar de moradia anterior

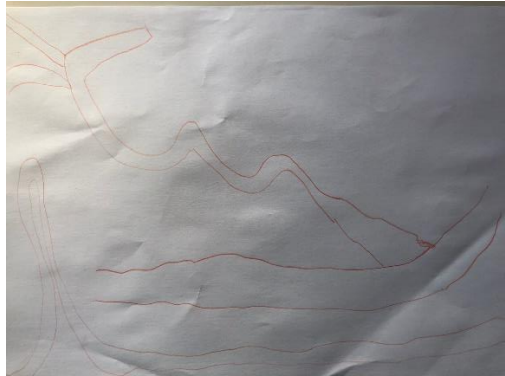
IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Videira Sexo: F Idade: 43 anos Endereço: R. Furquim – Paracatu de Baixo Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto Tempo na moradia anterior: 37 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Eu fecho os olhos e só vejo tudo de bom que tinha lá, fico imaginando tudo o que a gente viveu, tudo o que tinha e ver tudo do jeito que tá	Lugar calmo, tranquilo, sábado a domingo tinha futebol, tinha jogo de baralho, tinha uma quadra, meia noite tava batendo bola, não tinha preocupação, ficava até meia noite na frente da igreja, tinha missa, tinha festa	Indignação, tristeza, perda, saudade, carinho	Não tem comparação, não consigo comparar com nada
ESTRUTURA Metafórica		SENTIDO	
IMAGEM Pertencimento		A rua sem comparação apresenta o <b>Pertencimento</b> como categoria de <b>estima potencializadora</b> , onde o ambiente é descrito como calmo, tranquilo, de interação. Remete a memórias de tudo de bom que tinha lá, de momentos que trazem sentimentos de felicidade. Mesmo havendo sentimentos de tristeza e indignação, estes são referenciados, no geral, aos danos que o lugar sofreu e não ao local em si.	
			
IEL: 61			

## Mapa Cerejeira – Lugar de moradia anterior

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Cerejeira   Sexo: F   Idade: 23 anos   Endereço: R. São Caetano – Paracatu   Escolaridade: Ensino Médio Completo   Tempo na moradia anterior: 16 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Tem significado de um lugar que não existe mais, que deixa saudade	Sinto saudade da minha casa de estar perto das pessoas que eu convivi a vida toda	Saudade, tristeza, algo que não vai mais existir	Comparo com minha casa
ESTRUTURA Metafórica		SENTIDO	
IMAGEM Pertencimento 		A rua <b>casa</b> é aquela traz saudade de forma positiva, onde o lugar e as pessoas ali eram queridas e traz a memória de uma vida toda, apontando para o <b>Pertencimento</b> e uma <b>Estima Potencializadora</b>	
IEL: 40			

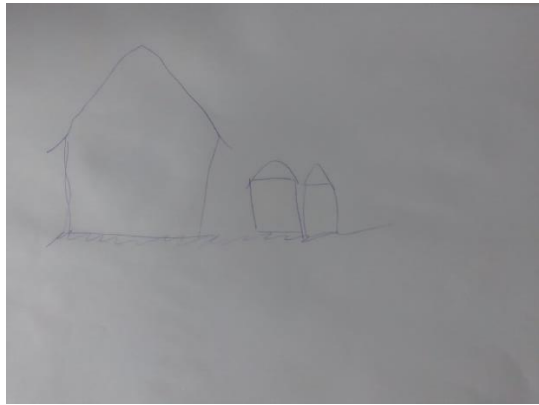
## Mapa Jacarandá – Lugar de moradia anterior

## IDENTIFICAÇÃO

Nome: Jacarandá Sexo: M Idade: 58 anos Endereço: R. Monsenhor Horta – Paracatu			
Escolaridade: Ensino Médio Completo Tempo na moradia anterior: 52 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Esse é o caminho do Paracatu, onde eu era feliz	A rota que eu fazia pra casa da minha mãe; o sabor do leite que minha fazia, contando as novidades, o que ia fazer depois; minhas meninas pequeninhas	Carinho, prazer, felicidade, saudade	Minha casa era um paraíso, era muito boa, era praticamente uma floresta, porque tinha tudo quanto é planta em volta, tudo cimentado, onde colocar minha moto, meu carro, tinha um banco chupava jabuticaba
ESTRUTURA Metafórica		<b>SENTIDO</b>	
IMAGEM Pertencimento		A rua paraíso/ floresta demonstra a imagem de <b>Pertencimento</b> , de memórias afetivas positivas, os sentimentos de carinho, prazer e felicidade demonstram uma <b>Estima Potencializadora</b> para com o lugar de vivência anterior	
			
IEL: 41			

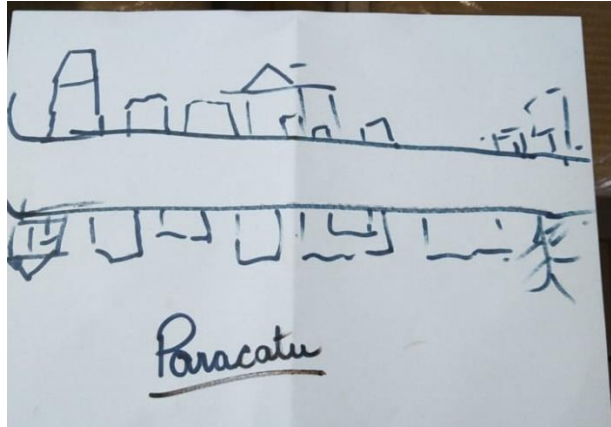
### Mapa Embaúba – Lugar de moradia anterior

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Embaúba Sexo: M Idade: 49 anos Endereço: R. Monsenhor Horta – Paracatu			
Escolaridade: Ensino Médio Completo Tempo na moradia anterior: 43 anos			

SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Penso que era uma casa com varanda, com 12 quartos, com área pra festas, quiosque pequeno pro os amigos	Pensa na casa, só fico imaginando, saudade, só tenho sentimento bom	Saudade, alegria, família	Comparo com uma casa antiga
ESTRUTURA Cognitivo		<b>SENTIDO</b>	
IMAGEM Pertencimento 		A rua casa antiga remete ao <b>Pertencimento</b> do que era conhecido, familiar, ancestral. Leva a uma <b>Estima Potencializadora</b> ao trazer apenas sentimentos bons, mesmo indicando saudade, do gostar de lembrar, de ser algo seu.	
IEL: 71			

#### Mapa Amoreira - Lugar de moradia anterior

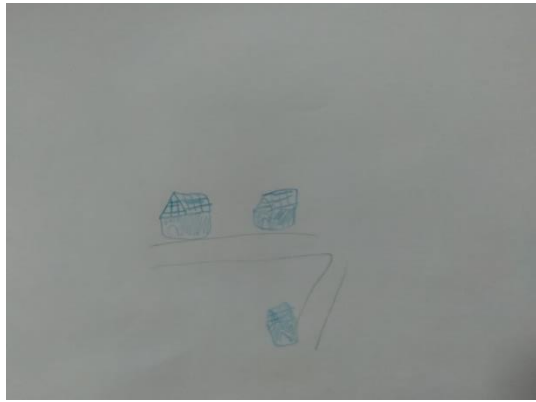
IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Amoreira Sexo: F Idade: 48 anos Endereço: R. Forquim – Paracatu Escolaridade: Ensino Médio Completo Tempo na moradia anterior: 43 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Onde a gente morou, onde passava dias, os fins de semana, um lugar bastante tranquilo	Pensava que era um lugar para o sossego para viver na natureza, longe de barulho de cidade maior, bem rural	Saudade; tristeza; tudo acabou; nada existe mais; perda; abandono	Um lugar para se morar, paz, tranquilo, calma

ESTRUTURA Cognitivo		<b>SENTIDO</b>	
IMAGEM Contraste 		A rua <b>casa antiga</b> remete ao <b>Contraste</b> , em que ao passo que demonstra um sentimento de sossego, paz e tranquilidade, evocam na atualidade sentimentos de tristeza, saudade, perda e abandono, evidenciando uma <b>Estima Despotencializadora</b>	
IEL: 10			

#### Mapa Aroeira - Lugar de moradia anterior

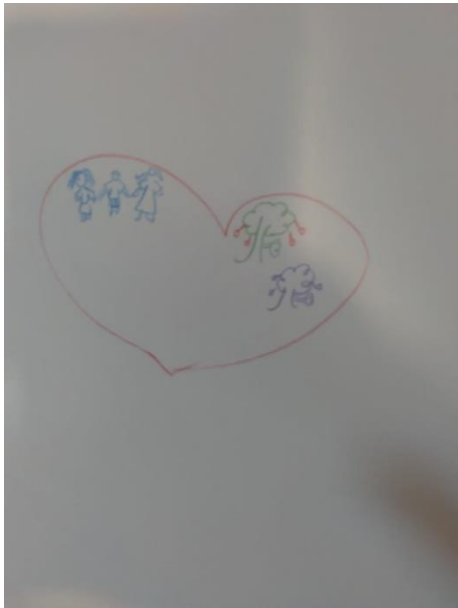
IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Aroeira Sexo: M Idade: 46 anos Endereço: R. Praça Santo Antônio – Paracatu de Baixo			
Escolaridade: Ensino Médio Completo Tempo na moradia anterior: 40 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
O lugar onde vivi minha vida toda, onde eu era feliz	Sentimento de saudade, vontade de voltar a ter o que é meu	Saudade, amor	Com o paraíso, era onde eu tinha minha profissão, minha vida, minhas coisas
ESTRUTURA Metafórico		<b>SENTIDO</b>	



<p>IMAGEM Pertencimento</p> 	<p>A rua <b>paraíso</b> é aquela que onde se viveu a vida toda, em que, apesar da saudade, sobressai o amor, demonstrando <b>Pertencimento e</b> a uma <b>Estima Potencializadora</b>, de onde se gostaria ter de volta.</p>
<p>IEL: 56</p>	

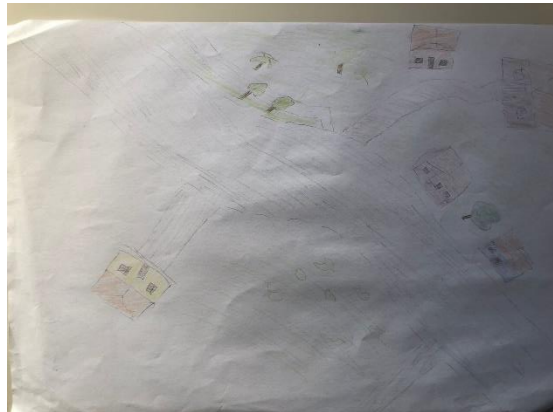
MAPA Gameleira – Lugar de moradia anterior

IDENTIFICAÇÃO			
<p>Nome: Gameleira Sexo: F Idade: 38 anos Endereço: R. - Mariana Escolaridade: Ensino Fundamental Completo Tempo na moradia anterior: 32 anos</p>			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
<p>É onde estava a família, os amigos, estavam todos perto, unidos. Pra mim, era sinônimo de liberdade</p>	<p>Sentimento de saudade, de que a gente era feliz</p>	<p>Saudade 2 familiar 3 aconchego 4 união 5 felicidade 6 liberdade</p>	<p>Um lugar para se morar, paz, tranquilo, calma</p>
<p>ESTRUTURA Metafórico</p>		<p>SENTIDO</p>	

<p>IMAGEM Pertencimento</p> 	<p>A rua lugar para se morar demonstra <b>Pertencimento</b> por ser aquela onde a saudade remete a algo familiar, aconchegante, onde havia os sentimentos de união, felicidade e liberdade, evidenciando uma <b>Estima Potencializadora</b></p>
<p>IEL: 54</p>	

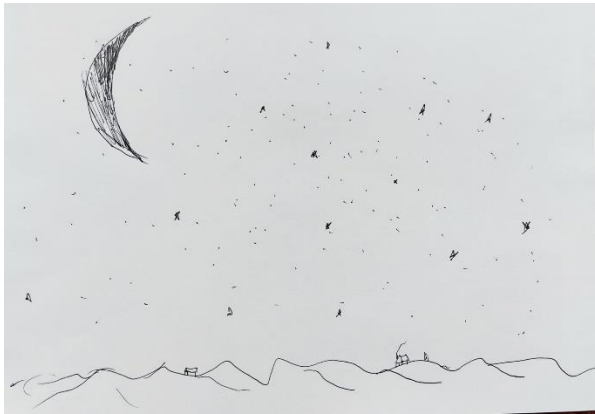
MAPA 2 Angico – Local de moradia anterior

IDENTIFICAÇÃO			
<p>Nome: Angico Sexo: M Idade: 22 anos Endereço: R. Antônio Faustino da Rocha - Mariana</p>			
<p>Escolaridade: Ensino Médio Incompleto Tempo na moradia atual: 4 anos</p>			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
<p>: na minha vida inteira, alegria, esperança paz, as petecas que jogava na rua, as queimadas, então representa muita coisa para mim. Representa a união de todos nós.</p>	<p>Um lugar muito bom, tranquilo, onde geral vai te entender, onde pode conversar de boa, pedir um café, pedir qualquer fruta, onde eu morava tinha muita fruta, limão goiaba, jabuticaba. Faz tempo que eu não sei o que é</p>	<p>Felicidade; paz; tranquilidade; afeto; amizades; união</p>	<p>Eu compararia com aqueles desenhos de criança, onde tem aquele céu e embaixo todo mundo brincando, todo mundo feliz. Eu compararia com isso.</p>

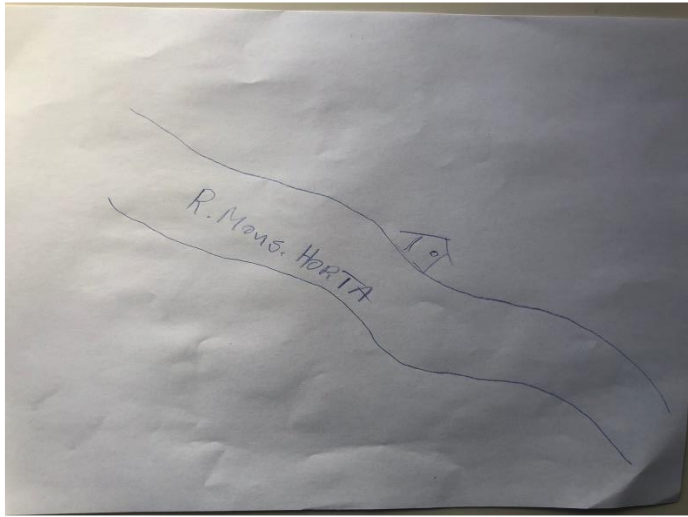
	jaboticaba. O pessoal era bem unido e bem compreensivo		
ESTRUTURA metafórico		<b>SENTIDO</b>	
IMAGEM Pertencimento 		A Rua desenho de criança é aquela das brincadeiras de criança, das memórias familiares de um tempo de união, paz, tranquilidade, afeto e amizade, remetendo a imagem de <b>pertencimento</b> e uma <b>estima potencializadora</b>	
IEL: 21			

#### MAPA Ipê– Lugar de moradia anterior

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Ipê Sexo: M Idade: 37 anos Endereço: R. Monsenhor Horta Escolaridade: Ensino Superior Completo Tempo na moradia atual: 3 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Significa o que a gente mais gostava de fazer lá, que era ficar em família vendo a noite estrelada	Lugar muito tranquilo, aconchegante. Desde a infância meu pai falava de ter essa terra lá	Tranquilidade, aconchego	Como um cometa, achava muito legal, vê e some de repente.
ESTRUTURA Metafórico		<b>SENTIDO</b>	

<p><b>IMAGEM Agradabilidade</b></p> 	<p>A rua cometa é aquela onde se podia estar em família, se sentia aconchego e havia gosto de estar nela, demonstra</p> <p><b>Agradabilidade e Estima Potencializadora</b></p>
<p>IEL: 28</p>	

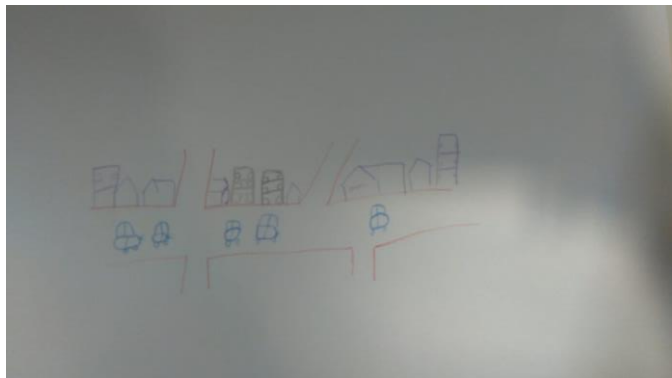
MAPA Eucalipto – Lugar de moradia anterior

IDENTIFICAÇÃO			
<p>Nome: Hortência Sexo: M Idade: 53 anos Endereço: R. Monsenhor Horta – Paracatu de Baixo Escolaridade: Ensino Médio Incompleto Tempo na moradia atual: 53 anos</p>			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
<p>Era um lugar que eu sonhei em ter</p>	<p>Lugar tranquilo, povo bom, onde eu sempre sonhei em ter</p>	<p>Tranquilidade, Felicidade, descanso</p>	<p>Comparo com um sonho realizado</p>
<p>ESTRUTURA Cognitivo</p>		<p>SENTIDO</p>	
<p><b>IMAGEM Pertencimento</b></p> 		<p>A rua <b>sonho realizado</b> é aquela onde se projetou um desejo, onde havia empenho, carinho e tranquilidade e onde se buscava para o descanso, demonstrando a imagem de <b>Pertencimento</b> e uma <b>Estima Potencializadora</b></p>	

IEL: 41	
---------	--

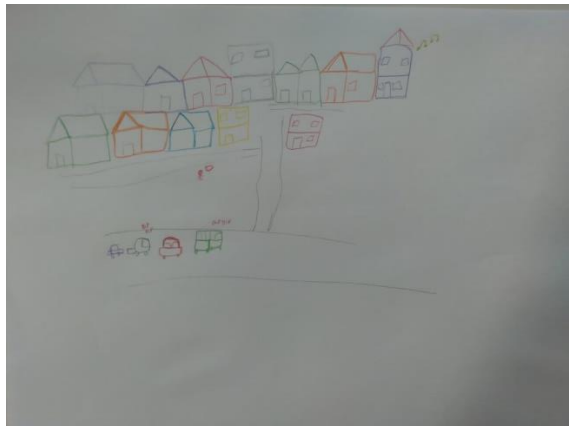
## 2 – Mapas Afetivos do Local de Moradia Atual

MAPA Videira – Lugar de moradia atual

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Videira    Sexo: F    Idade: 43 anos    Endereço: R. Esmeralda - Mariana Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto    Tempo na moradia anterior: 37 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Tudo diferente, olho pra hoje e não tenho a mesma imagem, é tudo estrado	Perda, tristeza, angústia, tudo ao mesmo tempo	Perda, tristeza, angústia	Como se fosse tudo estranho, comparo minha casa com uma passagem, porque eu estou doida pra ir embora
ESTRUTURA Metafórica		<b>SENTIDO</b>	
IMAGEM Destruição		A rua passagem é aquela em que a <b>Destruição</b> é percebida através dos sentimentos de tristeza, angústia e pela perda da comunidade antiga, demonstrando um sentido de <b>Estima Despotencializadora</b> com relação ao local atual de vivência, de onde a esperança é sair em breve	
			
IEL : - 33			

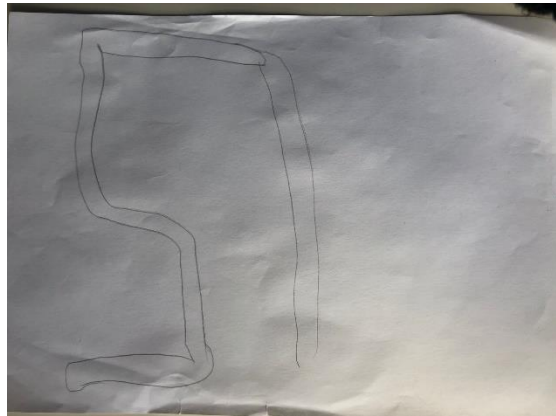
MAPA Cerejeira - Lugar de moradia atual

### IDENTIFICAÇÃO

Nome: Cerejeira Sexo: F Idade: 23 anos Endereço: R. Bahia - Mariana Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto Tempo na moradia atual: 6 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
É onde eu vivo agora, onde estou esperando ir pra casa	Diria que é normal	Esperança, recomeço, novidade, expectativa	Comparo com uma rua normal de cidade, mais movimentada, nada demais
ESTRUTURA Metafórica		<b>SENTIDO</b>	
IMAGEM Agradabilidade		A rua normal demonstra a <b>Agradabilidade</b> como <b>Estima Potencializadora</b> , pois demonstra adaptação, através dos sentimentos de esperança por um recomeço e conformidade na espera.	
			
IEL: 11			

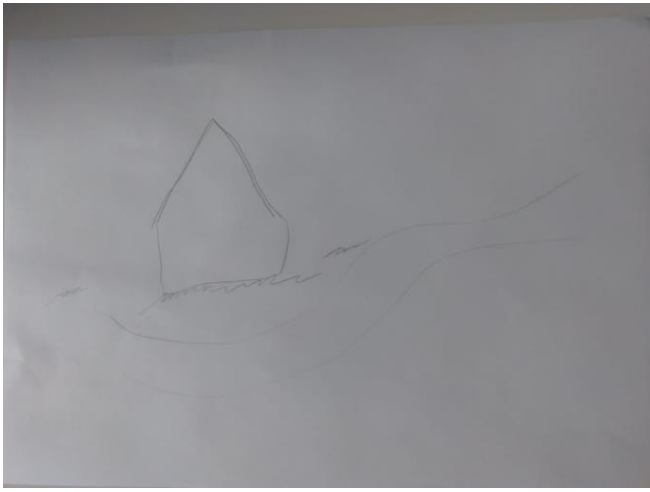
#### MAPA Jacarandá– Lugar de moradia atual

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Jacarandá Sexo: M Idade: 58 anos Endereço: R. Rubi - Mariana Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto Tempo na moradia atual: 4,5 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Esse desenho significa pra mim é que seria o caminho da minha casa no momento	Uma arezinha boa, tenho bananeira, muda de chá, hortinha pequena, pé de mexerica, pé de xuxu.	Saudade, cansaço, luta	Compararia, se fosse uma época de seca excelente, mas a época e chuva com um

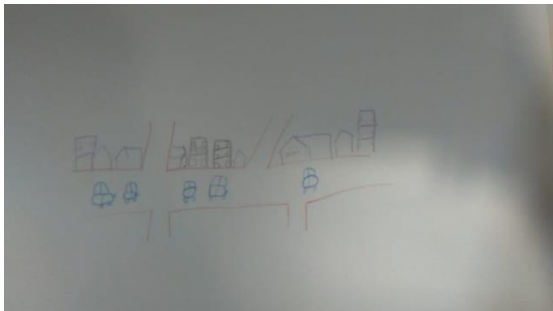
			chuveiro, porque molha muito
ESTRUTURA Cognitivo		<b>SENTIDO</b>	
IMAGEM Contraste 		A rua chuveiro demonstra <b>Contraste</b> e de uma <b>Estima Potencializadora e Despotencializadora</b> , onde o orgulho por ter construído sua nova casa com as próprias mãos e ter locais onde produzir se mistura com as dificuldades estruturais da residência e com as dificuldades da luta pela reparação	
IEL: - 6			

#### MAPA Embaúba – Lugar de moradia atual

Nome: Embaúba Sexo: M Idade: 49 anos Endereço: R. Forquim - Paracatu de Baixo Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto Tempo na moradia atual: 6 anos			
<b>SIGNIFICADO</b>	<b>QUALIDADE</b>	<b>SENTIMENTOS</b>	<b>METÁFORA</b>
Eu não morava aqui, essa rua não é minha, sinto que tô num lugar emprestado, a casa emprestada	Perdeu o Paracatu; senti falta minha família, meu pai; cada minha casa? Não tem. Não tem as festas...	Perda; falta; chateação	Eu comparo onde eu tô morando que eu tô em Paracatu. Como um lugar emprestado
ESTRUTURA Cognitivo		<b>SENTIDO</b>	


<p>IMAGEM Destruição</p> 	<p>A rua emprestada demonstra <b>Destruição</b> e de uma <b>Estima Despotencializadora</b>, onde o orgulho por ter construído sua nova casa com as próprias mãos e ter locais onde produzir se mistura com as dificuldades estruturais da residência e com as dificuldades da luta pela reparação</p>
<p>IEL: - 6</p>	

#### MAPA Aroeira – Lugar de moradia atual

<p>Nome: Aroeira Sexo: M Idade: 46 anos Endereço: R. Piauí - Mariana Escolaridade: Ensino Fundamental Completo Tempo na moradia atual: 6 anos</p>			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
<p>Esse desenho é da casa onde sou obrigado a viver hoje. Bem diferente e apertado se pensar onde morava antes</p>	<p>Sentimento de cansaço, de chateação com tanta espera</p>	<p>Cansaço; espera; chateação; descrença; impotência; fraqueza</p>	<p>Comparo com uma prisão, com um sentimento de não ter opção</p>
<p>ESTRUTURA Cognitivo</p>		<p>SENTIDO</p>	
<p>IMAGEM Insegurança</p> 		<p>A rua chuveiro demonstra <b>Insegurança</b> e de uma <b>Estima Despotencializadora</b>, demonstrados nos sentimentos de espera, cansaço, descrença, impotência e fraqueza atribuídos pelo participante ao estar no local de vivência atual</p>	
<p>IEL: - 27</p>			

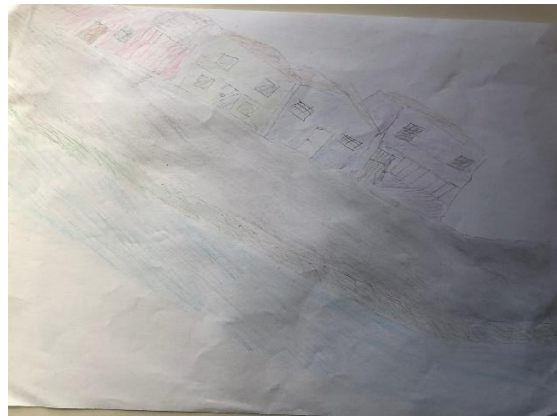


## MAPA Gameleira – local de vivência atual

Nome: Gameleira Sexo: F Idade: 38 anos Endereço: R. - Mariana Escolaridade: Ensino Fundamental Completo Tempo na moradia atual: 6 anos				
SIGNIFICADO		QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA
Esse desenho simboliza que estou distante das pessoas do meu convívio diário, cada um está num canto da cidade		Sentimento de solidão, às vezes, de estar num lugar que não é meu	Solidão; saudade; tristeza; mudança; adaptação forçada; presa	Eu compararia com uma terra estranha, porque os costumes do povo e o ritmo da vida aqui são diferentes lá da comunidade
ESTRUTURA Metafórico			<b>SENTIDO</b>	
IMAGEM Insegurança			A rua terra estranha é aquela onde há solidão, tristeza, em que não se tem o convívio das pessoas próprias, demonstrando uma imagem de <b>Insegurança</b> e de uma <b>Estima Despotencializadora</b>	
				
IEL: - 24				

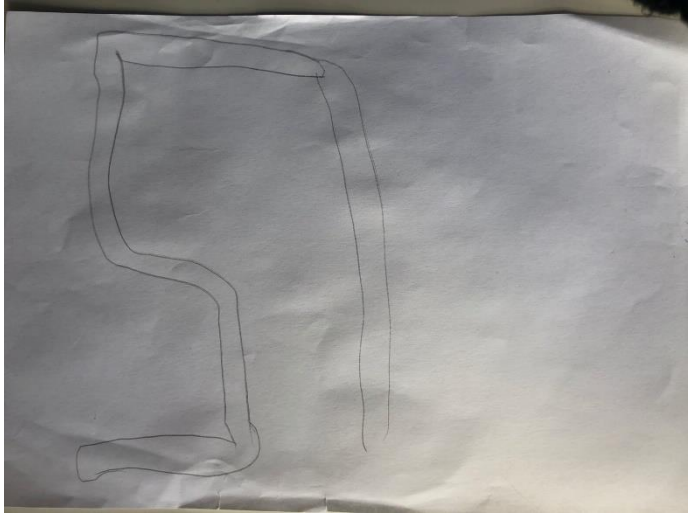
## MAPA Angico – Lugar de moradia atual

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Angico Sexo: M Idade: 22 anos Endereço: R. Antônio Faustino da Rocha - Mariana			
Escolaridade: Ensino Médio Incompleto Tempo na moradia atual: 4 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Significado de um passado de onde eu vivia, a diferença do habitat atual para o habitat do passado, sinto o ar pesado	Do presente o tanto que mudei, até mesmo a personalidade	Saudade; tristeza; ansiedade; solitário; raiva; angústia	Compararia a uma tatuagem preta, a um fundo preto, a um ponto escuro, não impede de sair, não tem nada contra, mas é muito para baixo, você não vê alegria aqui.
ESTRUTURA metafórico		SENTIDO	
IMAGEM Insegurança		A rua tatuagem preta é aquela onde a falta de alegria, o sentimento de ar pesado, a solidão, ansiedade, angústia e tristeza refletem uma imagem de <b>Insegurança</b> e de uma <b>Estima Despotencializadora</b>	
			
IEL: - 41			


## MAPA Jacarandá – Lugar de moradia atual

IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Jacarandá Sexo: M Idade: 58 anos Endereço: R. Rubi - Mariana			
Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto Tempo na moradia atual: 4,5 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA

Esse desenho significa pra mim é que seria o caminho da minha casa no momento	O desenho de onde eu moro é uma areazinha boa, tenho bananeira, muda de chá, hortinha pequena, pé de mexerica, pé de chuchu. Na cidade quem tem lugar pra plantar é muito bom. Aqui lembro dos últimos dias da minha mãe, mas também eu correndo atrás da Renova	Saudade, cansaço	Compararia, se fosse uma época de seca excelente, mas a época e chuva com um chuveiro, porque molha muito
ESTRUTURA Cognitivo		<b>SENTIDO</b>	
<p>IMAGEM Contraste</p> 		<p>A rua chuveiro demonstra <b>Contraste</b> e de uma <b>Estima Potencializadora</b>, onde o orgulho por ter construído sua nova casa com as próprias mãos e ter locais onde produzir se mistura com as dificuldades estruturais da residência e com as dificuldades da luta pela reparação</p>	
IEL: - 6			


#### MAPA Amoreira – Lugar de moradia atual

Nome: Amoreira    Sexo: F    Idade: 48 anos    Endereço: R. Bicentenário - Mariana    Escolaridade: Ensino Médio Completo    Tempo na moradia atual: 48 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
ladeira não tão íngreme, mas é uma subidinha. Significa a	Adoro a rua, gosto muito	gosto muito; prazer; muito bonito	Com uma rua asfaltada, que faz

<p>rua onde moro, minha cidade que eu gosto muito</p>			<p>parte do patrimônio histórico, se você reparou essas coisinhas são as pedras</p>
ESTRUTURA Cognitivo		<b>SENTIDO</b>	
<p>IMAGEM Pertencimento</p> 		<p>A rua patrimônio histórico demonstra <b>Pertencimento</b>, pela presença dos sentimentos de prazer, de gostar e de beleza. O carinho pela cidade demonstram uma e de uma <b>Estima Potencializadora</b>.</p>	
IEL: 25			

MAPA Ipê – Lugar de moradia atual

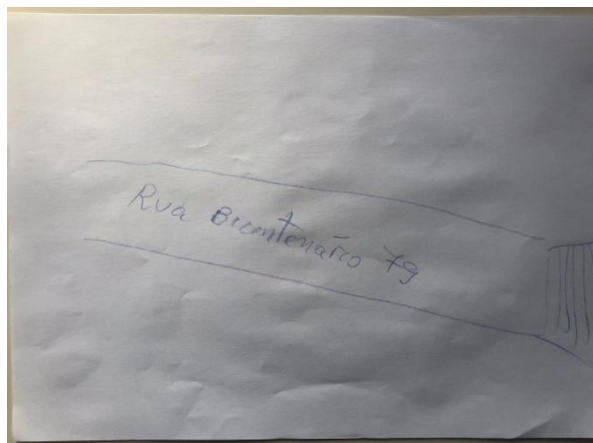
IDENTIFICAÇÃO			
Nome: Ipê Sexo: M Idade: 37 anos Endereço: R. Raimundo Assis Ventura			
Escolaridade: Ensino Superior Completo Tempo na moradia atual: 3 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Significa um lugar novo, mas muito agradável também	Lugar tranquilo, que relaxa	Tranquilidade,	Com alguma ilha deserta, pra mim, por essa sensação de ir pra um lugar diferente do meu dia a dia,

			consegue descansar, ter privacidade
ESTRUTURA metafórico		<b>SENTIDO</b>	
IMAGEM Agradabilidade		A rua Ilha é aquela que traz o sentido novo, mas agradável, traz descanso e privacidade, demonstrando	
		<b>Agradabilidade e Estima</b> <b>Potencializadora</b>	
IEL – 38			

### Mapa Eucalipto – Lugar de moradia atual

Nome: Eucalipto Sexo: M Idade: 53 anos Endereço: R. Bicentenário - Mariana Escolaridade: Ensino Médio Incompleto Tempo na moradia atual: 53 anos			
SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTOS	METÁFORA
Esse desenho é da rua onde eu vivo com minha esposa	É um lugar que eu gosto muito, tenho muitos conhecidos. Gostei de voltar para lá	Gosto muito, conhecida, legal	Comparo com minha casa
ESTRUTURA Cognitivo		<b>SENTIDO</b>	

IMAGEM Pertencimento



IEL: 41

A rua casa é aquela onde há familiaridade, onde a reconhecimento, demonstrando uma imagem de **Pertencimento** e uma **Estima Potencializadora**

**ANEXO I**

**Parecer Consubstanciado do CEP**

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A MARCA DA LAMA:  
UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DO DESASTRE NA BACIA DO RIO DOCE SOBRE A  
IDENTIDADE DE LUGAR DE PESSOAS ATINGIDAS

**Pesquisador:** Myrlene Santos

**Área Temática:**

**Versão:**1

**CAAE:** 51831221.4.0000.5542

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:**5.029.721

#### **Apresentação do Projeto:**

O presente estudo trata da “A MARCA DA LAMA: UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DO DESASTRE NA BACIA DO RIO DOCE SOBRE A IDENTIDADE DE LUGAR DE PESSOAS ATINGIDAS”.

A autora do projeto explica que

O estudo proposto por esta pesquisa objetiva investigar os impactos psicossociais do desastre socioambiental provocado pelo rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana-MG, sobre as pessoas atingidas na comunidade Paracatu de Baixo, verificando se há alterações no que diz respeito à Identidade de Lugar, ao Enraizamento e Estima de Lugar destas pessoas. As teorias que fundamentarão esta pesquisa são os conceitos de Identidade de Lugar, Percepção Ambiental e o Enraizamento advindos da Psicologia Ambiental, apoiados pela teoria dos Conflitos Ambientais e seus impactos psicossociais. Para isso, serão utilizados como métodos de pesquisa qualitativa: Pesquisa Documental, Mapas Afetivos aplicados virtualmente e Entrevistas On Line. Será feita análise de conteúdo para os dados coletados através da Pesquisa Documental e das Entrevistas, que também contarão com a construção de zonas de sentido. Enquanto que os Mapas Afetivos serão submetidos a análises categoriais do subtexto, do sentido e domotivo.

#### DESFECHO PRIMÁRIO:

**Endereço:** Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

**Bairro:** Goiabeiras

**CEP:** 29.075-910

**Município:** VITORIA

**Telefone:** (27)3145-9820

**E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com





UNIVERSIDADE FEDERAL  
DOESPÍRITO SANTO -  
UFES/CAMPUS GOIABEIRA



Continuação do Parecer: 5.029.721

Verificar os impactos psicossociais, no que tange à identidade de lugar das pessoas atingidas, bem como a estima de lugar e o enraizamento, nas relações entre moradores e o lugar onde eles viviam e onde eles passaram a viver – seja devido à remoção para outros espaços ou à modificação do mesmo espaço devivência.

**METODOLOGIA PROPOSTA:**

A autora do projeto descreve com clareza a metodologia que será utilizada, conforme descrito a seguir: A metodologia a ser adotada nesta pesquisa será de cunho qualitativo, de acordo com Gil (2002), abordando a perspectiva multimétodos descrita por Günther, Elali e Pinheiro (2008), como técnica alternativa para levantar informações acerca da Psicologia Ambiental. Neste caso, serão utilizados pesquisa documental (Gil, 2002), entrevistas (Gunter, 2008) e mapas afetivos (Bonfim, 2008). Serão selecionados 10 participantes, através da indicação da Cáritas Regional Minas Gerais que assessora as famílias atingidas no processo por reparação integral, tomando como critérios: pessoas maiores de 18 anos, que viviam na comunidade de Paracatu de Baixo, em espaço diretamente impactado pelo desastre, deslocados compulsoriamente para a cidade de Mariana. Os indicados serão consultados por telefone e orientados sobre acesso à internet, equipamentos e a aplicação virtual dos instrumentos . O TCLE será enviado por e-mail e assinado pelos que concordarem em participar. Serão feitas pesquisas documentais, utilizando a Ação Civil Pública do Ministério Público e a Matriz de Danos elaborada pela Cáritas, afim de caracterizar o desastre em si, o público alvo e impactos psicossociais levantados nestes documentos, além do plano de realocação de moradores de Paracatu de Baixo produzidos pela Fundação Renova e Samarco/SA, que contribuirá para a compreensão da realocação das famílias atingidas e indicando a categoria ambiental a ser retratada pelo mapa afetivo, dependendo da dispersão das famílias (rua, bairro ou cidade). Em reunião virtual agendada via Google Meet, os participantes serão orientado construir de um mapa afetivo (BONFIM, 2008, seguindo os passos do instrumento, devendo conferir a elaboração do desenho, atribuição designificado, palavras-síntese e da “formulação de sínteses ligadas aos sentimentos, ligadas de forma menos elaborada e de forma mais sensível” (BOMFIM, 2010 p. 137), expressão e comparação do lugar, caminhos percorridos, participação comunitária e características sociodemográficas, onde será retratado, através de desenho, o espaço onde os participantes vivem atualmente, e estimulado o relato dos usos e afetos destes ambientes, quais são as relações e afetos atuais estabelecidas com o espaço, entre as pessoas que o compõem e a comunidade. Será feita a análise categorial, do subtexto, do sentido e do motivo, buscando

**Endereço:** Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

**Bairro:** Goiabeiras

**CEP:** 29.075-910

**Município:** VITORIA

**Telefone:** (27)3145-9820

**E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.029.721

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DOESPÍRITO SANTO -  
UFES/CAMPUS GOIABEIRA



identificar a estrutura do desenho, qualidade, sentimento, metáfora e estrutura do desenho (BONFIM, 2008). A aplicação do IGMA possibilitará a categorização em cinco temas: Pertencimento, Agradabilidade, Insegurança, Destruição e Contrastes, conforme definição da literatura pertinente (Bonfim, 2010). Em sequência, também via Google Meet, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes, complementares aos Mapas Afetivos, tendo como foco principal as relações entre os/as participantes e vizinhos; e relação dos participantes e local de vivência anterior e posterior ao desastre. As entrevistas serão organizadas afim de analisar os seguintes tópicos: Presente (relações individuais e familiares com o lugar, relações e vida comunitária com o atual ambiente de vivência – laços e vínculos; aspectos de afeto com o lugar atual); Projeção de Futuro (aspectos individuais – projeção identitária, elaboração de conhecimento, informações e planejamentos sobre o lugar futuro; Relações e vida comunitária com o futuro ambiente de vivência – laços e vínculos/ potencial de projeção e reorganização da vida comunitária e familiar); Relação com o Passado (relações individuais com o antigo ambiente de vivência; relações comunitárias com o antigo ambiente de vivência – laços e vínculos).

Consta no TCLE: “Atividades - Caso aceite, você participará de duas atividades, realizadas de forma virtual e em sequência, através da Plataforma Google Meet. Na primeira, será aplicado o Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA), no qual é solicitado que você elabore um desenho sobre seu local de vivência e, em seguida, responda algumas questões sobre a ele, com apoio da pesquisadora, que serão registradas e analisadas. Na segunda atividade, será realizada entrevista com mais algumas questões a respeito de seus locais de vivência antes do desastre, atualmente e sobre o local de reassentamento. Com a sua permissão, a aplicação do IGMA e a entrevista serão gravadas com gravador de tela do Windows 10 para que as informações sejam melhor registradas. Serão analisadas posteriormente as transcrições das entrevistas para a pesquisa”.

Ainda, há o detalhamento das técnicas e referências que serão utilizadas nas páginas 17 a 22 do projeto detalhado.

**REFERÊNCIA SUCINTA AOS CRITÉRIOS DE PARTICIPAÇÃO:**

-Critério de Inclusão:

Selecionar 10 participantes, tomando como critérios: pessoas maiores de 18 anos, que até novembro de 2015 viviam na comunidade de Paracatu de Baixo, em espaço diretamente

**Endereço:** Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

**Bairro:** Goiabeiras

**CEP:** 29.075-910

**Município:** VITÓRIA

**Telefone:** (27)3145-9820

**E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.029.721

Impactadas pelo desastre onde tenha ocorrido alteração ambiental, e que foram deslocados compulsoriamente para a cidade de Mariana.

**SOBRE OS CRITÉRIOS DE PARTICIPAÇÃO – INTERRUPTÃO DA PESQUISA:** Consta no TCLE: “Você poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, solicitando que suas informações sejam retiradas, sem que isto implique qualquer prejuízo para você”.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Os objetivos do projeto serão:

**Objetivo Primário:** Compreender se a política de realocação das pessoas deslocadas compulsoriamente de Paracatu de Baixo está considerando os aspectos de apropriação do espaço de moradores/as da região atingida, diante do deslocamento compulsório pós-rompimento, verificando se há impactos psicossociais deste processo de realocação sobre a identidade, a estima de lugar e enraizamento destas pessoas.

**Objetivo Secundário:** Objetivos específicos- Caracterizar o processo de realocação de pessoas de Paracatu de Baixo atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, identificando se são levados em conta aspectos que possibilitem a reapropriação de espaço com vistas a potencialização da estima para com o lugar.- Analisar categorias de impactos psicossociais apontados pelos moradores com relação a realocação para o ambiente de moradia atual.- Identificar estima das pessoas deslocadas compulsoriamente com relação a comunidade de Paracatu de baixo, com vistas aos aspectos de enraizamento (ou desenraizamento) para com aquele ambiente;- Identificar estima das pessoas deslocadas compulsoriamente com relação ao local de moradia atual; - Identificar a perspectiva e afetos das pessoas atingidas sobre o território previsto para seu reassentamento.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Conforme consta no TCLE, os RISCOS E DESCONFORTOS que o sujeito possa apresentar, assim como as medidas de segurança, são descritas a seguir:

“Riscos- A pesquisa não oferece riscos físicos para os participantes, por ser feita virtualmente. Para evitar riscos relacionados à realização de pesquisa virtual, será gerado link único de reunião

**Endereço:** Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

**Bairro:** Goiabeiras

**CEP:** 29.075-910

**Município:** VITÓRIA

**Telefone:** (27)3145-9820

**E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.029.721

pelo Google Meet para a aplicação das atividades para cada participante, que será enviado apenas a telefone autorizado e informado diretamente pelo participante; afim de evitar risco de acesso remoto às informações e dados pessoais, este TCLE e as gravações da aplicação do IGMA e das entrevistas serão baixados e armazenados somente em pen drive, de acesso restrito da pesquisadora, ficando indisponíveis para acesso remoto. Poderá ainda acontecer algum desconforto ao responder perguntas sobre os lugares de afeto para você. Caso aconteça, você poderá pedir a pausa ou interrupção da atividade, sem maiores prejuízos, ou mesmo poderá ser orientado e indicado a parceiros que poderão realizar atendimento psicossocial, se for de seu interesse”.

Conforme consta no Projeto informações básicas, os possíveis benefícios aos sujeitos são: “Identificação de características potencializadoras de estima de lugar; - Melhoria da política de realocação de pessoas removidas compulsoriamente por desastres; - Favorecimento da reapropriação do espaço; Levantamento de elementos para a manutenção e/ou adaptação da identidade de lugar de pessoas atingidas por desastres; - Levantamento de estratégias para enraizamento de pessoas atingidas por desastres e removidas compulsoriamente, através da estima de lugar”.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O protocolo de pesquisa trata-se de pesquisa de Mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Com base na Resolução n. 466/2012 CNS, analisou-se:

- \*\* A Folha de Rosto: adequada. Consta o preenchimento correto, assinatura e carimbo.
- \*\* Projeto detalhado: o arquivo Projeto\_Qualificacao\_Myrlene\_Identidade\_de\_Lugar.docx (postado em 02/09/2021) consta o projeto completo.
- \*\* Quanto ao cronograma de execução do estudo: adequado, conforme consta nas informações básicas do projeto: (Página 4).
- \*\* Em relação ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido: o mesmo foi escrito de maneira completa e compreensível aos sujeitos do estudo, com concisão e objetividade e com a descrição suficiente dos procedimentos.
- \*\* Quanto ao orçamento do estudo: consta nas informações básicas do projeto: financiam

**Endereço:** Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

**Bairro:** Goiabeiras

**CEP:** 29.075-910

**Município:** VITÓRIA

**Telefone:** (27) 3145-9820

**E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.029.721

próprio.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Projeto Detalhado / Brochuralnv estigador	Projeto_Qualificacao_Myrlene_Identidade_de_Lugar_NOVO.docx	04/10/2021 17:52:38	DEBORA DUMMERMEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /Justificativa deAusência	TCLE_NOVO.docx	04/10/2021 17:52:22	DEBORA DUMMERMEIRA	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1811903.pdf	15/09/2021 16:31:01		Aceito
Projeto Detalhado / Brochuralnv estigador	Projeto_Qualificacao_Myrlene_Identidade_de_Lugar.docx	02/09/2021 17:32:39	Myrlene Santos	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	02/09/2021 10:24:39	Myrlene Santos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /Justificativa de Ausência	TCLE.docx	02/09/2021 10:24:17	Myrlene Santos	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_MyrlenePereira.pdf	20/08/2021 15:20:58	Myrlene Santos	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

**Bairro:** Goiabeiras

**CEP:** 29.075-910

**Município:** VITORIA

**Telefone:** (27)3145-9820

**E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO ESPÍRITO SANTO -  
UFES/CAMPUS GOIABEIRA



Continuação do Parecer: 5.029.721

VITORIA, 08 de Outubro de 2021

---

**Assinado por: KALLINE PEREIRA AROEIRA**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

**Bairro:** Goiabeiras

**CEP:** 29.075-910

**Município:** VITORIA

**Telefone:** (27) 3145-9820

**E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com